

FEV  
200  
PRETO

ARTE E INSTITUCIONALIZAÇÃO  
(o papel das atividades artísticas, musicais  
no processo de institucionalização do menor)

Glória Maria Bruno da Silveira Rocha<sup>o/</sup>

## ARTE E INSTITUCIONALIZAÇÃO

(o papel das atividades artísticas musicais  
no processo de institucionalização do menor)

Glória Maria Bruno da Silveira Rocha

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em Educação.

46

Rio de Janeiro  
Fundação Getúlio Vargas  
Instituto de Estudos Avançados em Educação  
Departamento de Psicologia da Educação  
1985

*Aos meus pais, meus maiores incentivadores e amigos para que cada vez mais eu alcance novas fronteiras do saber.*

*Ao meu marido que me acompanhou nessa trajetória tão difícil, procurando apoiar-me e incentivar-me.*

*Aos meus irmãos, cunhadas e sobrinhos, pelo interesse que demonstraram por mais esta minha caminhada.*

## Agradecimentos

A ASSEAF (Associação de Ex-alunos da Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor) que me propiciou a concretização desse estudo.

Ao Corpo de Bombeiros do Estado do Rio de Janeiro que tão gentilmente colaborou, permitindo entrevistas a músicos da Banda da sua corporação.

Ao educador Augusto Rodrigues que através do diálogo me forneceu valiosos subsídios.

À professora Esther Arantes Camargo pelo apoio e colaboração dados.

À professora Maria Lucia do Eirado Silva por saber me ouvir, apoiar e incentivar através de sua paciência e amor à pesquisa.

À professora Angela Valadares Dutra de Souza Campos os meus mais sinceros agradecimentos por sua preciosa orientação e encaminhamentos das questões na diretriz, dessa dissertação.

## SUMÁRIO

	Pag.
CAPÍTULO I	
INTRODUÇÃO .....	1
CAPÍTULO II	
REFERENCIAL TEÓRICO .....	15
2.1 - Institucionalização no desenvolvimento psicossocial do menor .....	15
2.2 - A arte no desenvolvimento psicossocial do menor .....	22
CAPÍTULO III	
A FUNDAÇÃO NACIONAL DO BEM-ESTAR DO MENOR - FUNABEM	29
CAPÍTULO IV	
A ASSOCIAÇÃO DOS EX-ALUNOS DA FUNDAÇÃO NACIONAL DO BEM-ESTAR DO MENOR (ASSEAF) .....	44
CAPÍTULO V	
A PESQUISA - METODOLOGIA .....	47
CAPÍTULO VI	
ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....	54
CAPÍTULO VII	
CONCLUSÕES .....	70

	Pag.
BIBLIOGRAFIA .....	83
ANEXOS	
ANEXO I - Roteiro das entrevistas .....	88
ANEXO II - Entrevistas .....	92

## R E S U M O

O objetivo deste trabalho foi o de tentar entender o contexto do menor institucionalizado, questionando até que ponto a arte na instituição é buscada pela arte; se a arte propicia a busca de identidade e influi na auto-estima do menor, e se ela contribui para a reintegração do menor na sociedade.

Este estudo volta-se em sua introdução para a caracterização da problemática do menor partindo de uma descrição sobre o SAM (Serviço de Assistência a Menores) e a FUNABEM (Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor) para poder situar o menor institucionalizado e compreender o seu processo de institucionalização, ressaltando, nesta, dados relativos às atividades musicais. Inicialmente, apresenta-se o resultado de estudos de teses e subsídios de livros e artigos publicados sobre o menor institucionalizado e o processo de institucionalização.

A seguir o referencial teórico é explicitado abordando-se aspectos importantes e, em especial os efeitos da institucionalização e da arte no desenvolvimento psicossocial do menor.

Duas instituições foram mais de perto descritas: (SAM e FUNABEM) e, em seguida, partiu-se para a caracterização da ASSEAF (Associação de Ex-alunos da Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor), onde foram buscados os ex-alunos que participaram da pesquisa.

A metodologia da pesquisa se aproxima à fenomenológica, tendo como sujeitos os ex-alunos do SAM e da FUNABEM ligados à arte, os quais se encontravam alguns na ASSEAF, e outros, no Corpo de Bombeiros do Estado do Rio de Janeiro. Estes ex-alunos deram seus depoimentos em situação de entrevistas semi-estruturadas. Foram realizados também discussões em grupo, levantamento de documentos e outras informações constantes dos arquivos da ASSEAF.

Os resultados da análise são discutidos tendo sido feita a categorização de todo o material recolhido.

Concluiu-se, do ponto de vista dos ex-alunos, que a arte musical deveria ser procurada, respondendo por uma vocação — em alguns casos isto até acontece — mas, na instituição, esta procura funciona como uma troca de vantagens e benefícios; prestígio para o aluno versus prestígio para a instituição. Nessa troca de benefícios, a arte possibilita a busca de identidade à medida em que proporciona oportunidades de realização pessoal, elevação da auto-estima, melhoria de relacionamentos, e, sobretudo, uma identificação com a música. Porém, os efeitos da prática das atividades artísticas musicais não são suficientemente consistentes no sentido de determinar a plena reintegração do menor à sociedade, pois depende de um grande número de fatores. Mesmo no plano dessa visão positiva em relação à arte musical, encontram-se evidências de ambiguidade que perpassam por todas as representações analisadas nas conclusões. Assim é que os ex-alunos, muitas vezes, reforçam o uso institucional da prática artística musical, em contraposição aos efeitos benéficos que dela advêm. E, quando falam na música como centro de sua identificação, indicam o interesse e o esforço pessoal como fatores marcantes em direção a essa possibilidade de identificação.



## R E S U M É

Ce travail a eu le but de comprendre le contexte d'internement du mineur dans les institutions publiques chargées de son assistance, ainsi que le contexte après son dégagement de l'internat, en questionnant: si, dans l'institution, les activités artistiques musicales réalisées par les mineurs ont été cherchées par elles-mêmes; si l'art contribue à la recherche de l'identité et au développement de l'auto-estime de la part du mineur; et si l'art favorise la réintégration du mineur à la société.

Cette étude, dans son introduction, vise la caractérisation du problème du mineur, partant d'une description du S.A.M. (Service d'Assistance aux Mineurs) et de la FUNABEM (Fondation Nationale du Bien-être du Mineur) pour pouvoir situer le mineur interné et comprendre son *processus* de vie institutionnelle, en rehaussant les données concernant les activités musicales. On présente d'abord le résultat d'études, de dissertations et de contributions apportées par des livres et des articles publiés sur la question du mineur interné et sur le *processus* institutionnel.

Ensuite, on explicite le référentiel théorique de l'étude, en abordant des aspects importants, en particulier les effets du *processus* de vie institutionnelle et de l'art sur le développement psycho-social du mineur.

Deux institutions ont été analysées d'une manière plus détaillée (S.A.M. et FUNABEM) et ensuite on a fait la caractérisation de l'ASSEAF (Association des Anciens Elèves de la FUNABEM), où on a localisé les ex-internes qui ont participé de cette recherche.

La méthodologie utilisée est d'inspiration phénoménologique, ayant comme sujet d'étude les ex-internes du S.A.M. et de la FUNABEM qui se sont liés à l'art et on été rencontrés soit à l'ASSEAF, soit au Corps des Pompiers de l'Etat de Rio de Janeiro. Ces ex-internes ont fait leurs

déclarations pendant des entretiens semi-structurés, On a réalisé aussi des discussions en groupe et le prélèvement de documents et d'autres informations dans les archives de l'ASSEAF.

Les résultats de l'analyse des données sont discutés l'analyse ayant été fondée sur l'élaboration de catégories qui synthétisant l'ensemble des matériaux recueillis.

En considérant le point de vue des ex-internes, les conclusions montrent que l'art musical devrait être recherché par vocation — comme il arrive dans quelques cas; pourtant, dans l'institution, cette recherche de la musique représente un échange d'avantages et de bénéfices, le prestige pour l'élève contre le prestige pour l'institution. Au cours de cet échange de bénéfices, l'art possibilite la recherche de l'identité, dans la mesure où se créent des opportunités de réalisation personnelle, l'élévation de l'auto-estime, l'amélioration des relations et, surtout, une identification avec la musique. Les effets de la pratique des activités artistiques musicales ne sont pas, cependant, suffisamment consistantes dans le sens de déterminer la pleine réintégration du mineur à la société, puisque celle-ci dépend d'un grand nombre de facteurs. Dans le plan même de cette vision positive concernant l'art musical, il y a des évidences d'ambiguïté qui traversent toutes les représentations analysées dans les conclusions. C'est ainsi que plusieurs fois les ex-internes soulignent l'usage institu-tionnel de la pratique artistique musicale, en le contrastant avec les effets bénéfiques qui en déconlent. Et, quand ils parlent de la musique comme centre d'identification, ils indiquent l'intéret et l'effort personnels en tant que les facteurs les plus marquants dans la direction de cette possibilité d'identification.

## CAPÍTULO I

### INTRODUÇÃO

O problema do menor institucionalizado, há algum tempo, vem sendo alvo de pesquisas e estudos em face do grande número de menores existentes nas instituições e da problemática ocasionada por essas mesmas instituições.

As condutas consideradas anti-sociais e a ineficiência da capacitação profissional resultante desse processo institucional parecem promover o desencadeamento da marginalização social, refletida na grande massa de menores institucionalizados que atualmente já passa da casa de trinta e cinco milhões\*.

O processo de massificação institucional pode levar a estereótipos de reações e condutas dentro da sociedade, levando os egressos à difícil inserção na comunidade.

Inúmeras instituições públicas e particulares desenvolvem programas de atendimento ao menor e diferenciam o seu programa pela faixa etária, recursos humanos, metodologia adotada, materiais disponíveis e por sua própria estrutura administrativa.

Dentre as tentativas de atendimento ao menor, se faz importante ressaltar o trabalho desenvolvido pelo Serviço de Assistência a Menores - SAM.

O Serviço de Assistência a Menores - SAM - foi criado pelo Decreto nº 3.779, em 05 de novembro de 1941, com a finalidade *"de prestar em todo o território nacional*

---

\*Comissão Parlamentar de Inquérito do Menor indica o número de 25 milhões, em 1975.

*amparo social, sob todos os aspectos, aos menores desvalidos e infratores da lei penal."*<sup>1</sup>

Porém, esta legislação não teve o seu objetivo atingido. Foi proposta, então, a criação de uma fundação, no sentido de modificar os métodos utilizados e que tivesse plena autonomia técnica, administrativa e financeira, para uma radical reestruturação relativamente à assistência ao menor.

Surgiu, a partir daí, a Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor - FUNABEM - inspirada na *"imperiosa necessidade de encontrar-se uma solução racional para o grave problema de proteção ao menor desvalido, mediante a mudança completa do sistema até agora adotado e que se tem mostrado inadequado e ineficiente."*<sup>2</sup>

Ela foi criada pela Lei nº 4.513, de 1º de dezembro de 1964 e, inicialmente, vinculada à União Federal, passando em 1974 a subordinar-se ao Ministério da Previdência e Assistência Social, com a finalidade de promover a execução da política nacional do bem-estar do menor.

No documento *"O que é a FUNABEM"*, está explícito que a *"Fundação tem o propósito de assegurar prioridade aos programas que visem a promover a integração do menor na comunidade."*<sup>3</sup>

A partir da minha participação em uma pesquisa docente da Fundação Getúlio Vargas - IESAE - sobre o menor institucionalizado, chamou-me à atenção o fato de esses menores não conseguirem seu espaço na sociedade quando lhes é propiciado dentro da instituição um espaço artístico onde a *"Banda de Música essencialmente é a que mais consegue "recuperar" os alunos através da emoção, pois é neste jogo da emoção que eles se liberam e são valorizados."*<sup>4</sup>

A expressão artística parece contribuir para a

individuação sem ser individualista, levando a uma maturidade emocional, intelectual e social, na medida em que ameniza o processo de massificação dentro das instituições.

A arte, como elemento inserido no processo de socialização, não é empregado no sentido de adquirir conhecimentos técnicos e virtuosismos, mas, como oportunidade de promover a sua individuação, amenizando, de certa forma, o processo de massificação vivido dentro da instituição.

E, através dessa individuação, o processo de socialização ocorreria, não só dentro, como fora da instituição, estabelecendo-se a troca, o agrupamento e o relacionamento entre os menores e a instituição e os menores e a sociedade.

A integração, a socialização e uma maior adaptação desses menores com a sociedade talvez pudessem ocorrer pautadas no caminho da arte musical, que propiciaria ao menor institucionalizado uma "maneira diferente" de vida. Ao participar das atividades artísticas, principalmente as musicais, onde é tratado de forma diferenciada dos demais, o menor é valorizado - chamado pelo próprio nome - conseguindo, assim, se relacionar melhor, uma vez que esta valorização decorre da própria instituição, fato que, talvez, lhe capacitasse a enfrentar melhor uma vida de dúvidas e marginalizações.

Isto nos leva a perceber, refletir e também constatar, o papel da arte na educação e na socialização através de alguns trabalhos como por exemplo da Campos (1984) e outros, desenvolvidos por diferentes autores.

No relato de um ex-aluno, temos a evidência dessa questão: "... A FUNABEM me deu valor porque eu fiz teatro e corri o Estado todo, junto com o grupo, e fiquei conhecido... eu traria o nome para a FUNABEM ... eles me davam valor... eu era o Joil ... eu tinha amigos, era chama-

do para tocar em festas"<sup>5</sup>. O que Joil sente e pensa tem um outro lado: um interesse a princípio bem intencionado da instituição, porém um interesse visando também um controle sobre o indivíduo.

Segundo Berger e Luckmann "As instituições devem pretender e de fato pretendem ter autoridade sobre o indivíduo, independentemente das significações subjetivas que este possa atribuir a qualquer situação particular. A prioridade das definições institucionais das situações deve ser coerentemente preservada das tentações individuais de redefinição. As crianças devem "aprender a compor - tar-se" e, uma vez que tenham aprendido, precisam ser "man - tidas na linha". O mesmo se dá naturalmente com os adul - tos. Quanto mais a conduta é institucionalizada tanto mais se torna predizível e controlada. Se a socialização das instituições foi eficiente, é possível aplicar completas medidas coercitivas econômica e sêletivamente."<sup>6</sup>

E, mais adiante, os autores comentam que "Ao nî - vel das significações quanto mais a conduta é julgada cer - ta e natural, tanto mais se restringirão as possíveis al - ternativas dos "programas institucionais", sendo cada vez mais predizível e controlada a conduta."<sup>7</sup>

Segundo a entrevista da autora com o educador Au - gusto Rodrigues, pode-se perceber que uma criança só pode ser socializada se ela possuir seus próprios meios de sa - tisfação pessoal e saúde mental, e, que sem isso, não se - rá possível essa socialização no sentido de integrar-se ao processo cultural e psicossocial.

Quando se socializa através de normas, na verda - de, isto não é socializar, pois os elementos que lidam com as crianças se esquecem de que estão lidando com pessoas.

Segundo entende este educador, ao comentar o pa - pel da FUNABEM e anteriormente o do SAM, há uma necessida -

de de "alimento" pois não se pode educar na plenitude da palavra quando não se tem, este "alimento", e, o menor tem um tipo de "fome" que é a da "beleza". O termo "fome" é usado aqui no sentido de privar o homem de sua liberdade, mas, quando este se torna livre, não consegue ficar livre das marcas do cárcere.

Isto é um problema de consciência social e torna-se necessária uma reformulação do sistema.

E, quanto ao problema da arte, o entrevistado formula a seguinte questão: *"E a Arte? Arte é uma forma do homem satisfazer sua forma de beleza interna. Através da capacidade perceptiva o homem percebe os fenômenos de preservação de sua singularidade que é fundamental na educação. Há a necessidade de se respeitar a singularidade de cada um mas, o que existe é um total desequilíbrio."*<sup>8</sup>

Ao dialogar com um menor da FUNABEM, este disse que *"inspetor é sempre inspetor"*, e Augusto Rodrigues complementa dizendo que *"inspetor é sempre inspetor a não ser que se mude todo o sistema."*<sup>9</sup>

Não se pode esperar de um menor, uma socialização e aprendizagem se não existe contexto para tal. Os valores são todos rotulados e mesclados no caminho da burocracia, e, para o administrativo é sumamente importante os relatos sem falhas, ótimo, sem no entanto levar em consideração a clientela da instituição e a afetividade que deve ser a substância dos processos da educação.

Prosseguindo no nosso diálogo, o educador acrescenta que *"Não se pode educar somente através da música pois isto seria um método e um professor deve ser tão flexível quanto um galho de árvore. A Banda da FUNABEM está muito ligada a um certo militarismo. É como se existisse para formar soldados. É uma tradição. É um espetáculo. Ela agrada. É um elemento disciplinador."*<sup>10</sup>

A música entendida como educação mobiliza o ho

mem para uma expressão de unidade de grupo.

Na realidade, o contexto institucional onde se dá a educação musical constituiria um terreno propício a essas formas de expressão. No entanto, os efeitos atingem o nível psicossocial no sentido de um autêntico desenvolvimento dos alunos na sociedade?

O que se tem percebido através dos trabalhos publicados como os de Demo (1979), Baeta (1980), Violante (1983) e Campos (1984), entre outros que serão analisados no decorrer deste capítulo, mostra que as instituições, por não propiciarem condições necessárias para um desenvolvimento psicossocial adequado aos menores institucionalizados, os leva a dificuldades de atuação na sociedade.

As pesquisas vêm demonstrando que as instituições encarregadas de absorver os menores promovem deficiências de ordem qualitativa, na medida em que a realidade interna das próprias instituições é vivida de forma dissociada da realidade externa.

Com isto, os menores passam por dificuldades de adaptação e integração na sociedade, uma vez que eles são preparados de acordo com os modelos institucionais, onde se processa o reforço da ideologia dominante no sentido de prepará-los segundo as próprias conveniências da sociedade, a qual porém os rejeita, o que vem acarretando desequilíbrio e desajuste desses menores na sociedade.

Dentre os estudos e pesquisas realizadas, alguns se evidenciam, pois a problemática do menor institucionalizado tem sido alvo de reflexões.

Campos (1984) reporta-se ao aluno que se dedica às artes buscando um sentido de identidade pessoal na medida em que se destaca do grupo, sendo valorizado e formando um auto-conceito mais positivo. No contato com a arte, evi



denciou-se um melhor relacionamento interpessoal e uma melhor integração na sociedade.

A arte seria, assim, uma forma de existir individualizada e de ser reconhecido como pessoa, além de favorecer um elo de comunicação que facilitaria uma melhor socialização.

Para caracterizar este estado de individuação e a sua própria identidade, propõe a seguinte questão ...*"restaria a alguns menores um outro caminho de identificação, uma forma de representação onde estaria preservada uma dimensão mais próxima a que denomina "identidade do eu?"*<sup>11</sup> Encontrou afirmativas apenas entre os menores com aptidões artísticas, pois estes recebem um tratamento diferenciado dos outros menores que fazem parte da instituição.

Continua ainda em outro relato de um menor no TAT que explicitou também as diferenças que existem entre os que são ou não ligados à arte. Essas particularidades que os diferenciam estão, por exemplo, na maneira distinta como lidam com o sentimento e introjeção da culpa e com o não-reconhecimento do outro. Este menor também era ligado às artes, tendo participado de um concurso musical na instituição e obtido classificação.

Portanto, diz a autora que *"é provável que mudanças no processo de socialização "diferenciado", dentro da instituição, possa, direta ou indiretamente, refletir-se de modo mais positivo nas representações modeladas pelo menor."*<sup>12</sup>

Baeta (1980) propôs-se a estudar os objetivos das instituições que atendem o menor, relacionando-os com as diretrizes da Política do Bem-Estar do Menor proposta pela FUNABEM, a qualificação dos recursos humanos e a caracterização desses menores.

A autora conclui que os fatores externos são decisivos para a integração do menor na sociedade, e, *"que apesar de quatorze anos de atuação, a FUNABEM, não elaborou uma sistemática de ação eficiente e eficaz no atendimento à sua clientela."*<sup>13</sup>

Um estudo interessante é o da Canabrava<sup>14</sup>, onde através da compreensão da produção artística de Antonio Poteiro procurou encontrar respostas para o questionamento arte/educação. O que encontrou foi uma expressão histórica e uma visão de mundo referendadas na concepção do sistema social e seu próprio modo de vida.

Em sua história de vida, a busca da liberdade e da identidade, tão incessantemente feita, foi alcançada através do trabalho criativo, ao mesmo tempo em que o mundo social que o envolvia se tornara mais um problema a ser equacionado.

O fazer arte lhe propiciou amplas formas de expressão e meios para manifestar seu pensamento com liberdade, ao mesmo tempo em que lhe assegurou o desenvolvimento de sua identidade. Essa identidade era um fator decisivo, e, portanto, a arte no sentido de consciência do homem, tem estreitas relações com as condições sociais, constituindo assim o produto do desenvolvimento histórico.

Violante<sup>15</sup> dirige a sua atenção para o enfoque do desenvolvimento da identidade do menor institucionalizado através de suas representações sobre o mundo, os outros e si mesmo, nas condições objetivas de sua socialização.

As representações dos menores demonstram a necessidade deles de encontrarem um referencial que os levem à possibilidade de se identificarem, localizando-se no mundo social.

Do ponto de vista psicossocial, o inter-relacionamento se processa baseado nas idéias que se tem do caráter do menor, quando a sociedade lhe confere atributos e o categoriza.

Sua suposta identidade, atribuída por outrem, passa a ser em função daquilo que as pessoas esperam dele.

No estudo de Souza<sup>16</sup>, objetivou-se a classificação de alguns conceitos teóricos sobre a identidade e o desenvolvimento dessa identidade nos adolescentes influenciada pelo processo educacional. Recorreu-se ao fenômeno da identificação, dos conflitos intra-psíquicos e aos vínculos da integração espacial, temporal e social.

Concluiu que o desenvolvimento da identidade nos adolescentes se processa no momento em que há uma identificação com os grupos primários, com os adolescentes da mesma faixa etária e a escola desempenhando o seu papel discriminativo e elitizante.

Demo<sup>17</sup> apresenta questões sobre o menor abandonado do ponto de vista da política social, definindo menor carente e menor abandonado, procurando inseri-lo na rede de ensino e no mercado de trabalho.

Segundo Duarte<sup>18</sup>, em sua dissertação de Mestrado, a análise da problemática do menor abandonado é feita relacionando-o a teorias de marginalidade social e às características da política educacional e social do país.

Faz um recorte da política do bem-estar do menor no Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte, examinando a execução da mesma e as condições das instituições oficiais e privadas que traçam as diretrizes.

Sugere alternativas de ação e aborda os diversos significados da marginalidade social, menores infratores e

comportamentos juvenis desviantes.

Diferentes autores de diferentes escolas têm tam bém se interessado pelo problema do menor.

Dantas<sup>19</sup>, por exemplo, procura situar o pensamento de Freud, no que concerne ao fenômeno da identidade implícito nas suas obras originais.

Os conflitos intra-psíquicos que afloram em determinadas fases evolutivas, essencialmente na adolescência, são explicados como resultado das dificuldades do ser humano na formação do eu. Essas dificuldades são relacionadas com o processo da identificação como parte da constituição e diferenciação da personalidade e como observa Freud, uma importância relevante no papel da pré-história, do complexo de Édipo e na conquista da identidade individual. A identificação, para Freud, é vista como a forma mais primitiva de ligação afetiva, através da qual o indivíduo absorve as qualidades do objeto para construir sua personalidade. O contato humano, que também é de base emocional, exerce uma grande importância no processo de identificação.

Conclui que a partir da introjeção de traços, atitudes e valores é possível falar-se em formação do eu. Portanto, é através do processo social que se conquista a identidade e a educação.

Viessi<sup>20</sup>, em seu experimento calcado na teoria comportamental, tentou verificar a possibilidade de se aumentar a auto-estima baixa em crianças de nível sócio-econômico inferior e detectar se o seu rendimento escolar também melhoraria.

Para elevar a auto-estima foi elaborado um pro-

grama constituído de reforços sociais positivos, e na sua maioria, verbais. A sua liberação surgia mediante a emissão adequada de um comportamento aceitável e previamente estipulado.

Como resultado, constatou-se que este programa foi capaz de melhorar a auto-estima baixa, porém, não foram evidenciadas modificações positivas e significativas no rendimento escolar. Concluiu que é importante propiciar situações, nas quais as características das crianças marginalizadas, sejam respeitadas e os seus desempenhos valorizados. Ao encaminhá-las através de experiências positivas e bem sucedidas, as crianças marginalizadas teriam condições de formar e manter uma auto-estima positiva.

No que tange à arte musical em termos mais abrangentes, temos o estudo de Araújo<sup>21</sup>, que analisa a importância do fenômeno musical no desenvolvimento cognitivo do educando e as suas percepções, assim como as implicações no seu comportamento e na sua educação.

Parte do pressuposto de que a música desenvolve o equilíbrio emocional do indivíduo e sua sensibilidade para o belo.

Inicialmente, faz um paralelo entre estética e arte, e examina a educação musical como agente da aprendizagem e os significados da música. Estes estudos e a minha própria experiência no contato com os menores institucionalizados me levaram a refletir e a questionar se um processo tão produtivo como a educação na arte musical seria capaz de significar *realmente* uma saída para os menores institucionalizados, expostos a consequências tão negativas quanto as evidenciadas pelos estudos já feitos.

Passei então a indagar:

- Até que ponto a arte é buscada pela arte na instituição?

- A arte propicia ao menor institucionalizado a busca de identidade?

- A arte influi na sua auto-estima?

- A arte contribui para a reintegração do menor institucionalizado na sociedade?

Nessa pesquisa, procurei aprofundar-me nesses questionamentos, fazendo um estudo das representações dos ex-menores institucionalizados ligados à arte, enfocando a sua reintegração na sociedade e no mercado de trabalho.

## NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- <sup>1</sup> FUNABEM. Coletânea de Leis, s.d., p. 9.
- <sup>2</sup> Idem, op. cit., p. 9.
- <sup>3</sup> FUNABEM. *O que é a FUNABEM*, s.n.t.
- <sup>4</sup> TEODORO, Gerson. Entrevista com a autora. FUNABEM. Instituto Padre Severino, 1983.
- <sup>5</sup> CAMPOS, Angela Valadares Dutra de Souza. *O menor institucionalizado: um desafio para a sociedade*. Rio de Janeiro, Vozes, 1984, p. 150.
- <sup>6</sup> BERGER, Peter I. & LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*, 4a. ed., Petrópolis, Vozes, 1978, p. 89.
- <sup>7</sup> Idem, op. cit., p. 89.
- <sup>8</sup> RODRIGUES, Augusto. *Diálogo pessoal com a autora*. Largo do Boticário, 1984.
- <sup>9</sup> Idem.
- <sup>10</sup> Idem.
- <sup>11</sup> CAMPOS, Angela Valadares Dutra de Souza. Op. cit.
- <sup>12</sup> Idem.
- <sup>13</sup> BAETA, Ana Maria Bianchini. *Estudo das instituições de atendimento ao menor desassistido na perspectiva de seus objetivos, metodologia, recursos humanos e da possibilidade desse menor no mercado de trabalho*. Rio de Janeiro, FGV / IESAE, 1980.
- <sup>14</sup> CANABRAVA, Ilka. *As imagens do povo e o espaço vazio da arte/educação*. FGV/IESAE, 1982, Dissertação de Mestrado.
- <sup>15</sup> VIOLANTE, Maria Lucia Vieira. *O dilema do decente malandro - a questão da identidade do menor-Febem*. São Paulo, Cortez: Autores Associados, 1983, p. 189.

- <sup>16</sup> SOUZA, Laurinda Ferreira de. *A formação da identidade numa perspectiva educacional*. Rio de Janeiro, FGV/IESAE. Dissertação de Mestrado.
- <sup>17</sup> DEMO, Pedro. *O menor abandonado - algumas questões do ponto de vista da política social*. Forum Educacional. Rio de Janeiro, 1979.
- <sup>18</sup> DUARTE, Sergio Guerra. *Menores, marginalidade e educação*. Rio de Janeiro, FGV/IESAE, 1978. Dissertação de Mestrado.
- <sup>19</sup> DANTAS, Dulce Q.C. *Identificação e identidade numa perspectiva psicanalítica*. PUC/RJ, 1971. Dissertação de Mestrado.
- <sup>20</sup> VIESSI, Vani R. *Utilização de eventos reforçadores específicos em criança marginalizados*. UFRGS, 1976. Dissertação de Mestrado.
- <sup>21</sup> ARAÚJO, Maria Clara Corrêa Dantas de. *A educação musical como agente facilitador do processo de aprendizagem*. Rio de Janeiro, FGV/IESAE, 1981. Dissertação de Mestrado.



## CAPÍTULO II

### REFERENCIAL TEÓRICO

#### 2.1 - Institucionalização no desenvolvimento psicossocial do menor

No campo da problemática social do menor institucionalizado, se faz necessário situá-lo com destaque dentro de um contexto maior.

O menor institucionalizado é um sujeito concreto que vive em uma sociedade determinada, com características próprias.

Vários estudos e pesquisas constataam que, em geral, esses menores encontram-se na situação de institucionalizados devido a fatores diversos, tais como: nível sócio-econômico carente, subemprego ou falta de emprego dos pais, analfabetismos, desnutrição e outros.

Nessa perspectiva, o problema do menor assume grandes proporções, na medida em que as desigualdades sociais formam um quadro gritante.

Entre os diversos setores que analisam o processo de institucionalização, Goffman afirma que *... "toda instituição tem tendência do "fechamento". E, mais adiante, que: "Seu fechamento ou seu caráter total é simbolizado pela barreira à relação social com o mundo externo e por proibições à saída que muitas vezes estão incluídas no esquema físico - por exemplo, portas fechadas, paredes altas, arame farpado, fossos, água, florestas ou pântanos. A tais estabelecimentos dou o nome de instituições totais..."*<sup>1</sup>

Para Goffman, há necessidade de, ao se estudar

as instituições totais, levantar-se questões sobre a identidade para uma análise mais profunda sobre o estigma, pois, *"O conceito de identidade social nos permitiu considerar a estigmatização"*<sup>2</sup>, como fator primordial.

Campos constatou que os menores sentem-se preocupados com a profissionalização recebida e com o estigma de ser aluno da FUNABEM, pois, ao procurarem emprego, a sociedade os rejeita: *"... quando sabem que a gente é da FUNABEM não dão emprego..."*<sup>3</sup>

E ainda comenta que *"Alguns cortam com a tesoura o nome da FUNABEM de seus documentos, deixando só o nome da escola, que não os identifica."*<sup>4</sup>

Segundo Bowlby (1964)<sup>5</sup>, destacam-se os mais variados déficits intelectuais e distúrbios orgânicos em crianças institucionalizadas, assim como: falta de controle emocional, depressões, ausência de verdadeiros sentimentos, indiferença nas relações afetivas, atitudes evasivas, ausência de sentimento de culpa, falta de concentração escolar, isolamento afetivo, roubo, mentira, e outros.

Para Berger e Luckman, *"As instituições, também, pelo simples fato de existirem, controlam a conduta humana estabelecendo padrões previamente definidos de conduta, que a canalizam em uma direção por oposição às muitas outras direções que seriam teoricamente possíveis."*<sup>6</sup>

A característica central da situação de vida do institucionalizado é a aceitação.

Durante os contatos, é provável que se sinta em exibição e, por vezes, aproxima-se com agressividade, ou retraimento.

Isto aparece devido à sensação de não saber aquilo que os outros pensam a seu respeito.

Na instituição, o estigma é instaurado no indivíduo e procura conservar sobre ele as influências de descrédito e neste momento surge o ciclo específico do encobrimento.

Isto nos leva a refletir quando da consideração na análise do estigma.

O termo "estigma" foi criado pelos gregos para se referirem a sinais corporais que evidenciassem algo fora do comum ou mau sobre o "status" moral. Estes sinais eram feitos com cortes ou fogo, marcando, assim, a pessoa que deveria ser evitada.

Na era cristã, foram acrescentados dois sentidos, sendo um referente a sinais corporais de graça divina em forma de flores em erupção sobre a pele, e o outro sinais corporais de distúrbio físico.

Hoje em dia, o termo estigma é mais aplicado à própria desgraça do que à sua evidência física e corporal.

Os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas.

O indivíduo estigmatizado tende a ter as mesmas crenças sobre identidade que as pessoas em geral têm. Seus sentimentos mais profundos sobre o que ele é podem confundir a sua sensação de ser uma pessoa normal que merece um destino agradável e uma oportunidade legítima.

Ele baseia as suas reivindicações não no que acredita seja devido a todas as pessoas mas, aos "escolhidos", porém estes "escolhidos" fazem vários tipos de discriminações reduzindo assim as chances dos "não escolhidos".

A presença dos "escolhidos" provavelmente refor-

çará a revisão entre auto-exigências e ego, mas, na realidade, o auto-ódio e a auto-depreciação podem ocorrer quando o estigmatizado estiver só.

Quando os "escolhidos" e os "não escolhidos" ou os "normais" e os "estigmatizados" se encontram, especialmente num diálogo, afloram as causas e os efeitos do estigma.

O estigmatizado pode descobrir que se sente inseguro em relação à maneira como os "normais" o identificam e o receberão.

Essa incerteza é ocasionada não só porque o indivíduo não sabe em qual das categorias ele será colocado, mas também, quando a colocação é favorável, pelo fato de que intimamente, os outros possam defini-lo em termos do seu estigma.

Entre seus iguais, o estigmatizado pode utilizar sua desvantagem como base para organizar sua vida, mas de forma a viver num mundo incompleto, caracterizado por seu estigma.

As pessoas que têm um estigma particular tendem a ter experiências de aprendizagem, relativas à sua condição de estigmatizado e a sofrer mudanças na concepção do seu eu.

A fase de experiência, na qual o estigmatizado aprende que é portador de um estigma, é muito importante, pois, é provável que nesse momento se estabeleça uma nova relação com os demais estigmatizados.

Quando a estigmatização está associada com a admissão a uma instituição, a maioria do que o menor estigmatizado aprenderá sobre seu estigma será transmitida durante o longo contato com os seus "iguais".

Além da manipulação da tensão gerada nos contatos sociais, existe a manipulação das informações sobre seus estigmas, pois, para onde quer que eles se dirijam, seus comportamentos confirmarão, falsamente, o fato de que estão em companhia do que os outros na verdade esperam.

A manipulação do estigma é o perfil das expectativas em relação à conduta e ao caráter influenciado pelo fato de conhecermos ou não o indivíduo estigmatizado.

O estigmatizado tende a estratificar-se aos pares, pois a visão de mundo e a imposição de seus estigmas são iguais e quanto mais se aproximam dos "normais" ou "escolhidos" tendem a se considerar um "não estigmatizado" — é o sentido de ambivalência.

Em relação a esse agregado de "iguais", isto é, o seu grupo real, as privações e os descréditos serão os mesmos porque possuem o mesmo estigma, informando o código de conduta, embora o aconselhamento seja o de se aceitar como pessoas "normais".

Para a sociedade, o estigmatizado faz parte de seu grupo social, embora seja tratado e visto como diferente e até mesmo discriminado. Nesse momento a identidade do estigmatizado é questionada em meio a argumentos e discusões pautados em seu próprio destino.

Tanto o sucesso quanto o fracasso agem diretamente sobre a integridade psicossocial do estigmatizado.

Surge então um aspecto importante, que é a distinção entre identidade social virtual e identidade so - cial real. A primeira, se refere àquilo que imputamos ao indivíduo e a segunda ao que o indivíduo possui.

A identidade, entendida como essencial para a realidade subjetiva, está dialeticamente ligada à sociedade.

A medida em que a relação com a sociedade se torna prejudicada, torna-se também limitada a possibilidade de o indivíduo conservar a sua própria concepção.

A identidade pessoal e a identidade social estabelecem uma separação para o indivíduo no mundo de cada um.

Quando a manipulação dessas identidades for do conhecimento ou não do indivíduo também variará a idéia que se tem do estigmatizado, segundo o conhecimento ou desconhecimento do mesmo.

Quando há um desconhecimento ou não se conhece o indivíduo estigmatizado pessoalmente, em geral se formaliza um mau conceito, considerando-se as famas do marginalizado, infrator, carente e abandonado.

Ao se procurar entender o conceito de identidade pessoal, pode-se entender o controle de informação na manipulação do estigma, sendo que através do conceito de identidade social pode-se considerar a estigmatização.

É a partir do interesse de umas pessoas sobre as outras, nas quais sua identidade está em questão que se encontra as identidades social e pessoal como partes essenciais.

O que diz respeito à identidade do eu é uma questão puramente subjetiva e reflexiva, na qual o próprio indivíduo é o experimentador e construtor da sua própria imagem, a partir do convívio com outras pessoas.

Uma das fases da socialização é aquela em que o estigmatizado incorpora e aprende o ponto de vista dos "normais", adquirindo, assim, as crenças da sociedade em rela-

ção à identidade e o que significa possuir um estigma.

A outra fase é aquela em que aprende que possui um estigma e suas consequências.

Estas duas fases formam modelos que estabelecem bases para o desenvolvimento posterior e, conseqüentemente, as carreiras morais disponíveis.

São quatro os modelos de socialização. O primeiro envolve os que possuem um estigma congênito e que são socializados dentro de uma situação desvantajosa, mesmo quando estão aprendendo padrões frente aos quais fracassam; o segundo deriva da capacidade de uma família em se constituir num casulo; o terceiro é aquele que se torna estigmatizado numa fase avançada da vida; o quarto se refere aos que são inicialmente socializados numa comunidade diferente, e que devem aprender uma outra maneira de ser, isto é, aquilo que as pessoas que o cercam consideram real e válido.

O menor que é institucionalizado ou que vive em instituições perde a sua individualidade e é privado de suas experiências psicológicas vitais, pois, na instituição, ocorre o segregatismo como consequência desse processo e da inculcação de valores determinados pelas classes dominantes, desarticulando, assim, o desenvolvimento psicossocial do menor, estigmatizando-o.

As instituições pelas suas próprias diretrizes, se fecham, fortalecendo, assim, uma barreira entre os institucionalizados e o mundo externo.

Os jornais, revistas, televisão, enfim, os meios de comunicação de massa tornam-se um dos grandes responsáveis pela centralização do mau conceito, fazendo do menor estigmatizado e institucionalizado - que é um indivíduo próprio e singular - uma figura pública, notória e apoteótica.

## 2.2 - A arte no desenvolvimento psicossocial do menor

Alguns autores são unânimes em mostrar o papel da arte como facilitadora do desenvolvimento psicossocial dos indivíduos. Trabalhos empíricos tais como o de Campos, mostram que os institucionalizados ligados à arte têm uma socialização diferenciada. A arte passa então a configurar as relações afetivas, um aprofundamento das relações sociais e o processo de identidade e identificação começam a surgir.

É através das linguagens simbólicas que o homem, desde a primeira infância, tem conseguido se expressar, registrar e buscar com suas ações o desenvolvimento do sentir. Na busca constante de formas, encontrou-se a arte expressa através dos sentimentos, da afloração de suas emoções, das experiências de vida e da criatividade de novas formas. Dessas formas, o homem consegue traduzir as mais diferentes artes.

Jacob Burkardt, historiador do século XIX, em seu estudo sobre o Renascimento da Itália, categorizou que havia uma identidade entre as tendências socioculturais do período, isto é, entre o individualismo da arte de Leonardo da Vinci, do pensamento político de Maquiavel e das práticas econômicas de um mercado florentino na época.

Georg Lukács, literato e filósofo húngaro, explica que a arte reflete o mundo sobre o mundo, explicando assim a categoria reflexo-reflexão.

Na Escola de Frankfurt (1924)<sup>7</sup>, surgiram estudos mais sistematizados sobre as relações entre arte e sociedade.

A chamada "Teoria Crítica", que é o conjunto de trabalhos desenvolvidos nessa Escola, tem Walter Benjamin



como ponto central no que se refere às suas reflexões sobre as consequências sociais e políticas das técnicas de reprodução das obras de arte.

Quando se envolve a arte pelas técnicas de reprodução, esta perde o seu "status" como sendo única e individualizada.

Adorno (1969)<sup>8</sup> faz uma reflexão crítica à postura otimista de Benjamin, pois ao produzirem uma série favorecendo a homogeneização, as técnicas de reprodução sacrificariam a distinção entre o caráter próprio da arte e do sistema social, impedindo assim a formação do indivíduo autonomo e independente com capacidade de julgar e decidir.

Erick Fromm, Herbert Marcuse e Horkheimer deram grandes contribuições ao tema, além de serem pertencentes a essa mesma Escola.

Segundo Antonio Candido (1967)<sup>9</sup>, a ideologia, com seus valores e estrutura social, influencia a criação artística e se manifesta limpidamente na posição social do artista, pois este, ao aflorar as suas necessidades interiores, dirige-se de acordo com os padrões de sua época para determinados temas e formas.

Diz José Guilherme Merquior que *"O homem mecanizado procura na experiência estética a pastoral compensadora da robotização".*<sup>10</sup>

A arte reflete a realidade e reage contra ela, pois o artista não seria apenas o executante de uma obra ou meramente um elemento passivo, mas, justamente, o oposto disso.

Questiona-se entretanto se as instituições têm interesse em tornar as pessoas, através da arte, em elementos passivos e robotizados.

Para Karbusicky o viver estético é definido pela excitação da consciência, através da percepção da arte provocando reflexos variáveis de ordem afetiva, imaginativa e significativa, partindo-se das vivências artísticas e extra-artísticas. Assim, a arte se transforma em experiências e não em informações codificadas nas quais se negam as reações do indivíduo no contexto individual e social.

Merquior considera que *"a arte dispõe de um estatuto particular, como se o homem, contemplando na obra de arte as distorções de sua imagem, reencontrasse, de certo modo, a plenitude do seu espírito e da sua capacidade de integração ao universo."*<sup>11</sup>

Na arte, no artista, no público emergem as suas culturas que é o resultado do fazer das pessoas com suas capacidades de transformação da natureza, como forma de garantir a sobrevivência, modos de vida, imagens do mundo, seus saberes e valores.

O preservar, identificar e, difundir a cultura assumem, segundo o interesse de quem os empreende, os fins educacionais, políticos e econômicos.

Gilberto Velho em sua obra sobre "Arte e Sociedade" descreve quatro tipos de artistas: o primeiro - profissionais integrados - conhece, entende e usa as convenções que regulam o funcionamento de seu mundo, adaptando-se às atividades padronizadas por ele desenvolvida; o segundo - os inconformistas - se rebela contra o convencionalismo do mundo artístico, pois o acha restrito e se recusa a sujeitar-se às normas padronizadas, embora mantenha uma ligação afastada; o terceiro - os artistas ingênuos também chamados de primitivos ou espontâneos - cria a sua própria rede de cooperação, recruta, treina e mantém um grupo de pessoas que aprendem paulatinamente o que é necessário; o quarto - artistas populares - tem a sua arte conhecida e serve de base para a ação coletiva.

Esses quatro tipos de artista refletem as formas pelas quais as pessoas podem estar orientadas para qualquer mundo social de acordo com seus interesses.

Assim, afirma Gilberto Velho ...*"que o mundo da arte espelha a sociedade mais ampla na qual está inserido."*<sup>12</sup>

Numa análise sociológica da vanguarda artística intelectual brasileira contemporânea, encontra-se os problemas de comportamento desviante com todas as suas implicações teóricas.

O termo vanguarda significa a preocupação pela renovação e dinamismo. É como diz Gilberto Velho: ...*"um estado de espírito revolucionário"*, criativo, não só, ...*"no plano estético-cultural mas na própria procura de consistência existencial."*<sup>13</sup>

Quando um artista de vanguarda consegue fazer com que sua obra seja reconhecida, valorizada e legitimada, os problemas de identidade e de auto-avaliação surgem no momento da procura pelo mercado cultural.

Ao procurar entender a relação entre arte e educação é preciso que vejamos e tenhamos a educação como elemento necessário à cultura inserida em um processo dinâmico e permanente e que sofre continuamente as alterações sociais, econômicas, psicológicas, culturais e políticas.

Platão *"há 24 anos colocava que as disposições morais dos alunos são determinadas pelo sentimento estético, pelo reconhecimento do ritmo e da harmonia"*, onde a relação entre arte e educação retoma os caminhos já delineados por ele quando dizia que *"as artes deveriam constituir as bases da educação."*<sup>14</sup>

O educador Herbert Read em seu livro "Educação

através da Arte", vê o sistema pedagógico unilateral com o objetivo de cultivar o treinamento e as funções intelectuais além de dirigir, dividir e classificar as pessoas envolvidas.

Na verdade, os educadores se reservam ao simples fato de passarem informações, esquecendo-se das emoções e dos sentimentos que levam ao aprimoramento perceptivo das sensações e da própria individuação.

A arte seria então uma forma de propiciar o pensar, o criar, o agir, o ser-no-mundo e não um objeto a mais no processo educacional.

A arte tem três tipos de função de acordo com Terezinha Rosa Cruz: individual, social e ambiental. Na individual, há uma interação onde o indivíduo reflete, sente e expressa seus problemas e consequentemente a sua própria vida. Na social há uma facilitação no interagir em todos os grupos sociais e na medida em que se consegue estar bem consigo mesmo, automaticamente, passa a entender melhor as outras pessoas, onde a participação, o comprometimento e o bem-estar comum são preponderantes. Na ambiental, o círculo social completa este conjunto onde o desenvolvimento dos sentimentos em relação ao meio passa a ser uma troca positiva.

O sentimento amor está intrínseco nas relações sociais, promovendo a associação de idéias para uma escolha e para a opção individual.

A essas relações, se costuma impor a obrigatoriedade exercida pelo poder, postulando, assim, o eu individual e o eu social.

Radcliffe-Brown procura explicar determinadas condutas institucionalizadas por meio de sentimentos que brotariam espontaneamente das relações sociais. Para isso, fun

damenta-se na hipótese psicológica da diferenciação do direito e do afeto, da autoridade e do sentimento.

De um lado, estão as relações marcadas pela obrigatoriedade, e, do outro, a escolha individual.

Vários autores, portanto, mostram a importância da arte na socialização e na educação.

Dentre eles, temos Campos (1984)<sup>15</sup> que verificou que os alunos que se interessam e se dedicam às artes tais como música, teatro, coral, passam a assumir a sua individualização e identidade. Evidenciou-se também que a afetividade, o relacionamento interpessoal, a comunicação e a integração são elementos fortalecidos e ou adquiridos de forma positiva.

Pelos estudos realizados e meu próprio envolvimento com a arte musical e até mesmo pelo meu interesse em relação aos menores institucionalizados encaminhei-me na direção de conhecer, esclarecer e aprofundar o papel das atividades artísticas musicais no processo de institucionalização do menor.

## NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- <sup>1</sup> GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo, Perspectiva, 1974. p. 16.
- <sup>2</sup> \_\_\_\_\_. *Estigma: nota sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro, Zahar, 1982, p. 117.
- <sup>3</sup> CAMPOS, Angela Valadares Dutra de Souza. *O menor institucionalizado - um desafio para a sociedade*. Rio de Janeiro, Vozes, 1984, p. 122.
- <sup>4</sup> Idem, op. cit., p. 123.
- <sup>5</sup> Idem, op. cit., p. 24.
- <sup>6</sup> BERGER, Peter I & LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. 4a. ed., Petrópolis, Vozes, 1978, p. 80.
- <sup>7</sup> OS PENSADORES, Coleção. *A Escola de Frankfurt*. Abril Cultural.
- <sup>8</sup> MERQUIOR, Guilherme José. *Arte e sociedade em Marcuse, Adorn, Benjamin*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1969.
- <sup>9</sup> CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo, Nacional, 1967.
- <sup>10</sup> MERQUIOR, Guilherme José. Op. cit., p. 60.
- <sup>11</sup> Idem, op. cit., p. 15.
- <sup>12</sup> VELHO, Gilberto. *Arte e sociedade - ensaios de sociologia da arte*. Rio de Janeiro, Zahar, 1977, p. 25.
- <sup>13</sup> Idem, op. cit., p. 29.
- <sup>14</sup> DUARTE, Maria de Souza. *A educação pela arte (o caso Brasília)*. Brasília, Thesaurus, 1983, p. 30.
- <sup>15</sup> CAMPOS, Angela Valadares Dutra de Souza. *O menor institucionalizado - um desafio para a sociedade*. Rio de Janeiro, Vozes, 1984, p. 107.

### CAPÍTULO III

#### A FUNDAÇÃO NACIONAL DO BEM-ESTAR DO MENOR - FUNABEM

Foi José Bonifácio de Andrada e Silva quem, em 1825, abordou o aspecto jurídico-legal que visava a proteger a criança brasileira, afirmando que *"a cria da escrava não devia ser afastada da mãe"*.<sup>1</sup>

Em 1893, surgem os nomes de João Vieira de Araújo, Tobias Barreto e Cândido Mota além de outros juristas, educadores e sociólogos, que se ativeram à ineficiência da legislação vigente sobre a matéria seguidos de Lopes Trovão, em 1902, e Alcindo Guanabara em 1906.

O Serviço de Assistência a Menores - SAM - criado pelo Decreto nº 3.779, de 5 de novembro de 1941, não conseguiu prestar, em todo território nacional o amparo social, sob todos os aspectos para o qual foi criado, aos menores desvalidos e infratores da lei, emergindo, daí, a necessidade de se criar uma fundação para substituí-lo.

Neste século, o problema do menor começou a tomar vulto, pautado em termos científicos e legais, quando do advento da legislação especializada, no período de 1922 a 1926 com a elaboração e outorga do Código de Menores.

Isto pode ser observado através da exposição de motivos que inspirou o anteprojeto de lei - criação da FUNABEM - pelas palavras do Ministro Ribeiro da Costa "... O Supremo Tribunal Federal, por intermédio de seu Presidente, dirigir-se-à, em ofício, ao Senhor Presidente da República, comunicando-lhe que, nesta data, foi concedido *"habeas corpus"* ao menor C.M., por se ter demonstrado que o SAM não tem condições necessárias para garantir a readaptação dos menores, mas, que ao contrário disso, como é notório, e segundo depoimento de autoridades as mais idôneas, esse estabelecimento tem contribuído para a formação de verdadeiro núcleo de criminosos, motivo por que o Supremo Tribu

*nal Federal encarece ao Senhor Presidente da República que determine uma medida saneadora...."*<sup>2</sup>.

O organismo que a União Federal escolheu e instituiu para difundir a política nacional do bem-estar do menor passou a ser uma fundação - Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor - criada pela Lei nº 4.513, de 1º de dezembro de 1964.

De acordo com o Estatuto da FUNABEM, em seu Capítulo I, Artigo 4º: *"A FUNABEM tem como objetivo básico formular e implantar a política nacional do bem-estar do menor mediante o estudo do problema e planejamento das soluções e a orientação, coordenação e fiscalização das entidades que executem essa política"*.<sup>3</sup>

E, no parágrafo único ...*"a Fundação atenderá não só à condição dos desvalidos, abandonados e infratores, mas também à adoção de meios tendentes a prevenir ou corrigir as causas de desajustamentos"*.<sup>4</sup>

Antes da FUNABEM, órgãos tais como LBA, SESI, SENAI, SESC, SENAC já funcionavam no atendimento aos menores.

Com a criação do Ministério da Previdência e Assistência Social em 1974, a FUNABEM passou a vincular-se a esse órgão.

O Estatuto da Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor estabelece no seu Artigo 6º, Inciso VII, que é se conclamar o interesse da opinião pública e sua solidariedade em todos os níveis para que se procure soluções a nível comunitário para o problema do menor.

Atualmente, fala-se muito sobre o problema do menor, devido à insegurança progressiva da sociedade, no que tange à violência, assaltos e agressões.



A FUNABEM, criada pela Lei nº 4.513, no que diz respeito ao Capítulo I, Artigo 4º, mereceu uma atenção especial de seu primeiro presidente Dr. Mário Altenfelder: *"A Lei Federal 4.513, de 1º de dezembro de 1964, traçou diretrizes de ação e fixou bases para nova estratégia de atendimento ao chamado "problema do menor" no Brasil. Cuidou o governo federal de providenciar a união de esforços entre o poder central, estados e municípios, visando a solucionar o problema que fundamentalmente interessava à nação como um todo - proteção e amparo ao menor marginalizado, inclusive o menor infrator - procurando preservá-lo do perigo que representa, para si e para a sociedade a manutenção de seu estado de carência afetiva e material. O organismo que a União Federal escolheu e instituiu para executar e difundir a política nacional do bem-estar do menor, obedece à forma jurídica de "fundação". A Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (FUNABEM) é uma entidade disciplinada por lei civil, de natureza privada, autônoma administrativa e financeiramente, e recentemente vinculada em termos programáticos, ao Ministério da Previdência e Assistência Social. Tem personalidade jurídica própria, inscrita no Registro Civil das Pessoas Jurídicas e é regida por Estatuto devidamente aprovado pelo Presidente da República".*<sup>5</sup>

E, segundo Maria Ignês Bierrenbach (1982)<sup>6</sup>, no momento em que se criou a FUNABEM, ocorreu também a inclusão dos problemas sociais nos planos do desenvolvimento do Governo brasileiro.

Apesar das reflexões e reformulações propostas, assiste-se periodicamente a fatos de agressão e imagens negativas de todos os menores que caracterizam a clientela da FUNABEM.

Em uma reportagem do jornal "O Globo" (1984)<sup>7</sup>, uma comissão formada por ex-alunos da FUNABEM procura investigar as denúncias de espancamentos e as transformações dos

vestiários em celas, embora tenha sido desmentido e alegado que as arbitrariedades "foram praticadas no passado".

Diversos estabelecimentos mantidos pela FUNABEM e administrados com recursos humanos próprios se utilizam dos regimes de permanência, externato, internato e semi-internato.

A FUNABEM (1983)<sup>8</sup> possui quatorze unidades que estão situadas no Rio de Janeiro e Minas Gerais.

No Rio de Janeiro, em Quintino está localizado o Centro-Piloto da FUNABEM com as seguintes unidades:

1a. - Escola Quinze de Novembro, em regime de internato, semi-internato e externato, atendendo a menores de ambos os sexos de 6 a 18 anos. Oferece o primeiro grau completo, supletivo e profissionalizante (oficinas). É considerada como entidade-modelo da América Latina. Caracteriza-se pelo atendimento a menores abandonados e carentes.

2a. - Escola Eduardo Bartlet James, atende em regime de internato e semi-internato na faixa de 6 a 14 anos para menores do sexo masculino. Oferece cursos de alfabetização e a primeira série do ensino regular.

3a. - Escola José de Anchieta, em regime de internato para meninas de 6 a 14 anos, abandonadas e carentes. Já foi uma escola profissional.

4a. - Escola Odylo Costa Filho é uma unidade de permanência destinada a menores de conduta anti-social até 16 anos. Nela é ministrado apenas o primeiro estágio do supletivo.

5a. - Escola Mário Altenfelder para atendimento de menores de ambos os sexos na faixa etária de 7 a 18 anos. É uma escola especializada em excepcionais. O regime é de

internato e semi-internato para alunos de outras unidades que necessitem de atendimento específico em educação especial.

6a. - Centro de Recepção e Triagem que recebe crianças e adolescentes de 6 a 18 anos do sexo masculino em regime de internato. Esta clientela permanece pelo período máximo de três meses, por lei, quando, então, são de volvidos às suas famílias ou encaminhados para as escolas de permanência. Devido ao período estipulado, os menores adquirem apenas o aprendizado do primeiro segmento do primeiro grau ou o primeiro estágio do ensino supletivo.

7a. - Casa da Criança é em regime de semi-internato e é destinada a filhos de funcionários (creche).

8a. - Hospital Central, atende a todos os menores da FUNABEM, FEEM e da comunidade.

No Rio de Janeiro, na Ilha do Governador, existe um conjunto de três escolas, sendo uma casa de triagem e duas de permanência. São elas:

9a. - Instituto Padre Severino que é o centro de recepção e triagem para menores de conduta anti-social encaminhados pelo Juizado de Menores, na faixa etária de 10 a 18 anos. Devido à alta rotatividade nela é ministrado a penas o primeiro estágio do supletivo.

10a. - Escola João Luiz Alves para adolescentes de 16 a 18 anos de conduta anti-social e em regime de interna to. Oferece cursos da primeira à oitava fase do ensino su pletivo.

11a. - Escola Stella Maris, em regime de internato e semi-internato para menores de 14 a 18 anos. Recebe menores carentes e abandonadas e de conduta anti-social. Mantém o primeiro estágio do supletivo.

Em Minas Gerais, a FUNABEM possui três escolas em três cidades. São elas:

12a. - Escola Jerônimo Fernandes, em Carmo de Minas, para menores de 7 a 18 anos, do sexo masculino e em regime de internato e semi-internato. A sua clientela é caracterizada pelo menor abandonado e carentiado, mantendo a primeira série do primeiro grau.

13a. - Escola Wenceslau Braz em Caxambu, com internato e semi-internato para menores do sexo masculino de 6 a 14 anos, sendo eles abandonados ou carentiados. Mantém as duas primeiras séries do ensino regular e estudo dirigido.

14a. - Escola Agrícola Arthur Bernardes, em Viçosa, recebendo menores de 12 a 18 anos abandonados e carentiados, em regime de internato e semi-internato. Ministra o primeiro estágio do supletivo.

Ainda, no Rio de Janeiro (1983)<sup>9</sup> existem sete escolas particulares conveniadas com a FUNABEM:

1a. - Escola Rodolfo Fuchs, atende menores de 14 a 18 anos abandonados ou carentiados, do sexo masculino, em regime de internato. Ministra o ensino regular da terceira à oitava série do primeiro grau.

2a. - Educandário Monteiro Lobato, caracteriza-se pelo atendimento a menores abandonados e carentiados na faixa etária de 6 a 18 anos, em regime de internato. O ensino regular é realizado na própria comunidade.

3a. - Liceu Aquidabã, para menores de 6 a 14 anos abandonados e carentiados do sexo masculino em internato. Lá, é ministrado o ensino de primeira e segunda séries do primeiro grau.

4a. - Escola Agrícola Sabóia Lima, atende menores abandonados e carenciados de 6 a 12 anos, do sexo masculino, em internato. O ensino é da primeira à quarta série do primeiro grau.

5a. - Instituto Dom Bosco, para menores de 6 a 10 anos, do sexo masculino, abandonados e carenciados, em regime de internato. O ensino é de primeira à quarta série.

6a. - Instituto Profissional Getúlio Vargas, caracterizado pelo atendimento a menores abandonados e carenciados de 10 a 14 anos, do sexo masculino e em regime de internato. Mantém o ensino regular da primeira à quarta série do primeiro grau.

7a. - Instituto Medianeira, para menores de 6 a 18 anos abandonados e carenciados, em internato. Mantém o ensino regular dos primeiro e segundo graus.

Quanto ao ensino profissionalizante (oficinas) têm (1983):<sup>10</sup>

1a. - No Centro Piloto de Quintino, as oficinas que são utilizadas pelos alunos de acordo com seu desenvolvimento. As oficinas que existem são: ajustagem e tornearia mecânica, serralharia, solda elétrica e oxiacetilênica, mecânica de automóveis, lanternagem e pintura à pistola, enrolamento de motores e transformadores, composição, tipográfica manual, encadernação manual e impressão tipográfica, desenho mecânico e arquitetônico, instalação elétrica, artefatos de couro, refrigeração de ar condicionado, marcenaria e tornearia em madeira, eletrônica básica, auto-escola e luteria.

Para educação física e lazer, existem dois campos de futebol, quadras para basquete, vôlei, futebol de salão, pista de atletismo, duas piscinas e dois ginásios cobertos.

Em dois prédios próximos, está o teatro, onde são desenvolvidas as atividades artísticas e de banda de música, especificamente formada por alunos.

Ainda neste Centro-Piloto, existe o Projeto Agropecuário com horta, pomar, piscicultura, ranário, estábulo, cunicultura e pocilga. O produto dessas atividades é comercializado na Feira da FUNABEM, que se realiza mensalmente, ficando para os alunos desse projeto uma pequena participação nos lucros.

Outros cursos também são oferecidos aos menores tais como: artesanato, manicura, cabeleireiro, culinária, artesanato em cana-da-Índia, madeira, tecelagem, serigrafia, vassoura, cerâmica e cestaria.

No Hospital Central, funcionam cursos de qualificação profissional, a nível de 1º grau, de auxiliar de serviços médicos, auxiliar de enfermagem, auxiliar de serviços em patologia clínica, auxiliar de serviços de farmácia e almoxarifado.

2a. - Na Ilha do Governador, as atividades profissionalizantes são: vime, vassoura, cerâmica, serigrafia, empalhamento de cadeiras, tecelagem, artesanato de couro, serralharia, jardinagem, oleiro e construção civil, letrista, cartazista, eletricista, lanternagem e pintura de automóveis, manicura, cabeleireiro, culinária, corte e costura, serventia doméstica.

3a. - Em Minas Gerais, existem as oficinas de artesanato e fabricação de móveis de cana-da-Índia, agropecuária, agricultura, avicultura, suinocultura, apicultura, piscicultura, ranário, marcenaria, barbearia, vassoura, pedreiro, pintura, alfaiataria, mecânica de automôveis, bombeiro hidráulico.

4a. - Nas escolas conveniadas, os cursos são de

iniciação profissional, mecânica geral, serralharia, solda elétrica e oxiacetilênica, mecânica de automóveis, marcenaria, composição e impressão tipográfica, eletricista, instalador, serigrafia e datilografia.

Baseada na Declaração dos Direitos da Criança, promulgada pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 20 de novembro de 1959, e nos seus próprios princípios, a FU NABEM, através de seu Conselho Nacional, aprovou as diretrizes da Política Nacional do Bem-Estar do Menor, que são as seguintes:

a) O bem-estar do menor resulta do atendimento de suas necessidades básicas com a criação dos recursos indispensáveis à sua subsistência, através do desenvolvimento da personalidade do menor e a sua integração na vida comunitária;

b) As necessidades básicas do menor compreendem saúde, amor, compreensão, educação, recreação e segurança social;

c) A proteção à saúde, desde o período pré-na - tal, está pautada no oferecimento de cuidados médicos e higiênicos, alimentação e ambiente onde a integridade física e mental são indispensáveis e devem ser cuidadosamente preservadas;

d) Nos estímulos do amor e da compreensão, repousa o desenvolvimento harmônico do menor para uma melhor expressão no lar bem constituído;

e) O desenvolvimento integral do menor exige uma educação sistemática que propicie oportunidade para o exercício de suas aptidões e acesso à cultura. É reconhecido o direito de educação fundamental, iniciação profissional para ter como resultado os benefícios da atividade econômica, fundamentada no trabalho livre e honesto;

f) Para o desenvolvimento pleno e equilibrado do menor, a recreação sadia e adequada a cada idade é fundamental;

g) A segurança do menor consiste na proteção da família, na preservação e defesa do menor contra o abandono, a corrupção ou a exploração. Com isto, a reintegração no ambiente familiar tem que ser favorecida.

Baseado nessas colocações, estabelece-se o que é crime e reconhece-se o infrator. A sociedade agrupa classes sociais e interesses antagônicos que mascaram a igualdade e incorporam a consciência das pessoas. Assim, o infrator é tido como uma ameaça ao bem coletivo.

A pobreza proveniente do baixo poder aquisitivo da população contribui para um maior grau de deficiências nutricionais, habitacionais e educacionais.

Machado (1980)<sup>11</sup> caracteriza o menor marginalizado de duas maneiras: o carentiado e abandonado, e o infrator.

Para ele, o menor carentiado e abandonado é subnutrido, possui carência afetiva, não tem escolaridade, é de baixo nível mental, além de ser rejeitado pela sociedade até mesmo pelo desconhecimento dos valores morais e sociais.

O menor infrator é aquele que além das características acima é insensível à violência, tem sua sexualidade exacerbada e não possui consciência de seu próprio valor.

Assim, na visão e prática oficiais, partindo-se dos conceitos e preconceitos jurídicos, psicológicos, sociológicos e assistenciais, quase sempre, o menor é visto como um elemento que não é harmonicamente social.



A proposta básica da Política Nacional do Bem-Estar do Menor (PNBEM) é tentar criar e reforçar os aspectos positivos com a finalidade de promover mudança de mentalidades, para que esses menores elaborem seus projetos de vida, calcados nos valores da sociedade.

De acordo com Azevedo Marques e outros, as causas principais que levam os menores ao crime são:

- "a) falta de disciplina familiar*
- b) instabilidade emotiva geral*
- c) condição emotiva mórbida*
- d) menor procedente de família onde impera o vício e a delinquência*
- e) retardamento mental ou anormalidade*
- f) interesse nocivo por certas coisas*
- g) procedência de família com doença mental*
- h) menores portadores de enfermidade mental, como por exemplo, a epilepsia*
- i) relações familiares defeituosas*
- j) precedente familiar*
- k) crise do estado conjugal dos genitores*
- l) dissociação familiar*
- m) famílias numerosas com problemas econômicos*
- n) mobilidade familiar*
- o) situação sócio-econômica*
- p) ausência de escolaridade ou escolaridade insuficiente*
- q) influência dos meios de comunicação sobre o menor".<sup>12</sup>*

Os programas oficiais têm procurado atuar nos níveis preventivo e terapêutico.

Na atuação preventiva, o plano é definido a partir da conscientização da comunidade para a natureza da problemática do menor e, conseqüentemente, a contribuição adequada para sua solução.

A FUNABEM, articulada com os programas governamentais, formaria, então, um sistema onde o menor e o adulto em processo de marginalização seriam teoricamente abrangidos pela reintegração social.

Ainda, segundo Marques, *"uma ação preventiva ampla, no campo da marginalização do menor supõe, necessariamente a ação da comunidade, não em caráter eventual ou acidental, mas de modo sistemático, organizado. A comunidade deve ser mobilizada para participar consciente e efetivamente de um trabalho que não pode prescindir de sua presença ativa"*.<sup>13</sup>

Com isto, a ação preventiva coloca a comunidade como integradora no processo de ressocialização do menor e sua família.

Na atuação terapêutica, o discurso científico é o seu "background", e tem como objetivo a assimilação e/ou redefinição de valores.

Esse processo procura levar o menor a abandonar todos os seus valores e percepções apreendidos em seu mundo para dar lugar à inculcação de nossos padrões que lhes são impostos.

Na instituição, o menor passa por um processo de aculturação, onde prevalecem os condicionantes positivos da sociedade que o instituiu.

Seus pertences, sua identidade - seu próprio nome -, sua individuação são despojados, dando lugar à padronização instituída.

E, mais ainda, sua vontade, seus valores, sua personalidade, enfim, são totalmente negados e subtraídos.

## NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- <sup>1</sup> FUNABEM. *A política nacional do bem-estar do Menor*. Parte I, Capítulo I, p. 15.
- <sup>2</sup> \_\_\_\_\_. Criação da FUNABEM: exposição de motivos do anteprojeto de Lei. In: \_\_\_\_\_. *"O menor-problema social no Brasil e a ação da FUNABEM"*. Rio de Janeiro, MPAS/FUNABEM, 1978, p. 127.
- <sup>3</sup> \_\_\_\_\_. Estatutos da Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor. In: \_\_\_\_\_. *Coletânea de Leis*, Rio de Janeiro, MPAS/FUNABEM, 1978, Capítulo I, artigo 4º, p. 41.
- <sup>4</sup> Idem, op. cit., p. 41.
- <sup>5</sup> ARRUDA, Reinaldo Sérgio Vieira. *Pequenos bandidos*, 1ª.ed., São Paulo, Global, 1983, p. 146.
- <sup>6</sup> BIERRENBACH, Maria Ignês R.S. *Política e planejamento social no Brasil: 1956/1978*. 2a. ed., São Paulo, Cortez, 1982, p. 83.
- <sup>7</sup> Ex-alunos denunciam maus tratos em escola da FUNABEM. *"O Globo"*, jornal, Rio de Janeiro, 18 de abril 1984, p. 11.
- <sup>8</sup> FUNABEM. Centro de Educação do Menor da Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor, Rio de Janeiro, MPAS/FUNABEM, 1983.
- <sup>9</sup> \_\_\_\_\_. *A questão do menor: responsabilidade e ação da sociedade e do governo*. Rio de Janeiro, MPAS/FUNABEM, 1983.
- <sup>10</sup> \_\_\_\_\_. Centro de Educação do Menor da Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor, Rio de Janeiro, MPAS/FUNABEM, 1983.
- <sup>11</sup> FEBEM/SP. Boletim informativo nº 2, abril/maio/junho de 1980. Antonio Luiz Ribeiro Machado, *A problemática do menor autor de infração penal e seu tratamento*. São Paulo, p. 6.

<sup>12</sup>ARRUDA, Reinaldo Sérgio Vieira. *Pequenos bandidos*, 1a. ed., São Paulo, Global, 1983, p. 158.

<sup>13</sup>AZEVEDO MARQUES, João Benedito. *Marginalização, menor e criminalidade*. São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1976, p. 48.

## CAPÍTULO IV

### A ASSOCIAÇÃO DOS EX-ALUNOS DA FUNDAÇÃO NACIONAL DO BEM-ESTAR DO MENOR (ASSEAF)

Alguns ex-alunos da Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor resolveram fundar uma associação que os ajudassem e os mantivessem coesos, dada a dificuldade de reingressarem na sociedade.

Pontos básicos serviram de apoio para este grupo, tais como: falta de documentação, emprego, moradia e o próprio estigma (delinquentes, marginais, ladrões, assaltantes, etc...).

Com a colaboração e a simpatia da Presidente da FUNABEM, na época, Professora Eclêa Therezinha Fernandes Guazelli, foi possível a concretização do pensamento desse grupo: a criação da Associação dos Ex-alunos da Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor - ASSEAF - em 23 de fevereiro de 1980.

A ASSEAF é uma entidade de fins não lucrativos, com os objetivos de manter e estreitar os laços de amizade e o convívio dos ex-alunos entre si, suas respectivas famílias e antigos mestres; desenvolver o espírito de fraternidade; assistência moral, material e profissional; proporcionar meios para uma convivência cultural, recreativa, esportiva e assistencial, preparando-os para um melhor convívio para si e para a coletividade.

Esta entidade, por não possuir meios de subsistência, solicitou à FUNABEM que a ajudasse nas suas primeiras dificuldades, reproduzindo, assim, a mesma conduta dos ex-alunos, quando de seus desligamentos.

No início, obtiveram recursos materiais, assim como a sua sede, um prédio em estado precário, onde funciona atualmente na Rua 24 de Maio, nº 43.

Muitas têm sido as dificuldades encontradas para permanecerem nessa luta de companheirismo, mas, mesmo assim, com a colaboração de pessoas interessadas pela problemática dos ex-alunos e na implementação da consciência do grupo, essa entidade sobrevive.

Inicialmente, o atendimento a ex-alunos foi no sentido de documentá-los e encaminhá-los para empregos, ou melhor, biscates na sua grande maioria, apoiados em conhecimentos pessoais e doações da própria cúpula.

Tal era a procura pelos ex-alunos a esta associação que alguns pontos foram ressaltados e encaminhados à FUNABEM: revisão dos métodos educacionais e critérios para o desligamento.

Obviamente, a partir desses questionamentos, a instituição FUNABEM não via mais como ajudar a ASSEAF e esta procurou encontrar outros caminhos para superar as suas dificuldades.

Após os acontecimentos de várias violências físicas aos ex-alunos, a ASSEAF denunciou à imprensa e ao Legislativo essas ocorrências. E, para evitar a repetição de tais fatos, a associação acolheu esses ex-alunos, fornecendo-lhes os auxílios mais imediatos, tais como moradia e documentação, além de orientá-los para uma vida comunitária.

A complementação da educação necessária ao desenvolvimento dos ex-alunos que se encontram em dificuldades, e, que é a maioria, está sendo realizada nas áreas da saúde, serviço social, jurídico, cultural e pedagógico.

Na associação, procuram estreitar o relacionamento, não diferenciando direção, técnicos, e clientela, pois formam um grupo de iguais à busca de um referencial que os leve à possibilidade de encontrarem a sua identidade.

Para os elementos que frequentam a ASSEAF, ela é um ponto de encontro, de apoio, onde todos falam, criticam e colocam os seus anseios e dificuldades.

Os dirigentes são tidos como pessoas bem sucedidas - uma exceção: pedagogo, artista, sociólogo - com uma visão bastante crítica da FUNABEM, dos ex-alunos e da sociedade num contexto maior.

Eles procuram em suas reuniões sistemáticas passar este espírito crítico, levando os ex-alunos a decidirem, refletirem, agirem e assumirem suas atitudes e a procurarem através da iniciativa própria à sua reintegração na sociedade.

Para alguns ex-alunos, a associação existe para mostrar o que eles passaram e passam na sociedade.

Neste depoimento, pode-se constatar a revolta existente nesse sentido: *... "Eu venho aqui porque tenho que tomar um banho. Eu sou um revoltado... eu não quero roubã, matã, se eu tivesse um emprego nunca mais voltaria aqui. Eu quero esquecer que isto existe".*

Cada um tem sua história de vida, mas o objetivo da maioria é arranjar um emprego e reintegrar-se na sociedade.



## CAPÍTULO V

### A PESQUISA - METODOLOGIA

A abordagem deste trabalho — um estudo de campo em caráter exploratório — se assemelha à *fenomenológica*, no sentido de se ter procurado, num primeiro momento, ver e escutar a experiência do ex-aluno, emergente nos seus depoimentos e em todos os contatos que aconteceram entre nós, tentando o mais possível excluir dos diálogos os "a priori". É evidente que, de um ponto de vista mais crítico estão sempre presentes tais "a priori", (sejam os pré-conceitos em termos teóricos, sejam as imagens de "ex-alunos" procedentes do domínio social). Porém, essa tentativa de aproximação fenomenológica caracteriza-se, sobretudo, pelo cuidado em não influenciar a direção dos depoimentos e comportamentos (como por exemplo, entrevistas semi-estruturadas, onde há espaço para novas questões com base nos emergentes e contatos informais, respeitando o tempo de cada um se dispor a esse fim.)

O objeto visado por essa abordagem constituiu-se nas representações dos ex-alunos, a respeito dos temas de estudo. Mesmo tendo como ponto de partida alguns temas centrais, pode-se, na análise dos depoimentos e outros materiais, identificar desdobramentos destes seguindo a articulação das representações apresentadas pelos próprios ex-alunos.

As representações são fenômenos essencialmente ligados ao contexto social que as produz mesmo a nível individual. E, no presente trabalho, a questão é séria, porque pesquisador e pesquisado são representantes de duas realidades sociais distintas (um dos ex-

alunos parecia compreender bem esta dificuldade ao dizer, aproximadamente o seguinte: "*o menor deve ser visto pela psicologia do próprio menor, e não pela psicologia dominante*".)

Dizer que se pretende "dar voz" ao menor, para escutar a sua voz, exige reconhecer que, até mesmo dando-lhe voz, ainda se fala implicitamente deste impasse.

A análise das representações, feita sob um ponto de vista qualitativo e utilizando um procedimento de categorização do conteúdo dos depoimentos em temas dominantes, precisou levar em conta as contradições, incoerências, ambiguidades dessas representações, com o objetivo de preservar ao máximo o que, nelas, expressa a visão do próprio ex-aluno.

O campo em que se realizou o estudo, aqueles que participaram da pesquisa, os instrumentos e procedimentos postos em prática e as atividades desenvolvidas são descritos a seguir.

A partir da minha participação na pesquisa já citada no capítulo 1, tive a oportunidade de me ater na problemática existencial do menor institucionalizado, voltando o meu interesse para as representações dos ex-alunos enquanto ligados à arte musical.

Participando dos diversos estágios do estudo acima citado, me foram oportunizadas as visitas a algumas escolas da FUNABEM onde pude observar, dialogar e entrevistar

tar vários professores, inclusive de atividade artística, mestres de oficinas, funcionários de secretaria e serviço social.

A ASSEAF foi o principal campo de investigação, onde foram coletados os dados necessários à elaboração e desenvolvimento deste trabalho.

Portanto, canalizei as minhas atenções para o problema do menor institucionalizado no momento em que já está desligado da FUNABEM, verificando as suas representações nas suas interligações com a arte. Através de evidências empíricas pude constatar que os menores institucionalizados ligados a arte têm uma socialização diferenciada, isto é, apresentam um determinado "sucesso", entendido pelo grupo como constituir família, ter casa, emprego e direito à estudos.

Para coletar dados significativos para minha pesquisa, utilizei-me de *instrumentos* tais como entrevistas semi-estruturadas (ver anexo), observações em situações formais e/ou informais, contatos pessoais e consultas a arquivo e documentos da ASSEAF.

Nas observações em situações formais, por exemplo, nas reuniões sistemáticas da ASSEAF e nas observações informais, como por exemplo, as de corredor e demais dependências desta entidade, tive oportunidade de colher dados significativos para o presente estudo.

Várias leituras de teses, livros e artigos, documentos e leis sobre o problema do menor foram realizadas também, assim como participei do V Congresso de Neuropsiquiatria, no qual foi proferida uma palestra sobre "O institucionalizado" por Ivanir dos Santos, atual presidente da ASSEAF.

Além deste, participei de alguns encontros do Núcleo e Estudos de Assistência ao Menor (NEAM), realizados na PUC/RJ.

Todos os dados colhidos serviram como subsídios para este estudo e para novos estudos, ou mesmo um aprofundamento dessa questão.

Ao elaborar a entrevista, procurei categorizá-la em três partes:

- a primeira é a identificação do ex-aluno, abrangendo a sua história pessoal e familiar;
- a segunda é a profissionalização, isto é, o menor dentro e fora da FUNABEM, ligado à arte;
- a terceira diz respeito ao estar fora da instituição, isto é, o reingresso na sociedade.

Nos três segmentos da entrevista, por ser ela semi-estruturada, tive a oportunidade de lançar novas perguntas, com a finalidade de explicitar alguns dados que não me pareciam muito nítidos, embora em alguns deles, o entrevistando tenha permanecido nos argumentos anteriores.

Ao final de cada entrevista, perguntava ao entrevistando se tinha algo que quisesse relatar.

E, como que parecendo um compromisso de quase todos, a complementação era a de que *"este estudo não ficasse só entre as pessoas que o leriam, não só como um com-promisso assumido por mim, mas que a sociedade possa tomar conhecimento desses dados e procurem atuar em benefício dos alunos e ex-alunos da FUNABEM".*

Todas as entrevistas foram realizadas com a utilização do gravador, para que eu pudesse analisar com maior fidedignidade possível, as informações dadas assim como os sentimentos que foram assinalados.

Precedi a todas as entrevistas com um diálogo bastante informal e explicitando quem eu era, e o que es-

tava fazendo ali, para que se estabelecesse uma relação de confiança, e só depois passei às entrevistas, tendo estas a duração aproximada de uma hora e meia.

Quando da possibilidade de entrevistar os ex-alunos que fazem parte da estrutura de funcionamento da ASSEAF, algumas vezes as respostas eram negativas, não no sentido de dizer NÃO, mas pelo fato de marcarem e não comparecerem, do estar ocupado, ter outro compromisso, estar na hora do almoço, etc...

Porém, sempre na busca de uma maior aproximação e da confiança que procurei implantar, consegui com que poucos elementos dos acima citados se dispusessem a ser entrevistados e aqueles que lá apareciam.

É nesta entidade (ASSEAF) que os ex-alunos procuram se agregar em busca de suas identidades, realização profissional e seu reingresso na sociedade é, mais especificamente, na busca de ajuda mútua, necessitando assim de convívio com seus pares.

Quando da minha participação nas reuniões sistêmicas, como convidada da ASSEAF, pude perceber que minha presença, algumas vezes, chegava a incomodar. Sempre tentando uma reaproximação, mostrando interesse pela causa do menor, integrando-me ao grupo, dialogando até mesmo sobre fatos que para eles poderiam parecer banais, pude depois de algum tempo readquirir a confiança deles e saber o porquê desse estado de resistência, e, a resposta foi a de *"não ser usado pelas pessoas que nada fazem pelo menor como tem acontecido até hoje"*.

Para eles não existe o retorno desses estudos e por isso se consideram como objeto, sendo muito entrevistados, analisados, e... soluções para a problemática do menor são inexistentes.

Os *sujeitos* deste estudo foram, portanto, representantes da diretoria da ASSEAF, incluídos no quantitativo de treze (13) ex-alunos do SAM e da FUNABEM, estipulando-se como critério para participarem do estudo, o limite mínimo de idade (dezoito anos), porque é nesta faixa etária que ocorre o desligamento da instituição e o de terem participado das atividades artísticas musicais dentro da FUNABEM.

A medida em que a minha forma de atuação era definida, direcionei-me à consulta dos documentos, publicações e arquivos que dizem respeito à FUNABEM e à Associação de ex-alunos da FUNABEM (ASSEAF).

Pude então obter, através deste levantamento e também com a diretoria da ASSEAF, que me fossem fornecidos os nomes de alguns ex-alunos que tiveram ligação com a arte dentro da FUNABEM.

E o que me chamou atenção foi o fato de que a maioria deles não participa da vida da ASSEAF, com exceção dos elementos que compõem a sua direção, portanto, como o quantitativo de ex-alunos ligados à arte era muito reduzido, tive necessidade, de ampliar o campo da investigação, entrando em contato com alguns deles em seus locais de trabalho, fato este que poderia ter tomado como indicador de que os ex-alunos ligados à arte estão de certa forma inseridos na sociedade.

Sabedora de que muitos deles estavam inseridos nas Forças Armadas, no Corpo de Bombeiros, no Corpo de Fuzileiros Navais, dirigi-me a algumas dessas entidades e muitas foram as minhas dificuldades.

Ao entrar em contato com o 1º Batalhão de Guarda do Exército, por várias vezes, e ao explicitar meus objetivos, me foi negada a realização da pesquisa.

Dirigi-me, então, ao Centro de Estudos de Pessoal do Forte Duque de Caxias que pertence ao Exército (CEP), para prosseguir na pesquisa. Apesar de ter sido ali bem recebida e de ter tomado ciência de que aquele órgão se interessa por pesquisas, a resposta foi de que *"estamos em período de diminuição de carga horária e a maioria está de férias"*, embora sempre tenham deixado uma brecha para o dia seguinte, mas sem nada de concreto eu conseguir.

Na Aeronáutica, tive oportunidade de contatar com o Núcleo e Instituto de Seleção e Orientação (NUISO) dentro do próprio Ministério, órgão que tem como finalidade o trato dos assuntos relativos à Psicologia aplicada ao pessoal da Aeronáutica, e mais uma vez, fui muito bem recebida, só que me foi dito que *"não temos condições de indicar os ex-alunos da FUNABEM, porque não nos interessamos pela vida pregressa deles, mas, sim a partir do momento em que iniciam sua carreira militar"*.

A corporação em que encontrei apoio e permissão para melhor executar o meu estudo foi a do Corpo de Bombeiros do Estado do Rio de Janeiro (CBERJ), onde tive oportunidade de entrevistar três componentes da Banda Sinfônica, não me sendo possível conseguir um número maior de entrevistados porque se encontravam, na maioria, em férias.

Esses três elementos mostraram-se bastante vaidosos e solícitos ao participarem da pesquisa e informaram-me sobre outros ex-alunos que hoje têm na música a sua atividade.

## CAPÍTULO VI

### ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Quando comecei a pesquisa, eu me questioneei sobre alguns temas, o que formalizei nas entrevistas, e tópicos emergentes surgiram dos depoimentos, proporcionando um melhor esclarecimento desses questionamentos, tais como: imagem da instituição, preparação do menor para o mercado e a vida, vivência do desligamento, imagem dos menores, o porquê da procura e da participação nas atividades artísticas musicais e seus efeitos a nível individual e social, a relação entre arte e sucesso, o sentimento de auto-estima, a relação entre identidade e estigma, as implicações do menor no mundo atual, o papel da Associação dos ex-alunos da FUNABEM e o destino dos ex-alunos.

O grupo de entrevistados se dividiu entre uma imagem muito favorável ou muito negativa, a respeito da instituição FUNABEM.

Eles focalizaram a função da instituição dentro da sociedade, ou seja, a sua utilidade para o menor, uma vez fora da instituição, ora declarando que a FUNABEM cumpre o seu papel, ora o contrário.

As opiniões favoráveis provêm, em maior número, de ex-alunos do SAM, que parece corresponder a uma condição relativamente mais favorável em termos de "preparação para a vida."

As opiniões negativas, mostram-se mais explícitas no referente ao porquê da imagem negativa: a instituição é vista como "um quartel", "alienadora", "dissociada da clientela", "dissociada da vida", de fato e desinteressada pelo destino do menor, quando do seu desligamento.



Apenas, dois ex-alunos apontam a necessidade de modificações na instituição, notando-se que um deles considera a modificação na *"maneira de ser e de educar"*.

Quanto à preparação que os menores recebem na instituição para o mercado de trabalho e a vida, é constante um questionamento sobre a sua eficácia: o processo de preparação fora da realidade leva o ex-aluno a se sentir desorientado, só tendo possibilidade de acesso a um mercado de trabalho subalterno, havendo uma agravante da estigmatização.

Nas palavras de um ex-aluno, *"A FUNABEM não prepara para enfrentar problemas, barreiras, discriminações e o próprio estigma. A realidade externa é diferente da interna que condiciona, aprisiona, dirige e modela o menor."*

Mais uma vez, os alunos do SAM na condição atual deles - dois são mestres da FUNABEM e três são músicos da Banda do Corpo de Bombeiros do Estado do Rio de Janeiro - percebem tal preparação como sendo muito positiva, relativizando apenas os efeitos dessa preparação em função das características individuais, ou dos obstáculos que a sociedade coloca no aproveitamento dos ex-alunos.

Por alguns entrevistados, a preparação para o mercado e a vida é vista como terapia ocupacional, com o objetivo exclusivo de não deixá-los ociosos e para que *"não dêem trabalho"*.

A maioria dos ex-alunos vivenciou o desligamento, como uma época difícil.

Eles ressaltaram uma rutura entre o mundo interno e o externo, sendo o lado de fora um lugar onde passaram por dificuldades de adaptação, seja na família, seja no mundo social, chegando alguns a se sentirem alienados

e com desconhecimento total de seu espaço na sociedade.

É possível que estando mais consciente da realidade do meio externo pudessem enfrentá-la de forma mais amena, como declara um dos ex-alunos em seu depoimento: *"Para os outros, a falta de conscientização de não ter moradia, família, sustento e adaptação à sociedade são barreiras que eles vivem ao serem desligados."*

Por outro lado, um deles lança mão do mecanismo de negação, pois, embora morando na rua, afirma não ter tido dificuldades e acha-se culpado por sua situação.

Um caso especial, onde não se pode falar em desligamento, é o de um mestre da Banda da FUNABEM e que se verifica quando diz: *"Eu não me desliguei da FUNABEM"*. Na realidade, enfrentam o desligamento como um segundo abandono que só pode ser suavizado se o indivíduo adota algum mecanismo de defesa, racionalizando e evitando o desligamento real, com o que são obrigados a lidar obrigatoriamente.

Quanto à imagem que os ex-alunos têm a cerca dos menores, é destacada uma certa igualdade enquanto menores institucionalizados, como se eles fossem todos iguais.

Iguais no sentido dos fatores que determinam a sua institucionalização e o seu destino: pobres, carentes, marginalizados, como produto de um sistema e de uma sociedade que não só os empurra lá para dentro, como os rotula quando saem.

Outras questões levantadas, ao delinearem a imagem dos menores, foram suas dificuldades familiares, afetivas, revoltas, notando-se claramente uma denúncia contra a sociedade e o governo, o qual, para eles utiliza o problema do menor em função da conquista de seus interesses e objetivos políticos.

Segundo um dos entrevistados, a sociedade deposita suas expectativas de boa conduta e trabalho produtivo naqueles que a instituição cria. No entanto, o resultado *"são os maiores abandonados"* e como diz outro ex-aluno *"os menores lá de dentro são uns futuros maiores abandonados"*.

Alguns fazem uma comparação entre o menor da FUNABEM e as crianças de um modo geral, destacando o abandono, - *"a criança tem seus pais consigo"*, - a falta de orientação e liberdade - *"a criança tem quem a oriente sem muros e enfrentando obstáculos que são as contingências da própria vida"* - e sua proveniência de meios pobres e distantes geograficamente - *"os outros são crianças de Zona Sul"*.

Os depoimentos trouxeram dúvidas quanto à procura das atividades artísticas musicais, e sobre a entrada dos alunos nessas mesmas atividades.

Os entrevistados deram a entender que com as atividades artísticas acontece algo de diferente isto é, não é igual às outras atividades (oficinas).

Para participar das atividades artísticas, encaminham-se os que têm verdadeira vocação e interesse, ou os que sabendo das vantagens dentro e fora da FUNABEM usufruídas pelos "artistas" procuram essas atividades para se beneficiarem.

Esta forma de procura, isto é, por interesse nas vantagens obtidas, é questionada por vários ex-alunos, pois é como se a instituição explorasse essa alternativa de profissionalização, o que, aliás, será discutido adiante em termos de uma troca de benefícios, chegando alguns a considerarem-na *"imposta como meio de dominação"*.

De alguma maneira, reconhece que a arte não pode ser imposta, pois é uma vocação, e, por outro lado, denunciavam até que são *"empurrados"* para as atividades artísticas.

Outro aspecto da questão consiste no processo de seleção. Segundo um número razoável de ex-alunos, aqueles que participam das atividades artísticas, mesmo os que não têm vocação, com o desenvolvimento da atividade, acabam se interessando - *"o interesse vem com o aprofundamento"*.

No entanto, expressões como *"despreparo dos que trabalham com os menores"*, *"processo de seleção violento"*, *"ser empurrado"*, *"tem que ter comportamento institucional"*, parecem indicar variáveis institucionais que tornam o processo de seleção para atividades artísticas não tão simples e natural assim.

É possível que circunstâncias outras traduzam percepções e experiências individuais que transformem a participação dos alunos em algo mais positivo ou menos positivo: *"isto depende de cada indivíduo"*.

Essas questões mostram a necessidade de que os educadores percebam na arte um caminho para um trabalho maior e *"não para ser visto pela comunidade"*, como é apontado por um ex-aluno: *"A arte é a melhor forma do homem se manifestar. Ela traz honestidade de espírito, liberação das mentiras e dogmas, sua identificação com suas raízes, conta a história do mundo e ajuda no relacionamento. Isto, não só em relação ao menor ligado à arte, mas a todos os seres humanos"*.

Todos os entrevistados participaram das atividades artísticas na instituição e, sobretudo, na arte musical, notando-se maior variabilidade dessas atividades no caso de ex-alunos da FUNABEM: modelagem, dança, canto individual, coral, teatro além da música.

Os ex-alunos do SAM parecem estar estruturados no exercício profissional em relação aos da FUNABEM - entre os quais não havia nenhum que estivesse atuando no campo artístico musical. Além disso, os provenientes do SAM têm uma visão diferente quanto à prática da atividade artísti-

ca dentro da instituição, pois são menos críticos, enquanto os ex-alunos da FUNABEM, apontam o uso feito pela instituição que *"faz apresentações de arte para que os alunos divulguem o seu lado que prospera"*.

De fato, parece ter havido mesmo no SAM, uma troca de benefícios entre os internos e a instituição, cuja imagem é promovida, enquanto os alunos também são promovidos e prestigiados.

São vários os aspectos de valorização do aluno-artista: recebem tratamento diferente dos demais, mais carinho e incentivo, isto é, são chamados pelos próprios nomes, têm certas regalias e participam de apresentações fora da instituição que favorecem de certa forma a socialização. Por outro lado, na FUNABEM, esta valorização é relativa, conforme pode-se inferir através dos depoimentos feitos pelos próprios ex-alunos.

Alguns declaram que apenas os alunos da Banda são apoiados ou que embora prestigiados *"lá dentro não são apoiados na hora de se colocarem no mercado de trabalho, ou, ainda, que não existe uma valorização autêntica, sendo as atividades artísticas uma forma de controle e de "terapia ocupacional"*.

Ao analisar possíveis diferenças entre os alunos que participaram e os que não participaram das atividades artísticas, os entrevistados parecem tender a distinguir os primeiros como sendo mais *"burilados"*, isto é, com maior facilidade de se relacionarem, capacidade para atingir seus objetivos e uma melhor imagem em relação aos segundos. No entanto, alguns afirmam não haver diferença entre eles ou, se as há, são devidas *"à vida"*, à atividade de cada um, às artes de cada um.

Mesmo havendo diferenças, os ex-alunos que constroem amizades na instituição preservam-nas uma vez fora dela

Em relação aos efeitos das atividades artísticas a nível individual e social, os ex-alunos tocam em pontos que a própria Psicologia destaca como efeitos da prática da arte tais como o resgate da individualidade, a expressão da personalidade e a valorização do indivíduo, pois, é constante a ênfase dada a realização individual. Isto fica bem delineado nas palavras de um ex-aluno: *"A arte vem do íntimo das pessoas"*.

Sendo assim é uma forma de expressar os afetos, é um fator de valorização em termos de auto-estima, auto-domínio, auto-confiança, auto-conhecimento — até de desenvolvimento motor e perceptivo — de conscientização, um plano onde se pode ser autêntico: *"... não permite subterfúgios, mentiras, hipocrisias e sacanagens... o homem se liberta"*.

É interessante notar que um dos ex-alunos do SAM ressalta a arte como um auxílio para *"... superar as dificuldades inclusive o suicídio"*.

É possível que o seu desenvolvimento pessoal seja facilitado, justamente porque as próprias pessoas lhes dão um tratamento mais favorável, mais ameno, destacando-se neste particular a declaração de um deles de que *"recebem amor dos mestres"*.

Do ponto de vista da interação do aluno com outros indivíduos, a maioria considera a arte um fator positivo em termos de socialização e comunicação: desinibe, proporciona prestígio, amplia os horizontes, permite uma nova visão no sentido de reivindicar direitos, educa, sensibiliza, possibilita *"clarear seu pensamento, entender a crítica, aproxima as pessoas para um bom relacionamento já que a arte é feita em grupo"*.

Além disso, a socialização neste panorama favorece

vel inclui a profissionalização, não no sentido acabado de saírem da instituição como profissionais, e, sim porque através da arte são aumentadas as suas probabilidades de sucesso no trabalho.

Ainda assim, a situação financeira mesmo para os que se dedicaram à arte musical é vista como um problema.

Segundo um dos ex-alunos, a *"arte ajuda a aprender a viver e sobreviver na sociedade"*, dando-lhes mais condições de superar as dificuldades que certamente enfrentarão no mundo cá de fora. De algum modo, adquirem uma *"vontade de crescer"* e *"vontade de vencer"*.

Apesar desses efeitos positivos, alguns entrevistados parecem não esquecer o *"uso das atividades artísticas musicais feito pela instituição"*. Isto fica claro, quando dizem que a arte não traz benefícios em termos de sobrevivência econômica e nem de favorecimento para um melhor relacionamento. Tal se deve ao fato de que relembram a arte como terapia ocupacional, isto é, como forma de se manterem ocupados na instituição.

Os entrevistados retratam em seus depoimentos a figura dos ex-alunos bem sucedidos e, neste retrato, a arte aparece como um fator de facilitação e não de caracterização do sucesso.

Bem sucedidos *"são os que têm família e condições de mantê-la; os que conseguem viver através da música; os que cumprem seus compromissos e ganham dinheiro; os que adquirem estabilidade econômica acima da média dos demais alunos; aqueles que conseguem uma sobrevivência decente nessa sociedade para a qual não foram preparados e tentam ajudar aos outros; aqueles que tem o direito de comer e estudar; carro; casa; são os que estão bem consigo mesmo"* e *"não é a ligação com a arte que vai determinar isso"*. São os que conseguem trabalho, estudam, têm emprego e são reconhecidos.

E, ainda, há os que são bem sucedidos, porque es tão na Marinha.

Como se vê, a não ser o ex-aluno que valoriza a possibilidade de estar bem consigo mesmo, todos os outros associam o sucesso às vantagens e benefícios alcançados no plano sócio-econômico.

E, embora a arte musical tenha estado presente na vida de todos eles, o sucesso dentro da própria arte só foi conseguido por cinco deles.

Os demais, apesar de terem tido a mesma experiência em termos musicais, não a utilizam como meio de sobrevivência.

Analisando-se os depoimentos dos entrevistados com a intenção de avaliar a auto-estima desenvolvida por eles, em função das atividades artísticas musicais, verificou-se que todos eles, de uma forma ou de outra, referem-se a este aspecto.

Em sua maioria, aceitam-se a si mesmos, o que fica bastante claro quando um deles diz que *"o aluno aprende a gostar de si mesmo e se valoriza"*.

Realmente, as expressões dos ex-alunos - tais como *"... tenho a minha cabeça no lugar..."*, *"Considero-me uma pessoa"*, *"Gosto de mim e do que faço, realizo-me no meu desempenho e vivo minhas coisas..."*, *"Sinto-me orgulhoso de ser músico da FUNABEM"* - trazem um sentimento de individuação e realização pessoal.

A auto-estima e o auto-reconhecimento como pessoa, com uma história de vida estigmatizadora, é algo de grande significação.

No entanto, a própria condição de ex-aluno pare-



ce levá-los a muitas contradições, pois acham que a arte valoriza o indivíduo, e, no entanto, em sua maioria, não a exerceram mais na sociedade, chegando um deles a afirmar que *"a arte não ajudou em nada"*.

Estas considerações levantam a possibilidade de que algumas vezes tenham respondido na direção esperada pela pesquisadora ou ainda que a realização pessoal advinda da prática artística - que, de fato, estaria ligada à auto-estima - não esteja tão diretamente ligada à vida profissional.

Teria sido o aluno valorizado pela prática artística, mas não obrigatoriamente ligado à atividade profissional ou seja, não teria, necessariamente, passado para uma identificação profissional.

Neste sentido, precisa-se considerar a alta emulação que se faz nas instituições da participação nas atividades musicais, valorizando quem pratica música e em consequência este se sente valorizado e se auto-estima.

Os depoimentos permitem evidenciar dois posicionamentos diferentes quanto à identidade e ao estigma: identidade de estigmatizado e a de outros que se sentem não estigmatizados, mas beneficiados internamente em seu processo de busca da identidade pelo que conseguiram com base na instituição - *"homem de bem e de futuro..."*.

Entre esses, se distingue a tônica no esforço do indivíduo, um interesse pessoal pois quem *"se interessa se dá bem... quem não se interessa não se dá bem"*.

Uma terceira forma de se posicionar dá ênfase à música como centro da identidade. Em dois dos depoimentos, temos que: *"é músico e não gostaria de mudar"* é *"é músico mas gostaria de ser um excelente músico"*.

A maioria dá a indicação de ser realmente estigmatizada.

Assim, falam de *"sua identidade no seu papel como ex-aluno"* ou *"para lutar pela classe"* ou ainda *"e consciente e transa o seu eu"*.

Notou-se que essa maneira de falar sobre sua identidade como ex-aluno passa por uma dimensão maior, ou seja, uma forma de representar sua auto-imagem, pelo reconhecimento social ou pela identidade consigo mesmo.

Esta dimensão suscita a discriminação entre identidade social real e a virtual, através da qual se podem ler os depoimentos de outra maneira.

*"Assume a sua identidade de ex-aluno", "Não é nada na vida", "Sabe que é ex-aluno", "Não se sente respeitado", "Sente-se importante porque é requisitado para festivais..."*, todas essas expressões indicam que a maior parte dos ex-alunos centra a sua crença na identidade muito mais em termos de uma identidade social virtual do que na identidade social real, ficando em segundo plano o fato de se sentirem ou não estigmatizados.

A auto-percepção do ex-aluno, no que se refere à sua posição no mundo atual, se subdivide em dois temas: a percepção do "menor em geral" e a percepção de si mesmo.

Na primeira temática, o menor é visto como carente de apoio, carinho, como alguém não reconhecido pela sua individualidade na sociedade, impedido de integrar-se na mesma. Segundo depoimentos de alguns ex-alunos:

*"Deve-se ver os menores com a psicologia deles e não da classe dominante"*.

*"Os menores são filhos das idéias vendidas pela sociedade".*

*"A sociedade não permite a entrada do ex-aluno".*

Na segunda temática, cada depoimento coloca uma visão bem peculiar, colocando-se de forma pessoal, ora se vendo como "excluído e abandonado", ora negando essa vivência de abandono, ora, ainda, consciente das dificuldades, rejeitando a acomodação e criticando o poder aquisitivo e ora, também, consciente das dificuldades mas não as enfrentando.

Essas colocações podem ser sintetizadas da seguinte maneira: há uma vivência de abandono que pode tanto ser negada como afirmada, sendo essa vivência relacionada por alguns como uma ação de rejeição social, contra a qual alguns se rebelam, enquanto outros se sentem impotentes.

Como se vê, a idéia central é a mesma nas duas temáticas, sendo que o grupo trabalha isso de forma pessoal e ou impessoal.

Como os depoimentos não guardavam uma referência direta à questão da identidade, este tópico na análise dos resultados, foi discutido a partir de conclusões que se podem extrair dos tópicos anteriores.

Procurou-se compreender que a auto-estima, o gostar de si mesmo, se verifica quando ocorre a realização pessoal e sua identificação com a música, fato que poderá inclusive promover a sua identidade social real.

Em relação à Associação dos ex-alunos da FUNABEM, e para os que a conhecem mais diretamente, esta tem como função básica o apoio aos ex-alunos, só que este tipo de

apoio é colocado pelos que são membros da diretoria de uma forma mais crítica e mais ampla, como por exemplo:

*"O objetivo da ASSEAF é a reintegração do menor e mostrar para a FUNABEM que seus métodos não servem de nada".*

*"O objetivo maior da ASSEAF é congregar os companheiros... lutar para sobreviver... ter uma visão política... consciência das necessidades" e por outro lado os ex-alunos que frequentam e são atendidos pela ASSEAF definem esse apoio em termos bem assistencialista e paternalista: "acabar com a fome"... tomar banho e café"... , "atendimento médico"... , "tratar de documentos".*

Apenas três dos entrevistados têm um conhecimento indireto da ASSEAF e, portanto, não sabem definir bem seus objetivos, não tendo, assim, clareza de sua filosofia.

Entre esses que vêm a ASSEAF como uma função assistencial, alguns parecem esperar dela os mesmos "benefícios" que recebiam da FUNABEM, enquanto que aqueles que têm uma proposta mais abrangente em torno do problema do menor, embora saibam que a ASSEAF existe como uma consequência necessária da FUNABEM, buscam um rompimento nesta sequência e, de alguma maneira, não repetir os "erros".

Ainda assim, pelo que se pode observar dentro da ASSEAF, tem sido muito difícil concretizar essa tentativa, pois são levados a só exercer realmente uma ação de proteção, o que corre o risco de reproduzir as "mordomias" do passado institucional.

Desse modo, o ex-aluno liga-se com a Associação, como alguém que precisa ser ajudado, esclarecido, conscientizado, em razão do estigma, mas acaba estabelecendo um tipo passivo de relação: "Procurei na ASSEAF o que não tinha em outro lugar, isto é, muita mordomia".

No referente às atividades artísticas musicais, os ex-alunos vêem as iniciativas da ASSEAF, ora como um prolongamento do que era feito na FUNABEM, ora como algo no - vo.

Revelam ter quase sempre como parâmetro um modelo de arte - coral, teatro, Banda de Música - não identificando outras atividades, por exemplo, capoeira, tecelagem, modelagem, como arte.

Isto indica que as atividades artísticas musicais realizadas na FUNABEM são reproduzidas ou não na ASSEAF de acordo com a ótica do ex-aluno e que se pode verificar através dos depoimentos de dois deles.

*"As atividades artísticas da ASSEAF têm a ver com a FUNABEM, porque tudo é FUNABEM, tudo se relaciona com FUNABEM".*

*"Não vejo relação entre a arte da ASSEAF e da FUNABEM. É nosso mesmo".*

Um depoimento também extremamente expressivo é o seguinte:

*"A arte na ASSEAF foi mais um empreendimento para trazer o ex-aluno, mas eles querem ficar longe do seu passado".*

Quanto ao destino do ex-aluno, os entrevistados indicaram as diferentes posições que atingiram na vida, encontrando-se entre elas diversas ocupações: mestres da Banda de Música da FUNABEM, compositor e maestro da Banda do Corpo de Bombeiros do Estado do Rio de Janeiro, músicos da Banda dessa mesma corporação, professor, militar, técnico e dono de lojas, supervisor administrativo da ASSEAF, instrutor desportista autônomo, escriturária da ASSEAF, "pedintes", biscateiros e trabalhador em obra de construção civil.

Os caminhos que seguiram, no entanto, podem ser reduzidos a três ou quatro apenas. Um deles, é o que foi oferecido pela própria instituição que é o da música, o outro, é o de apoiar-se na ASSEAF, o terceiro, partir das Forças Armadas como ponto de apoio e os demais caminhos são os "esperados", caminhos da marginalidade ou de empregos subalternos.

Sente-se uma certa conformidade com a idéia de sucesso na vida como dependente do apoio social e também, de certa maneira, da arte como fator positivo para esse sucesso. No entanto, essas concepções não podem ser generalizadas.

Por outro lado, surgem colocações variadas dos ex-alunos, ao pronunciarem que *"os ex-alunos bem sucedidos tiveram e têm ligação com a arte, porém, outros se fizeram através dela e a abandonaram"*, *"os menores procuram a arte pelas suas regalias, depois é que há a identificação"*, *"não há ligação da arte com o sucesso, isso é independente"*, *"a sociedade trata os menores abandonados como delinquentes e estes procuram a arte para se distraírem"*, para *"limpar a mente"*.

Essas considerações parecem indicar que não se estabelece de fato uma dependência do sucesso à prática artística musical, mas que para eles esta funcionou de uma forma compensatória para a ausência de um reconhecimento como pessoa.

O caminho de seguir a música em termos de uma estratégia de reconhecimento pessoal é reforçado pela instituição quando dizem que *"vocês tem que ser alguém na vida"*, associando esta expectativa ao prestígio da música no mundo *"la fora"*.

O que se passa no discurso da instituição é recusado por alguns, uma vez que *"aqui fora"*, por exemplo, quan

do afirma que *"foram preparados para serem doutores, mas são mendigos, carregadores de malas" etc...*

Isto quer dizer que o destino do ex-aluno em relação à música fica mais uma vez pautado pela necessidade do apoio institucional, como demonstram cinco dos entrevistados que chegaram a maestro e músicos da FUNABEM e do Corpo de Bombeiros do Estado do Rio de Janeiro. Quando este é encontrado, funciona positivamente e, quando não, se desligam da música.

Na realidade, são tantas as circunstâncias em jogo no destino do ex-aluno que se corre o risco de analisá-las de forma muito linear, quando se tenta entender seu sucesso ou insucesso, em função da atividade artística musical, pois, na situação de fato, há uma interferência de muitas variáveis ao mesmo tempo, tais como: atitudes deles frente à família, as ligações que possuem dentro da própria instituição, pessoas de fora da instituição, não aceitação do nome da FUNABEM em seus certificados pelas empresas, necessidade de sobrevivência, entre tantos outros.

Dessa maneira, o destino desse grupo de ex-alunos poderia ser sintetizado na frase de um deles:

*"Eu estudei e me dei bem, mas quem não o fez tem como futuro a marginalização e a mendicância",*

só que este *Eu*, aparentemente, denota uma pessoa dona de seu destino, muito dentro da ideologia do "self made man" que generaliza as excessões, enquanto as histórias dos entrevistados coloca a necessidade do apoio social, isto é, apontam para o fato de que eles antes de serem donos do seu destino, dependem fundamentalmente da sociedade que desde muito já estabeleceu um destino para eles.

## CAPÍTULO VII

### CONCLUSÕES

Respondendo às indagações formuladas na introdução dessa pesquisa, passo a expor as minhas conclusões.

#### a) Até que ponto a arte é buscada pela arte?

A procura de uma forma de expressão artística representa uma maneira de o indivíduo, dentro da sociedade, encontrar uma via para comunicar a plenitude da sua vida interior e, também, a capacidade de integrar-se ao mundo.

No entanto, o próprio artista adapta as suas formas de expressão aos padrões culturais e sociais da época vigente.

Também, dentro da instituição, esta duplicidade passa a existir para o ex-aluno, estabelecendo-se duas formas: uma, no sentido de ser buscada pelo seu valor em si - por vocação - e, outra, que é buscar a arte como é pro-posta, segundo os padrões da instituição - pela troca de benefícios e vantagens.

A primeira forma de procura é considerada exce-ção enquanto que a segunda é predominante. Dessa forma, a partir do momento em que a arte não vem de dentro, mas, imposta, ela assume o caráter de dominação da individualidade.

#### b) A arte propicia a busca de identidade?

Há indicações - através dos depoimentos - de que os efeitos supostos na introdução desse trabalho foram de fato verificados com base na percepção dos ex-alunos, onde eles desenvolvem representações e sentimentos em relação à vida institucional, a si mesmos, aos outros e à sua vida, em geral.

Pode-se perceber que os efeitos da prática artística, apontada por eles, aparecem numa relação triangular.



isto é, (1) falando, de modo geral, indicam a realização pessoal, como um dos efeitos dessa prática, ao mesmo tempo em que (2) são pessoas ligadas à arte que, quando falam de si mesmos, (3) se vêem com as mesmas características atribuídas à prática artística.

Em outras palavras, os ex-alunos conceituam a realização pessoal, tendo um modelo de pessoa bem sucedida, onde, entre outros aspectos, sublinham o sucesso através da música. Isto é, associam a prática musical à realização pessoal neste sentido. E, como são pessoas que já praticaram ou ainda praticam a música, atribuem-se a si mesmos, esta conotação de realização pessoal como efeito da prática musical.

Por outro lado, percebe-se, com mais clareza e segurança, que esta realização pessoal através da música está centrada num processo que pode ser descrito da seguinte maneira: ocorrendo uma valorização da imagem dos alunos que fazem música, pelos mestres e ex-alunos que estão na FUNABEM ou voltam à ela e contam do seu sucesso devido à prática musical, e, sendo a atividade musical dentro da FUNABEM propiciadora de certos privilégios, o aluno passa a vivenciar uma situação mais agradável, capaz de estimulá-lo a interessar-se mais pela música, de proporcionar-lhe contatos afetivos e sociais positivos pelo seu reconhecimento pessoal.

Ocorre, assim, a identificação com a música, mestres e ex-alunos, como um processo de base emocional, através dos contatos humanos e um aprofundamento das relações afetivas, onde se constata, no decorrer dos depoimentos, que permanece até mesmo quando fora da FUNABEM.

Através desse processo articulado (valorização pela instituição e gratificação do aluno), a sua auto-estima emerge e esse "gostar mais de si mesmo", passa a aumentar suas probabilidades de superar dificuldades, contribuindo

assim, para um processo de identificação menos comprometido com as expectativas sociais a seu respeito, embora fique o aluno dependente desta imagem institucional que é a fonte de sua auto-estima. No entanto, se tornam críticas, quando do seu desligamento, o processo de identificação continua sendo difícil, no confronto com as "identidades" que lhe são atribuídas, isto é, no confronto com a estigmatização. Segundo Violante, *"As ações e representações do menor demonstram que ele sente necessidade de encontrar um referencial que possibilite se identificar a si mesmo e se localizar no mundo, de modo a lhe transmitir segurança material, cognitiva, afetiva e emocional"*<sup>1</sup>.

Pode-se afirmar que, no caso dos ex-alunos estudados, um componente deste referencial buscado resulta no processo aqui indicado, sem chegar a se configurar uma identificação acabada, sobretudo, enquanto identificação profissional, e, nem acabada em termos pessoais, já que muitas vezes retorna o impacto da contradição entre a estigmatização e sua auto-estima.

#### c) A arte influi na auto-estima?

Partindo-se da pergunta e resposta anteriormente concluída, esta também torna-se consequentemente respondida. A arte influi na auto-estima e estes efeitos vão refletir-se na sua vida de ex-aluno. É preciso, também, que esta resposta seja entendida em toda a sua complexidade, como se procurou mostrar.

#### d) A arte contribui para a reintegração do menor institucionalizado na sociedade?

No referente à questão da arte como contribuição para a reintegração social, é necessário se falar, primeiramente, sobre o que os ex-alunos entendem como reintegração social.

A idéia deles é muito simples e ao mesmo tempo

muito difícil de ser concretizada. Falam em constituir família, ter um lar, uma certa comodidade e ter um emprego. Esses seriam os indicadores de estarem integrados na sociedade.

Em que a música pode tê-los ajudado para atingir essas necessidades básicas de uma vida em sociedade?

De um lado, os ex-alunos reconhecem que a prática musical melhorou o relacionamento, quando dizem que *"a arte é tudo na vida pois ajuda na integração, na comunicação e no relacionamento"*, *"a arte vem do íntimo das pessoas"*, *"a arte ajuda no relacionamento das pessoas"*, *"a arte abre a memória fazendo com que seja mais atuante na sociedade"* e sob esse aspecto de uma melhor convivência parece bem claro que a arte musical contribuiu.

De um outro lado, a expectativa dos alunos quanto à integração na sociedade (já que um deles diz *"como reintegrar-se se nunca fomos integrados à sociedade"*) aponta para um estabelecimento de condições básicas de sobrevivência e laços primários com a sociedade, através da família. É nesse sentido que se procura, aqui, se chegar a uma conclusão.

Percebe-se na discussão de resultados três possíveis situações de "reintegração": a primeira é a dos ex-alunos que enquanto alunos foram encaminhados para pertencerem a diversas Bandas de Música, por exemplo, a do Corpo de Bombeiros e da própria FUNABEM. Neste caso, há uma integração em termos de continuidade, isto é, de uma instituição para outra, ou dentro da própria instituição, encontrando um lugar ou função social naquele grupo pré-determinado.

Nesta situação, existem outros ex-alunos que não fizeram parte desse estudo, mas dos quais a ASSEAF deu notícias, como pertencentes às Bandas de Música das Forças Armadas. Uma segunda situação é a dos que, embora não tenham uma ligação direta e profissional com a música, se sentem identificados com ela e procuram, de uma forma ou de outra, uma oportunidade de estar em contato com ela, sem que isto contribua para sua sobrevivência.

Isso significa que a prática musical absorvida dentro da FUNABEM deixou-os abertos para possíveis e novos relacionamentos e atividades, tornando-se, assim, um fator de facilitação no sentido de uma integração social, mas não exatamente de concretização do sucesso na luta pela reintegração.

Uma terceira situação é daqueles para quem "*a arte não ajudou em nada*", em função de não terem conseguido emprego, não terem família, ou não estarem interessados em procurá-la, incorporando, assim, o estigma de marginalizado.

Os aspectos favoráveis da participação na atividade musical se delimitam a nível individual e psicológico, a um crescimento pessoal muito ao sabor do que acontece na vida de cada um, em seu processo histórico, dentro e fora da instituição e quando se passa a ver isto no contexto social fica muito mais difícil afirmar os efeitos positivos e negativos da prática artística musical.

Ficam ao saber das circunstâncias os efeitos positivos dessa prática musical a nível de uma força interior que é extremamente individual, sendo impossível se generalizar os diversos efeitos da prática artística musical.

Até que ponto, hoje, pode-se dizer que o indivíduo existe sem a sociedade? Se ele não tem armas para lutar na sociedade, os efeitos positivos e relevantes a ní -

vel psicológico passam a ser totalmente secundários.

A riqueza dos testemunhos dados pelos ex-alunos que ensejaram a possibilidade de compreender a complexidade de suas situações, abrem uma visão mais ampla que vem esclarecer a vida do institucionalizado pela qual eles passam.

Em primeiro lugar, isto é, de modo muito pregnante, aparece a posição de ambiguidade dos ex-alunos frente à sua realidade passada, presente e futura.

No passado, encontra-se uma imagem ambígua da instituição (SAM e FUNABEM), que ora cumpre o seu papel so - cial, preparando o menor, pelo menos no sentido de amparo, e ora despreparando-o para a vida social, pois de acordo com Goffman *"... entre os internados de muitas institui - ções totais, existe um intenso sentimento de que o tempo passado no estabelecimento é tempo perdido, destruído ou tirado da vida da pessoa; é tempo que precisa ser "apaga - do"; é algo que precisa ser "cumprido", "preenchido" ou "arrastado" de alguma forma... Por isso, o internado tende a sentir que durante a sua estada obrigatória - sua senten - ça - foi totalmente exilado da vida".<sup>2</sup>*

No particular, em relação à preparação para o mercado e a vida, continua essa ambiguidade, no sentido de que, ora a instituição prepara eficientemente, ficando as limitações em função das características individuais internas, e ora dá uma preparação fora da realidade muito mais em termos de uma terapia ocupacional. Este outro ângulo da ambiguidade de visão do ex-aluno, sugere em termos mais amplos, os efeitos dissonantes de uma situação social de - terminada, onde a vida é vivida em realidades diferentes.

Segundo Berger e Luckmann, *"Uma sociedade na qual*

*os mundos discrepantes são geralmente acessíveis em uma base de mercado acarreta particulares constelações da realidade e da identidade subjetivas. Haverá uma consciência geral cada vez maior da relatividade de todos os mundos, que é então subjetivamente apreendido como "um mundo" e não como "o mundo".<sup>3</sup>*

Quando do desligamento da instituição, isto é vivido como uma época difícil ocasionada pela ruptura entre o mundo institucionalizado e o mundo externo e mais uma vez fica caracterizada uma forma de abandono que proporciona uma grande dificuldade de adaptação na sociedade. Talvez, se estas diferentes realidades fossem colocadas a nível de conscientização do que ocorre na realidade externa, esta poderia ser um pouco mais amena.

A situação de abandono, de afeto, de "não ter família", traduz a imagem que eles têm a respeito dos menores institucionalizados. Fazem eles diferença entre os menores - os próprios - e as crianças da Zona Sul que têm família e afeto, e se rotulam como iguais, enquanto institucionalizados, produtos do sistema e da sociedade.

Para Goffman, "*Por mais duras que sejam as condições de vida nas instituições totais, apenas as suas dificuldades não podem explicar esse sentimento de tempo perdido; precisamos considerar as perdas dos contatos so-ciais provocadas pela admissão numa instituição total e (usualmente) pela impossibilidade de aí adquirir coisas que possam ser transferidas para a vida externa...".<sup>4</sup> São as - sim, os contatos perdidos e as "coisas" não adquiridas que os tornam iguais e, ao mesmo tempo, diferentes em relação ao que as "crianças" não perderam e puderam adquirir.*

Quando procuram as atividades artísticas, são levados, algumas vezes, por vocação - "*a arte não pode ser imposta*" - outras, por interesse nos benefícios e vantagens obtidas, porém, esta é uma questão puramente subjetiva, de

pendendo de cada um. Goffman afirma que *"Se desobedecer às normas onipresentes da instituição receberá castigos severos que se traduzem pela perda de privilégios; pela obediência, será finalmente autorizado a readquirir algumas das satisfações secundárias que, fora, aceitava sem discussão"*.<sup>5</sup>

Note-se que, quando de apresentações dirigidas a visitantes e comemorações em geral, a participação em atividades artísticas musicais traduzia uma imagem positiva e adequada da instituição, onde naturalmente aparecem os menores mais cooperadores e envolvidos pela "sedução" institucional, além de mostrar as partes melhores e prósperas da mesma.

Como colocaram os ex-alunos da FUNABEM, com uma visão mais crítica, os que se dedicam à arte musical (Banda, por exemplo) recebem tratamento diferenciado, isto é, apoio moral, mais conceito, carinho etc... em relação aos demais, contribuindo, assim, para a divulgação e prestígio desta instituição no que ela tem de bom, em contraposição com os ex-alunos advindos do SAM, que são menos críticos, e, afirmam que hoje são músicos e sobrevivem dela porque adquiriram estes conhecimentos dentro desta instituição.

Ao participarem das atividades artísticas musicais, os alunos sofrem efeitos a nível individual e social. Em relação aos efeitos individuais, temos a realização pessoal e uma valorização de sua auto-estima, já que são vistos de forma diferente dos outros alunos e, consequentemente, conseguem expressar seus afetos, adquirindo assim, uma melhor forma de ser autêntico. A arte musical, por ser realizada em grupo, promove, também, efeitos a nível social, quando lhes são propiciados a socialização, a comunicação, o bom relacionamento ao se expressarem nas apresentações da Banda Musical da FUNABEM, e, com isto, ocorre a desinibição e, como resultado, o prestígio surge incontinente. Ainda aqui, continua a ambiguidade, quando alguns ex-alunos falam que é através da arte que se consegue uma maior proba

bilidade de sucesso no trabalho dentro da sociedade, embora não como artista, não como uma profissionalização acabada, enquanto outros falam na arte como controle, como uso feito pela instituição - terapia ocupacional. Para Goffman, *"As disposições sociais que permitem o intercâmbio social e econômico evidentemente atuam de forma a assegurar que o indivíduo será capaz de incorporar em seu plano de ação os esforços dos outros o que multiplica a eficiência dos seus ajustamentos secundários ou dos que atuam a seu favor. Ora, é evidente que, para que tais disposições sociais possam ser mantidas, é preciso exercer alguma forma de controle social, a fim de manter as pessoas dentro da ordem, para fazer com que cumpram seus acordos e sua obrigação de realizar favores e cerimônias em favor dos outros... E, do ponto de vista da vida íntima dos internados em instituições totais, tais controles precisarão ser exercidos pelos internados e pela administração"*<sup>6</sup>, onde se apresentam benefícios, privilégios e prêmios claramente definidos, obtidos em troca de obediência e de ação em favor da instituição.

A arte é vista, em geral, como um fator de facilitação e possivelmente como caracterizador de sucesso. O sucesso seria uma forma de alcançar vantagens e benefícios no plano social, tais como ter uma casa, família e estabilidade econômica. Esta seria, portanto, uma pessoa bem sucedida. Embora todos os entrevistados tenham tido contato com a música dentro da FUNABEM, nem todos que a aprenderam, trabalham com arte, isto é, sobrevivem dela.

No entanto, é através da identificação com a arte musical que os ex-alunos dizem que conseguem aceitar a si mesmos e valorizar-se, obtendo com mais facilidade a sua realização pessoal e sua auto-estima.

Ao mesmo tempo em que esses aspectos vão tomando uma forma bem subjetiva, a identidade, evidentemente, pas-



sa a compor o quadro dessa realidade individual. Tal como vem ocorrendo em outros aspectos, a ambiguidade a cerca da identidade também está presente. Existe a identidade de estigmatizado, que é a da maibria e que se pauta na identidade social virtual, e a identidade de não estigmatizado que são os que se consideram beneficiados internamente em seu processo de busca da identidade, alcançada pelo esforço próprio e interesse pessoal, tendo a música como centro da busca de identidade.

A busca de identidade do eu é uma questão subjetiva e reflexiva, onde o próprio indivíduo é que constrói a sua própria imagem. Aparentemente, a sociedade coloca os alunos e ex-alunos da FUNABEM como pessoas com a mesma igualdade de direitos e de vida, mas, na realidade, estes são expurgados do contexto social, que os estigmatiza, não permitindo a eles a possibilidade de serem seres humanos iguais aos outros, como seguimento do que acontece, nas instituições totais, onde os territórios do eu são violados.

Não se pode negar, que, conforme Goffman: "*As identidades social e pessoal são parte, antes de mais nada, dos interesses e definições de outras pessoas em relação ao indivíduo, cuja identidade está em questão*"<sup>7</sup> e "*Quando o indivíduo tem uma imagem pública, ela parece estar constituída a partir de uma pequena seleção de fatos sobre ele que podem parecer verdadeiros e que se expandem até adquirir uma aparência dramática e digna de atenção, sendo posteriormente usados como um retrato global. Como consequência, pode ocorrer um tipo especial de estigmatização*".<sup>8</sup>

Obviamente, este estigma perdura quando os ex-alunos se lançam no mundo aqui de fora, quando colocam a dupla percepção apreendida, isto é, a percepção do menor como um todo e a que tem de si mesmo. Percepção esta calcada no estar sozinho e abandona-

do, embora alguns deles neguem este abandono. Enquanto uns se rebelam e se sentem rejeitados socialmente, outros se sentem impotentes por não terem condições de lutar contra esta rejeição social.

Embora tenham observado e até alguns ex-alunos conscientizado todas essas problemáticas, a ASSEAF que assumiu o papel de reintegrar estes ex-alunos e muito mais com uma proposta bastante abrangente em torno do problema do menor, não consegue atingir os objetivos propostos. Apesar de todos os esforços tentados e explicitamente colocados através de pessoas que compõem a sua diretoria, e que são pessoas mais críticas e questionadoras quanto à problemática do menor, o objetivo maior e proposto não tem sido alcançado, porque os que a procuram *"esperam os mesmos benefícios da FUNABEM"*, passando, assim, a ASSEAF a assumir um papel assistencialista e paternalista.

Quanto ao destino dos ex-alunos nesta luta pela sobrevivência, vários são os caminhos trilhados. E, é através da participação nas atividades artísticas musicais desenvolvidas dentro da instituição FUNABEM que *"uns se deram bem"* e *"outros não, abandonaram"* por falta de apoio social necessário. Os que se *"deram bem"* seguiram os caminhos oferecidos pela própria instituição, isto é, foram dirigidos para as Forças Armadas e outras instituições que servem como ponto de apoio. Os que *"não se deram bem"* procuram uns se apoiar na ASSEAF, outros trabalhando em subempregos e os demais trilham os caminhos da marginalidade pois, para Goffman, *"Na maioria das instituições totais, a maioria dos internados preferem o caminho que alguns deles denominam 'se virar'"*<sup>9</sup>, pois, ao voltarem para a sociedade "pretensamente livre", encontram limites à sua liberdade honesta de um ser humano como outro qualquer.

Ainda segundo Goffman *"O sentimento de injustiça, amargura e alienação, geralmente criado pela experiência do internado e que comumente assinala um estágio em sua*

*carreira moral, parece enfraquecer-se depois da saída.*

*No entanto, o que o ex-internado conserva de sua experiência institucional nos diz muita coisa a respeito das instituições totais".<sup>10</sup>*

E, para finalizar, quero dizer que baseada nos testemunhos dados pelos ex-alunos, nas observações feitas, nos diálogos informais e formais, concluo que as representações dos menores institucionalizados ligados à arte, quer sejam positivas ou negativas se devem, também, a uma força interior que cada um possui, e, que se isto fosse trabalhado de alguma forma, os resultados seriam mais amenos, menos decisivos e menos discrepantes.

A sociedade e às instituições fica aqui um grito de alerta, pois os ex-alunos foram alunos e estes alunos fazem parte da sociedade e, conseqüentemente, são o espelho da sociedade que produz e reproduz os seus próprios reflexos.

## NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- <sup>1</sup> VIOLANTE, Maria Lucia J. *O dilema do decente malandro*, 2a. ed., São Paulo, Cortez, 1983, p. 190.
- <sup>2</sup> GOFFMAN, Erving. *Manicômio, prisões e conventos*. São Paulo, Perspectiva, 1974, p. 64.
- <sup>3</sup> BERGER, Peter I. & LUCKMAN, T. *A construção social da realidade*. 4a. ed., Petrópolis, Vozes, 1978, p.227.
- <sup>4</sup> GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo, Perspectiva, 1974, p. 65.
- <sup>5</sup> Idem, op. cit., p. 127.
- <sup>6</sup> Idem, op. cit., p. 242.
- <sup>7</sup> \_\_\_\_\_. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro, Zahar, 1982, p. 116.
- <sup>8</sup> Idem, op. cit., p. 82.
- <sup>9</sup> \_\_\_\_\_. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo, Perspectiva, 1974, p. 62.
- <sup>10</sup> Idem, op. cit., p. 68.

## BIBLIOGRAFIA

- ALDRICH, Virgil C. *Filosofia da arte*, 2a. ed., Rio de Janeiro, Zahar, 1976.
- ARAÚJO, Maria Clara Corrêa Dantas de. *A educação musical como agente facilitador do processo de aprendizagem*. Rio de Janeiro, FGV/IESAE, 1981. Dissertação de Mestrado.
- ARRUDA, Rinaldo Sérgio Vieira. *Pequenos bandidos*. São Paulo, 1a. ed., Global, 1983.
- AZEVEDO MARQUES, João Benedito. *Marginalização, menor e criminalidade*. São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1976.
- BAETA, Ana Maria Bianchini. *Estudo das instituições de atendimento ao menor desassistido na perspectiva de seus objetivos, metodologia, recursos humanos e da possibilidade desse menor no mercado de trabalho*. Rio de Janeiro, FGV/IESAE, 1980.
- BENJAMIN, Walter et alii. *Sociologia da arte*, IV. Rio de Janeiro, Zahar, 1969.
- BERGER, Peter I & LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. 4a. ed., Petrópolis, Vozes, 1978.
- BIERRENBACH, Maria Ignês R.S. *Política e planejamento social no Brasil: 1956/1978*. 2a. ed., São Paulo, Cortez, 1982.
- CAMPOS, Angela Valadares Dutra de Souza. *O menor institucionalizado: um desafio para a sociedade*. Rio de Janeiro, Vozes, 1984.
- CANABRAVA, Ilka. *As imagens do povo e o espaço vazio da arte/educação*. FGV/IESAE, 1982. Dissertação de Mestrado.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *A socialização da arte: teoria e prática na América Latina*. São Paulo, Cultrix, 1980.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo, Nacional, 1967.

COLI, Jorge. *O que é arte*. São Paulo, Brasiliense, 1981.

CREEDY, Jean (organizadora). *O contexto social da arte*. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.

DANTAS, Dulce Q. C. *Identificação e identidade numa perspectiva psicanalítica*. PUC/RJ, 1971. Dissertação de Mestrado.

DEMO, Pedro. *O menor abandonado - algumas questões do ponto de vista da política social*. Rio de Janeiro, Forum Educacional, 1979.

DUARTE, Maria de Souza. *A educação pela arte (o caso Brasília)*. Brasília, Thesaurus, 1983.

DUARTE, Sergio Guerra. *Menores, marginalidade e educação*. Rio de Janeiro, FGV/IESAE, 1978. Dissertação de Mestrado.

ERIKSON, Erik H. *Identidade, juventude e crise*. 2a. ed., Rio de Janeiro, Zahar, 1976.

EX-ALUNOS denunciam maus tratos em escola da FUNABEM. "*O Globo, Jornal*". Rio de Janeiro, 18 de abril 1984.

FERREIRA, Rosa Maria Fischer. *Meninos da rua: expectativas e valores de menores marginalizados em São Paulo*. Pesquisa realizada por equipe do CEDEC para a Comissão Justiça e Paz de São Paulo, fev/nov. de 1979.

FISCHER, Ernst. *A necessidade da arte*. 8a. ed., Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

FUNABEM. *Estatutos da Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor*. In: \_\_\_\_\_. *Coletânea de Leis*. Rio de Janeiro, MPAS/FUNABEM, 1978.

\_\_\_\_\_. *O que é a FUNABEM*, s.n.t.

FUNABEM. *Centro de Educação do Menor da Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor*. Rio de Janeiro, MPAS / FUNABEM, 1983.

\_\_\_\_\_. *A questão do menor: responsabilidade e ação da sociedade e do governo*. Brasília, MPAS/FUNABEM, 1983.

\_\_\_\_\_. *Roteiro da política nacional do bem-estar do menor*, 1971.

\_\_\_\_\_. *A política nacional do bem-estar do menor*, s.d.

\_\_\_\_\_. *Criação da FUNABEM: exposição de motivos do anteprojeto de Lei*. In: \_\_\_\_\_. *"O menor - problema social do Brasil e a ação da FUNABEM"*. Rio de Janeiro, MPAS/FUNABEM, 1978.

FEBEM/SP. *Boletim informativo nº 2 - abril/maio/junho de 1980*. Antonio Luiz Ribeiro Machado. *"A problemática do menor autor de infração penal e seu tratamento"*. São Paulo, 1980.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo, Perspectiva, 1974.

\_\_\_\_\_. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4a.ed., Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

KEEN, Ernest. *Introdução à psicologia fenomenológica*. 1a.ed., Rio de Janeiro, Interamericana, 1979.

KNELLER, George F. *Arte e ciência da criatividade*, 5a. ed., São Paulo, Ibrasa, 1978.

LOWENFELD, Viktor. *A criança e sua arte*. 1a. ed., São Paulo, Mestre Jou, 1976.

MERQUIOR, Guilherme José. *Arte e sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1969.

MINISTÉRIO de Educação e Cultura/INEP. *Escolinha de arte do Brasil*. Brasília, 1980.

- OS PENSADORES, Coleção. *A Escola de Frankfurt*. Abril Cultural.
- PASSETTI, Edson et alii. *O mundo do menor infrator*. São Paulo, Cortez, 1984.
- READ, Herbert. *As origens da forma na arte*. 2a. ed., Rio de Janeiro, Zahar, 1981.
- RODRIGUES, Augusto. *Diálogo pessoal com a autora*. Largo do Boticário, Rio de Janeiro, 1984.
- SANTAELLA, Lucia. *(Arte) & (Cultura) equívocos do elitismo*. São Paulo, Cortez/UNIMEP, 1982.
- SOUZA, Laurinda Ferreira de. *A formação da identidade numa perspectiva educacional*. Rio de Janeiro, FGV/IESAE. Dissertação de Mestrado.
- SCHNEIDER, Leda. *Marginalidade e delinquência juvenil*. São Paulo, Cortez, 1982.
- TEODORO, Gerson. *Entrevista com a autora*. FUNABEM, Instituto Padre Severino, Rio de Janeiro, 1983.
- VELHO, Gilberto. *Arte e sociedade - ensaio de sociologia da arte*. Rio de Janeiro, Zahar, 1977.
- \_\_\_\_\_. *Desvio e divergência: uma crítica da patologia social*. 4a. ed., Rio de Janeiro, Zahar, 1981.
- VIESSI, Vani R. *Utilização de eventos reforçadores específicos em crianças marginalizadas*. UFRGS, 1976. Dissertação de Mestrado.
- VIOLANTE, Maria Lucia Vieira. *O dilema do decente malandro - a questão da identidade do menor*. FEBEM, 2a. ed., São Paulo, Cortez, 1983.
- UNESCO, O Correio da. *As três faces da arte*. Rio de Janeiro, FGV, 1975.



A N E X O S

ANEXO I

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

## ROTEIRO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS COM EX-ALUNOS DA FUNABEM

1. Qual é o seu nome?
2. Qual a sua idade?
3. Quantos anos foi interno?
4. Por que foi internado?
5. Você tem apoio da família? Qual? Que tipo?
6. O que você acha da FUNABEM?
7. Como é feita a profissionalização na FUNABEM (algum trabalho que vo  
cê pode fazer aqui fora)?
8. Você acha que a instituição FUNABEM prepara o menor para o mercado  
de trabalho (para trabalhar aqui fora)?
9. A maneira de vida aprendida dentro da instituição ajuda a viver, a  
se adaptar aqui fora?
10. Que dificuldades você encontrou quando se desligou da FUNABEM?
11. O que você faz aqui fora para se manter? O que gostaria de fazer?
12. O que você acha que os menores da FUNABEM são?
13. O que você acha dos menores daqui de fora?
14. Você participou de alguma atividade artística (tocar instrumentos,  
cantar, etc...) na FUNABEM? Qual? Era individual ou em grupo?
15. Você considera importante participar dessas atividades artísticas?  
Por que?
16. Você acha que as atividades artísticas ajudam o aluno a se relacio-  
nar melhor (dentro e fora da FUNABEM)? Por que?
17. Que outras vantagens as atividades artísticas trazem para o menor?  
Por que?
18. Você acha que a escola FUNABEM valoriza os alunos que trabalham  
com arte?
19. Você considera que os ex-alunos ligados à arte têm demonstrado um  
melhor relacionamento, um melhor convívio, e uma melhor posição fi-  
nanceira?

20. Você se relaciona com alunos ligados às atividades artísticas? Como? Onde?
21. Você notou ou nota alguma diferença entre os alunos ligados à arte e os não ligados à arte (tanto dentro, quanto fora da FUNABEM)? Quais?
22. Há quanto tempo você conhece a Associação de ex-Alunos da FUNABEM?
23. Quais são os objetivos dela?
24. Por que você procurou a Associação?
25. O que você faz aqui?
26. O que você gostaria de ser na vida?
27. Existe alguma atividade artística na Associação?
28. Por que foi instituído o encontro de artes aqui na Associação?
29. Isto tem a ver com as atividades artísticas de dentro da FUNABEM?
30. Você acredita que a arte ajuda em alguma coisa?
31. A participação em atividades artísticas do tipo musical, ajuda a socialização (formar grupos, se dar bem com os outros)?
32. Você conhece alguns ex-alunos que podem ser considerados bem sucedidos? O que é ser bem sucedido para você? Por que?
33. Eles tinham ou têm alguma ligação com a arte? Qual?
34. O que você acha que as pessoas aqui fora pensam dos menores?
35. Os menores procuram a arte com que finalidade?
36. Os alunos demonstram interesse (gostam) pelas atividades artísticas?
37. Como manifestam este interesse (gosto)?

#### OBSERVAÇÕES:

1. Quando o ex-aluno não tinha conhecimento da existência da ASSEAF, no item 28 expliquei que na Associação o encontro de artes musicais estava sendo implantado e, logo em seguida, partia para a formulação do item 29.

2. Ao término da entrevista favoreci a oportunidade de qualquer coloca  
ção voluntária por parte do ex-aluno.

ANEXO II

ENTREVISTAS

## Entrevista nº 1 realizada com ex-aluno da FUNABEM

1. Qual é o seu nome?

R- M.P.

2. Qual a sua idade?

R- 72 anos

3. Quantos anos foi interno?

R- Quatro anos

4. Por que foi internado?

R- Por necessidade né? \* Meu pai morreu e minha mãe precisou de nos internar. Era eu e um sobrinho meu. Ele foi para a Escola XV de Novembro e eu para o Instituto João Alfredo. Nós fomos alunos do SAM.

5. Você tem apoio da família? Qual? Que tipo?

R- Apoio da família, não. Eu apoio a minha família. Hoje eu sou o pião da família, sou o mais velho, meus filhos, meus netos e mais alguns aderentes assim como esta menina que é criada por mim, e, outros, outros e outros que eu criei. Apoio que eu tenho é dado por Deus e pela minha cabeça, pelo que eu estudei, pelo que eu procurei progredir na vida. Hoje eu sou o mestre da Banda de Música da Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor, há 19 anos, aonde a maior parte dos sargentos músicos, do Brasil, foram alunos meus. Sou mestre da Banda de Música da Irmandade da Candelária e trabalhei em várias escolas. Agora eu acho que não há mais necessidade de trabalhar em vários lugares. Trabalho só em dois lugares. O apoio que eu tenho é o meu trabalho.

6. O que você acha da FUNABEM?

R- Ótimo. Muito bom. A FUNABEM cumpre com a parte que cabe a ela. A FUNABEM é Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor! Então, a FUNABEM, até o período menor, é dela, e ela assume essa responsabilidade.

De qualquer modo, aos que procuraram aproveitar, aproveitaram e se

\* Observação: As entrevistas foram reproduzidas com o máximo de autenticidade, portanto, para não se alterar o conteúdo das mesmas, estas foram transcritas tal qual expressas.

deram bem; agora, aqueles que não se interessaram, não valorizaram, lógico no final se deu mal. Eis a razão da formação da Associação dos ex-alunos.

7. Como é feita a profissionalização na FUNABEM (algum trabalho que você pode fazer aqui fora)?

R- Profissionalização é boa. É aquele caso: aqueles que se interessam, conseguem sair... mais ou menos aperfeiçoados e há alguns que não se interessam. Tem alguns meninos que não valorizou, não foi orientado bem, ou por instinto próprio não se interessou mesmo pela coisa, então esse não se deu bem. Por exemplo, na Banda de Música nós fizemos sempre profissionalização, sem ser oficial. Eu e o meu colega lutamos para profissionalizá-los, porque nós preparamos os meninos para as bandas militares. Então já saem preparados de ordem unida, tudo enfim pra iniciar uma vida militar como músico. Agora, as outras oficinas fazem a mesma coisa, mas acontece o seguinte: uns interessam-se, outros não. P'ra mim seria um orgulho se nós pudessemos aproveitar a todos, mas infelizmente cada um tem uma cabeça, né? Uns aproveitam e outros desaproveitam, porque não se interessam, não lutam, e no final dá esses casos e vai depender de uma orientação, uma ajuda, de um empurrão e é aí que entra a Associação dos ex-alunos. Quando a Fundação largou o menor, entra a Associação para ajudar os maiores. Ajudar dentro das suas posses, mas sem pre ajuda, ou ajuda numa parte ou ajuda na outra; ou dá orientação técnica, ou dá orientação social. Há muitos casos de ex-alunos, como agora mesmo eu fui cercado por uma porção deles, eles vieram tomar uma opinião comigo: como é que eles deviam viver, como é que eles deviam fazer. Então, eu tive dizendo a eles que eles, ... um deles me disse que era malandro, que não podia ficar com fome porque ele era obrigado a usar de termos ruins... até assaltar se preciso fosse, mas que ele não passaria fome. Então, eu disse a ele: malandro fui eu, que até hoje estudo; e estou com 72 anos ... ainda estudo... ainda luto... ainda trabalho. E p'ra mim não falta lugar p'ra trabalhar, porque eu me preparei para a vida, eu me alicercei. Como eu que me alicercei e outros se alicerçaram também, consegue sempre um lugar p'ra trabalhar. Agora, ele não lutou, não estudou, não se interessou... 'o menino saiu da Fundação e não foi para o



*Exército, não foi p'ra lugar nenhum... então ficou sofrendo... não procurou aprender nada, então diz: eu não me incomodo, eu posso trabalhar de servente. Servente é serviço de quem não sabe nada, é o que mais tem na vida é quem não sabe nada. Agora, serviço p'ra quem não sabe nada, tá difícil. Encontra serviço para quem sabe fazer alguma coisa.*

8. Você acha que a Instituição FUNABEM prepara o menor para o mercado de trabalho (para trabalhar aqui fora)?

*R- Prepara. Prepara o menor que souber aproveitar, porque por exemplo, eu fui ex-aluno, fui da Banda de Música. Sai dali e me enveredei pela música. Estudei, lutei, e é música. O meu colega, por exemplo, também é ex-aluno. Saiu dali e foi para a banda do Batalhão Naval e hoje ele é oficial músico. Como ele, tem o Guaracy e uma série de ex-alunos que foram alunos meus e que estão hoje feitos na vida, formados. O Ivanir, o Guaracy, professor de Inglês, Francês, de uma porção de coisas e ainda é sargento músico. E uma porção deles fizeram essas coisas, por que, eu sempre aconselhei, dentro da música o que nós damos, não é fim de vida. É meio de vida. Dali, eles têm condições de poder seguir, até onde puder ir, para ir ao píncaro, ir ao máximo. Os que tem interesse, tem amor próprio, tem vontade de vencer, conseguiram. Tiveram princípio da FUNABEM. Pela FUNABEM eles saíram e se encaminharam na vida, agora tem o caso daqueles que não se interessaram, esses ficaram atirados ao léu.*

9. A maneira de vida aprendida dentro da Instituição ajuda a viver, a se adaptar aqui fora?

*R- Olha! A FUNABEM é aquilo que eu disse agora. Tem o aluno que... procurou vencer, então esses saem aqui p'ra fora..., tudo p'ra ele é fácil, como agora na nossa família mesmo, tem sempre um que é a ovelha negra. Tem uns que os pais lutam, quer que seja, quer que seja e não acontece nada. A mesma coisa acontece na FUNABEM. Na FUNABEM, quando termina o período de menor, ela entrega à vida. Aquele que procurou a se fazer, se fez, aquele que não procurou, não se fez.*

10. Que dificuldades você encontrou quando se desligou da FUNABEM?

*R- Eu não me desliguei da FUNABEM. Quando eu me desliguei, me des-*

liguei em outra escola. Pra mim nada foi difícil, porque eu procurei me desenvolver, né? Eu vim lutando. Saí dali e continei lutando. Quando eu entrei na Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor, agora, eu era professor de clarinete e professor de Educação Musical, então, eu saí estudando. Hoje, eu sou regente, sou maestro e ... tudo que eu pudesse estudar na música que viesse me desenvolver e me enriquecer o meu ensino, para que eu possa desenvolver e distribuir com os meninos, eu fui fazendo e venho fazendo até hoje. Se em algum lugar tiver qualquer coisa de moderno que eu sei que vai ser útil à minha "troupe" e aos meus meninos, eu prontamente vou p'ra lá aprender. Eu venho lutando sempre, venho lutando bastante quer dizer, p'ra mim nada foi difícil.

11. O que você faz aqui fora para se manter? O que gostaria de fazer?

R- Mestre da Banda de Música da FUNABEM. Eu espero quando da minha aposentadoria, que está meio difícil, porque mesmo aposentado eu não deixarei de trabalhar. Antes, eu sonhava em fazer uma banda de música no recinto onde eu moro, gratuita, com os meninos locais p'ra nós fazermos uma banda p'ra distrair e desenvolver os meninos, mas hoje, eu já penso o seguinte; se eu me aposentar amanhã, eu vou passar a pescar, distrair um pouco, porque eu não tive esse direito. A minha vida foi estudar, e trabalhar muito, embora eu não me sinta insatisfeito, porque eu fazia sempre o que eu gostava. Toda vida eu fui assim. Sempre gostei de aprender e de ensinar.

12. O que você acha que os meninos da FUNABEM são?

R- Olha, eu vejo os meninos da FUNABEM como todos os menores do mundo, igualzinhos. Há quem diga que eles são carentes, mal educados, indisciplinados, mas eu vejo em outros colégios também com maiores recursos, que os meninos também são indisciplinados, tanto ou mais do que eles, entende?

Por exemplo, a minha Escola Gonçalves de Araújo da Irmandade da Candelária é "hours concurs", tri-campeã dos desfiles da Quinta da Boa Vista. Nós sempre ganhamos por disciplina e ordem unida, onde desfilam muitos outros colégios, como por exemplo, o Pedro II que nunca teve conceito, porque a indisciplina é enorme, e outros e outros colégios que vão p'ra lá a fim de bagunça. E esses meninos são internos e como eles a FUNABEM. Com esses meninos já corri o Nordes

te todo e grande parte do Sul, mais da metade do Brasil, e sempre foram bem aceitos e conceituados. Portanto, os meninos ali são iguais a outros meninos. Uns bons, outros um pouco pior. Agora, a maneira de tratar com eles e saber entender é que é a ciência, mas isso é de todo professor, porque lidar só com gente boa, todo mundo vive, mas lidar no meio de uma sala com muitos alunos, viver no meio de muitos alunos é ciência. Só os professores, os mestres que estão treinados é que sabem fazer isso. A gente conhece os defeitos de quase todos eles e as virtudes também. Ali, tem meninos que são excepcionais, são bons demais e tem outros que a gente sabe que é o contrário, que é ruim, mais isso é normal.

13. O que você acha dos menores daqui de fora?

R- Não existe diferença dos lá de dentro. Inclusive, eu acredito tanto na FUNABEM que coloquei três netos meus lá dentro. Todos três são músicos, todos três estão encaminhados, já na vida militar: um já está dentro da vida militar, o outro está entrando agora e o outro está se preparando p'ra entrar também. Todos três foram feitos dentro da FUNABEM. Foram alunos da Fundação, porque a situação deles também não era muito boa, então, preferi colocá-los junto comigo, e eles estão praticamente feitos, todos eles. Quer dizer, eu não faço distinção. Lá nós temos alunos que são externos e tem alunos internos. Tem vezes que a gente encontra no externo mais defeitos do que nos internos, agora, também tem os internos com mais defeitos. Menino de um modo geral, aluno meninos e meninas de um modo geral, são todos iguais.

14. Você participou de alguma atividade artística (tocar instrumentos, cantar, etc...) na FUNABEM? Qual? Era individual ou em grupo?

R- Uma porção delas, inclusive todos os festivais de canção, todos os festivais artísticos eu fui sempre escolhido como juiz ou participante de júri. Fui da Banda de Música. Eu fui um aluno que... sonhava com um dia melhor. Sabia considerar que aquilo era o alicerce da minha vida, que eu ia depender daquilo, então, eu estudei, lutei. Tem passagens engraçadas na minha vida: algumas vezes, sem que o mestre escutasse, eu reclamava contra ele, porque ele me mudava de instrumento e eu achava ruim. No entanto, no final da minha vida, aquilo foi a minha salvação, porque eu passei a conhecer to-

dos os instrumentos. Quando eu fiz cursos de instrumentos gerais, já não houve dificuldade, porque eu já conhecia tudo isso, justamente, porque o mestre acreditava em mim, pelo meu modo, meu interesse. Tudo que ele precisava ele me ocupava e eu achava que ele estava me usando. Realmente, ele estava me usando, mas aquilo p'ra mim era uma coisa muito boa, porque eu passei a entender de uma porção de instrumentos, de uma porção de coisas dentro da música. As atividades eram realizadas quase sempre em grupos.

15. Você considera importante participar dessas atividades artísticas?

Por que?

R- É importante, porque é uma prova de que eu estou sendo considerado e que estão aproveitando o meu conhecimento, por isso é importante, eu acho. É muito importante p'ra mim, não tô abandonado e, depois, quase todas as participações vai um pouco de mim. Sempre eu sou consultado antes: como deve ser? Eu sempre me prontifico a ajudar, em quase todas elas.

16. Você acha que as atividades artísticas ajudam o aluno a se relacionar melhor (dentro e fora da FUNABEM)? Por que?

R- Mas muita coisa! Primeiro ele ganha a desinibição, fica um menino social... passa a ser mais considerado por ser um artista junto aos colegas. Isso é um valor que todo artista tem. E, depois, ele se comunica com a parte externa... ele ganha amizade... ele ganha prática... ele fica muito mais social e deixa para os outros uma impressão bem melhor dele mesmo.

17. Que outras vantagens as atividades artísticas trazem para o menor?

Por que?

R- Muitas. Desenvolve o espírito, desenvolve a parte cultural, porque a parte artística é cultura. Os meninos só em participar nessas coisas, ele já se desenvolve, já vai sendo bem mais desinibido. Isso é qualquer coisa de importante na vida de cada um.

18. Você acha que a escola FUNABEM valoriza os alunos que trabalham com arte?

R- Valoriza dando prêmios, entra numa linha de conceito diferente... às vezes qualquer coisa que ele peça é melhor atendido, isso é natural. Sempre, os meninos melhores, em qualquer lugar, são mais con-

siderados, tem um melhor conceito. E os meninos que são artistas, que também trabalham, estão lutando também para a Fundação, porque não é dizer que a Fundação se aproveita tão somente dessa coisa não. Realmente, o caso, por exemplo da Banda de Música, ou mesmo o teatro, e outras e outras artes, divulga o nome da Fundação. Por sinal, na minha opinião, eu acho que eles deviam procurar funcionar mais nesse modo, porque isso aí, é qualquer coisa que herda o nome da Fundação. Já a nossa Banda de Música foi apresentar não sei aonde em todas essas apresentações está levando o nome da Fundação e está mostrando, prestando conta dos serviços da Fundação, provando o que a Fundação está fazendo, porque nós é quem fazemos mais pela Fundação, porque ela nos paga e nós fazemos jús ao que ganhamos. Com isso, nós estamos ali para desenvolver os meninos, eles se desenvolvem, se desinibem e também fazem propaganda da Fundação.

19. Você considera que os ex-alunos ligados à arte tem demonstrado um melhor relacionamento, um melhor convívio, e uma melhor posição financeira?

R- Como tem. Só tem. Os meninos que se ligaram à arte, de um modo geral, quase todos eles se profissionalizaram. A maior parte dos que eu conheço estão casados, com família e muito boa situação e, com especialidades que saíram como músicos. Em toda parte do Brasil, tem meninos de banda de música militar, ex-alunos da Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor.

20. Você se relaciona com alunos ligados às atividades artísticas? Como? Onde?

R- Sim, encontro com eles em diversas ocasiões, às vezes na Associação de ex-alunos, porque eu tenho um título da Associação, honorário, não sou considerado como diretor nem coisa nenhuma. Eu tenho um título de honra. Às vezes eu passo na Associação e encontro com alguns ex-alunos. Fora disso, eles me procuram em casa, lá dentro da Banda de Música, no meu local de trabalho e outras vezes eu também vou à casa deles. A maior parte dessa turma eu sou cumpadre deles, batizei os filhos, outros eu sou padrinho de casamento, padrinho deles mesmos, sempre sou escolhido p'ra essas coisas. Não é desfazendo do serviço de encaminhamento da Fundação, eles cumprem a parte deles. Quando os meninos completam a idade, eles não podem

*escolher muito, eles encaminham direto a uma corporação militar e eu tenho o cuidado com a minha turma, quando eles completam, eu faço contato com quase todos os mestres de banda militar, justamente para encaminhar os meus meninos. Antes que o setor de encaminhamento encaminhe para um quartel que não tem banda, eu já encaminho e-les direto para uma Banda de Música. Então, todos eles ficam bem ligados a mim e eu a eles. Eu gosto do que eu faço. Eu gosto de vê-los encaminhados, porque plantar uma laranjeira e depois ver a laranja cair e apodrecer, fica ruim. O importante é aproveitar a laranja da laranjeira.*

21. Você notou ou nota alguma diferença entre os alunos ligados à arte e os não ligados à arte. (tanto dentro, quanto fora da FUNABEM)? Quais?

*R- Que existe, existe. Geralmente o artista é mais desinibido, o outro fica mais tacaño, não tem desenvoltura, não saem como saem os outros ligados à arte. Os da arte viajam. A maior parte desses ex-alunos conhecem quase todo o Nordeste, conhecem o Sul e os outros que não participam, não conhecem nada disso, portanto, ficam mais tacaños. Agora é aquela história, às vezes no meio daqueles que não participam, eles não participam de uma arte, mas participam de uma outra coisa e se desenvolvem também através do esporte ou outra coisa.*

22. Há quanto tempo você conhece a Associação de ex-Alunos da FUNABEM?

*R- Desde a fundação. Eu fui um dos conselheiros para a formação da Associação.*

23. Quais são os objetivos dela?

*R- Olha, eu acho uma grande necessidade, porque se o pessoal da Fundação soubesse entender que a ASSEAF tem uma finalidade que é ligada a eles, e é um segmento da Fundação, eles viam com mais carinho, até se ligavam mais, colocava essa Associação mais ao lado deles, porque a Associação é um segmento da Fundação. Agora segue como? Aqueles que a Fundação teve a sorte de encaminhá-los bem na vida, quase sempre vêm a Associação com bom instinto, p'ra ajudar aqueles que foram mal encaminhados, porque a finalidade da ASSEAF é toda essa. Tem ex-alunos que são formados, são advogados, médicos, profes*

sores, enfim uma série de ex-alunos que estão bem na vida, que não precisavam, mas que unicamente por filantropia, por querer ajudar, eles vêm à ASSEAF para orientar aqueles que foram mal orientados. Então, acontece o seguinte: para a Fundação é uma coisa muito boa. Aquele que ela não teve a sorte de poder ajudar como devia, a Associação encaminha, faz o que pode para ajudar. Encaminha de vários modos até na parte social, dá orientação, explica, aconselha, mostra e outros até emprega, isto é, faz o que pode. A Associação é p'ra fazer o que pode pelos ex-alunos, pelos que foram mal acontecidos e também ajudados pelos bem acontecidos. Agora, se a Fundação um dia entender que a finalidade é somente essa, ela vem também se juntar.

24. Por que você procurou a Associação?

R- Procurei com a finalidade de poder ajudar.

25. O que você faz aqui?

Apoiar a Associação.

26. O que você gostaria de ser na vida?

R- O que eu gostaria de ser é o que eu sou. Eu me sinto bastante feliz com o que eu sou. Eu gosto demais de fazer o que eu faço, ninguém chegaria onde eu cheguei sem que amasse mesmo, como eu amo isso tudo.

27. Existe alguma atividade artística na Associação?

R- Sim. Tem atividade das danças folclóricas, capoeira e depois já tiveram aqui aula de música, onde eu também auxiliava, mas, por questão de ética ou situações financeiras mesmo, a aula de música teve que parar, até mesmo por deficiência de instrumento, uma série de coisas, mas até isso nós tínhamos aqui.

28. Por que foi instituído o encontro de artes aqui na Associação?

R- Para desenvolver, p'ra poder aparecer melhor a ASSEAF, p'ra que todos viessem a participar, a conhecer.

29. Isto tem a ver com as atividades artísticas de dentro da FUNABEM?

R- Não. Aí não tem. Tem. Tem, sim, p'ra exemplo, porque na Associação mostra-se aos ex-alunos menos favorecidos a situação dos mais favorecidos e às vezes esses podem semear, dentro da Fundação, essas mesmas coisas que vêm ajudar à desenvolver aos alunos em ativi-

dades.

30. Você acredita que a arte ajuda em alguma coisa?

R- A arte, de um modo geral, é para manifestar os diversos afetos de nossa alma. Uns através dos sons e outros através de outros termos de arte. Então, eu acho que a arte só pode ajudar, porque ser artista, dizem, que se nasce e eu acho que não.

31. A participação em atividades artísticas do tipo musical, ajuda a socialização (formar grupos, se dar bem com os outros)?

R- O que eu mais luto, mostro e ensino a todos eles, é que o músico por especialidade, é um conjunto quase sempre meio grande e que um representa todos e que todos representam um, então, eles têm que ser irmanados. A própria atividade o educa. É preciso que todos se dêem p'ra que atendam com amor, com carinho. Esta coisa educa.

32. Você conhece alguns ex-alunos que podem ser considerados bem sucedidos? O que é ser bem-sucedido para você? Por que?

R- Uma porção deles. O bem sucedido é aquele que tem uma família boa, tem condições de mantê-la, teve educação para educar os filhos dele, comportamento para viver com sua patroa e que possa se sentir feliz na vida. Este está bem sucedido.

33. Eles tinham ou têm alguma ligação com a arte? Qual?

R- Quase todos eles que eu conheço tiveram ligação com a arte e hoje eles, na maior parte, têm ligação com a arte. Outros, através da arte se fizeram e, abandonaram, mas continuam artistas.

34. O que você acha que as pessoas aqui fora pensam dos menores?

R- Infelizmente, eu acho que eles não procuram ligar p'ra esta causa. O mundo inteiro sofre a mesma coisa: menores abandonados. Tem gente rica que está abandonado também e mas na maioria são pobres, abandonados. Existe ainda muita gente que ainda se interessa por essa causa e não espera só a Associação, só a Fundação ou um orfanato qualquer, então eles ajudam, criam um menor abandonado, procura ajudar. Essa coisa vai diminuindo o número. Agora eles aqui fora, de um modo geral, cada um procura tratar de si e quanto a essa situação dos menores só sabem falar mal; os meninos que saíram da FUNABEM... os meninos ex-internados não sei aonde... eles não sabem compreender que são gente, que são humanos como todos... que têm u-



*ma cabeça... uma alma, como todos têm... o mesmo direito de serem inteligentes, de estudar...*

35. Os meninos procuram a arte com que finalidade?

*R- De um modo geral, procuram por instinto. Eles gostam. Todos dão. Uns gostam, outros não gostam. Uns se interessam e outros não se interessam. Então é aquele caso: se todos se interessassem, se todos quisessem lutar, aí seria uma beleza, a Fundação não precisaria da Associação, porque todos sairiam feitos, todos sairiam equilibrados. Então, é aquilo: eu fiz muitos alunos, mas também perdi muitos alunos.*

36. Os alunos demonstram interesse (gostam) pelas atividades artísticas?

*R- De um modo geral, eles vão porque gostam, mas, quando sentem alguma dificuldade, então sentem vontade de mudar e ele muda. Deixa de ser artista e vai ser artífice, desportista, muda para outra coisa, mas de um modo geral, quase todos os professores de arte são professores preparados p'ra saber doutrinar os meninos e explicar a situação a eles.*

37. Como manifestam este interesse (gosto)?

*R- Procurando. Eles vão ao local e se interessam. O Serviço Social lá, abre as portas p'ra eles p'ra qualquer lugar e informa: tem isso, isso, isso, isso, o critério é esse, nesse, esse aqui é nesse, nesse é esse e você escolhe p'ra onde quer ir. Então, ele vai e escolhe, p'ra isso tem serviço de triagem. Os meninos têm um período de triagem: passam por todas as oficinas para ver onde melhor se adapta. Se gostar fica ali mesmo. Se não gostar ele diz: eu quero ir para a Banda de Música, mas vai no mesmo critério. Ele tem um período na Banda de Música p'ra ver se ele acha que dá, que se entende bem naquilo. Senão, vai para o Teatro ou uma arte qualquer mas se ele não se deu bem vai para o esporte. Tem outros que acham melhor até ir para a agricultura. Passam por tudo isso e no fim se sentem bem tratando couve e... dentro do serviço da agricultura.*

## Entrevista nº 2 realizada com ex-aluno da FUNABEM

1. Qual é o seu nome?

*R- O.F.*

2. Qual a sua idade?

*R- 54 anos*

3. Quantos anos foi interno?

*R- Fiquei cinco anos*

4. Por que foi internado?

*R- Eu fui internado, porque na época, eu era um garoto muito levado e meu pai resolveu me internar.*

5. Você tem apoio da família? Qual? Que tipo?

*R- Meus pais já são falecidos, mas apoio da família tenho muito, em bora, graças a Deus, não precisando e sim um apoio moral.*

6. O que você acha da FUNABEM?

*R- Uma das melhores escolas que pode-se dizer para os menores carentes.*

— E por que você acha uma das melhores?

*R- Porque ali, tem de tudo. Tem o ensino profissional à tarde, tem a parte intelectual pela manhã.*

7. Como é feita a profissionalização na FUNABEM (algun trabalho que voce pode fazer aqui fora)?

*R- Tem diversos tipos. Tem música, tem mecânica, tem carpintaria, tem tudo. Depende do aluno escolher. O que ele escolher tem. Eu estudei na época do SAM.*

8. Você acha que a instituição FUNABEM prepara o menor para o mercado de trabalho (para trabalhar aqui fora)?

*R- E como prepara! Prepara porque eles se dedicam ao menor e visa sempre o interesse após a saída da escola. O elemento sai dali preparado p'ra qualquer profissão, para qualquer eventualidade.*

9. A maneira de vida aprendida dentro da instituição ajuda a viver, a se adaptar aqui fora?

*R- E como ajuda! E como ajuda! Tanto é que eu estou vivendo.*

10. Que dificuldades você encontrou quando se desligou da FUNABEM?

R- Nenhuma

11. O que você faz aqui fora para se manter? O que gostaria de fazer?

R- Sou músico, maestro arranjador, escrevo p'ra gravadora, escrevo para o Hotel Sheraton, escrevo para diversas orquestras e conjuntos. Gostaria de fazer o que eu gosto, o que eu faço, porque faço com todo coração.

12. O que você acha que os menores da FUNABEM são?

R- Olha! São menores bem entregues, bem escolados para sair de lá e estar capaz de exercer qualquer profissão aqui fora.

13. O que você acha dos menores daqui de fora?

R- Devem ser pegos urgentemente e colocados lá dentro

— Por que?

R- Porque aqui fora eles só podem aprender o que? É roubar ... é não ter alimentação... não tem um carinho, alimentação... vai ficar ao relento... e lá, ele vai ter tudo que um homem precisa para se manter.

14. Você participou de alguma atividade artística (tocar instrumentos, cantar, etc...) na FUNABEM? Qual? Era individual ou em grupo?

R- Fui executor de instrumento. Toquei na Banda da FUNABEM. Era em conjunto.

15. Você considera importante participar dessas atividades artísticas? Por que?

R- Muito importante, porque não só faço aquilo que gosto, me sinto realizado, como também já viajei o mundo todo, como artista.

16. Você acha que as atividades artísticas ajudam o aluno a se relacionar melhor (dentro e fora da FUNABEM)? Por que?

R- Perfeitamente, porque o músico atinge da mais baixa a mais alta camada da sociedade, conforme eu que um dia estava aqui tocando uma gafieira e no outro dia estava na Europa. Por aí você vê como o músico se relaciona muito bem.

17. Que outras vantagens as atividades artísticas trazem para o menor? Por que?

R- Todas as vantagens, não é? Começa por aí: música não só é um de leite para a alma como é uma terapia para quem a ouve. A música,

*posso dizer p'ra você assim, é uma coisa divina que atinge a todas as camadas no mundo todo.*

18. Você acha que a escola FUNABEM valoriza os alunos que trabalham com arte?

*R- Valoriza demais, porque dão todo apoio. Todos aqueles que são profissionais são bem valorizados em todos os setores.*

— E quais são esses valores?

*R- Você sabe que todo profissional, seja ele qual for, tem o apoio não só moral, como um carinho especial, o tratamento é outro. Isso em todos os setores, não é só na FUNABEM. Se você é uma boa profissional, automaticamente será bem tratada.*

19. Você considera que os ex-alunos ligados à arte têm demonstrado um melhor relacionamento, um melhor convívio, e uma melhor posição financeira?

*R- Em tudo por tudo.*

20. Você se relaciona com alunos ligados às atividades artísticas? Como? Onde?

*R- Muitos. A maioria. Esses encontros são em bailes, viagens, televisão, ainda agora eu viajei para a Itália, fiquei lá 12 dias e na orquestra tinha 2 ex-alunos da escola.*

21. Você notou ou nota alguma diferença entre os alunos ligados à arte e os não ligados à arte (tanto dentro, quanto fora da FUNABEM)?

Quais?

*R- Não. Não tem diferença.*

22. Há quanto tempo você conhece a Associação de ex-Alunos da FUNABEM?

*R- Conheço de nome, mas não tenho tempo de frequentá-la.*

23. Quais são os objetivos dela?

*R- Não sei, porque ainda não tive oportunidade de inteirar-me.*

24. Por que você procurou a Associação?

*R- ———*

25. O que você faz aqui?

*R- ———*

26. O que você gostaria de ser na vida?

*R- O que sou.*

27. Existe alguma atividade artística na Associação?

R- ———

28. Por que foi instituído o encontro de artes aqui na Associação?

R- ———

29. Isto tem a ver com as atividades artísticas de dentro da FUNABEM?

R- Olha, não sei propriamente te explicar. Mas, se há qualquer coisa ligada com os ex-alunos da FUNABEM com relação à arte, deve ter muita coisa de importante.

30. Você acredita que a arte ajuda em alguma coisa?

R- A arte é tudo na vida. A arte de um modo geral ajuda num grande relacionamento, em grandes proporções da vida da pessoa... a arte no mundo inteiro é tudo. É o maior meio de comunicação social, a boa integração nos altos meios, tudo, tudo. A arte dá auto-domínio, não só te dá auto-domínio, como você se sente realizado em tudo aquilo que você faz e tudo aquilo que quer fazer.

31. A participação em atividades artísticas do tipo musical, ajuda a socialização (formar grupos, se dar bem com os outros)?

R- Ajuda, ajuda a socialização. Só em você estar em contato com a sociedade já é uma grande coisa. Você aprende muita coisa. Aprende como viver, aprende como lidar com as pessoas, aprende a ser carinhoso, aprende a ter uma maneira de se expressar, aprende a ter auto-confiança, fica mais responsável.

32. Você conhece alguns ex-alunos que podem ser considerados bem sucedidos? O que é ser bem sucedido para você? Por que?

R- A maioria que eu conheço. Só o elemento viver no meio em que vivemos e ter uma condição de vida que nós temos é um bem sucedido.

33. Eles tinham ou têm alguma ligação com a arte? Qual?

R- Tem. Eu conheço muitos.

34. O que você acha que as pessoas aqui fora pensam dos menores?

R- Olha, o que eles pensam eu não sei. Nós é que temos que pensar em nós e procurar dar o melhor que nós pudermos dar e dizer de coração aberto: Eu sou um ex-aluno da FUNABEM, da Escola XV.

35. Os menores procuram a arte com que finalidade?

R- Olha, nós éramos obrigados a ter uma profissão. Agora, a pro-

*fissão a gente escolhia.*

36. Os alunos demonstram interesse (gostam) pelas atividades artísticas?

*R- Ah, gostam. Todos eles que fazem arte, fazem de coração.*

37. Como manifestam este interesse (gosto)?

*R- O interesse a gente vê pela própria pessoa. Ela começa a se dedicar, se entrega de coração, faz aquilo com todo carinho, então vo  
cê vê que há um interesse no aluno e na pessoa.*

— Adendo —

*Se isto que você está fazendo é uma pesquisa para que possa ser levado aos alunos da Escola XV e que você possa escrever, que escreva de coração, porque eles merecem todo apoio, todo carinho seja da sociedade, seja de quem for, entendeu? Porque quando o elemento é levado para a Escola XV, é porque ele é um elemento carente, precisa de um lugar ao sol, precisa de uma oportunidade que às vezes não tem oportunidade do pai ou mãe ou de quem quer que seja para ser levado a um homem de bem, um homem de futuro como eu me considero. Um homem de bem, um homem de futuro, casado há 30 anos, não me nego ter saído da Escola XV. Sinto-me realizado, meus filhos estão todos formados e graças a Deus não precisaram de ir para a Escola XV, conforme eu fui. É com esse carinho que eu peço a você que encaminhe tudo que você tem que fazer, a sua pesquisa, em termos de aproveitamento dos alunos da Escola XV.*

## Entrevista nº 3 realizada com ex-aluno da FUNABEM

1. Qual é o seu nome?

R- R.M.C.

2. Qual a sua idade?

R- 41 anos

3. Quantos anos foi interno?

R- Doze anos, sendo oito na Escola XV e quatro em Jacarepaguá.

4. Por que foi internado?

R- Fui internado, porque minha mãe ficou viúva, residia em Minas, e pelo estado de pobreza, minha tia que já estava bem situada aqui no Rio, inclusive era modista da família do Presidente Dutra, e que tinha mais condições, resolveu auxiliar minha mãe e convidou-a para vir para o Rio. Aqui, ela trabalharia como doméstica e teria mais condições de nos manter. Como nós éramos quatro e não podíamos ficar todos juntos, então, teria que nos internar. Fomos internos três: eu e duas irmãs. A outra, como precisava de mais cuidados, ficou com a minha mãe.

5. Você tem apoio da família? Qual? Que tipo?

R- Eu sempre tive apoio da minha família. Eu fui interno, não que a minha família me rejeitasse, mas por uma questão... eu precisava de mais oportunidade. Eu sempre tive carinho, conselhos normais para um jovem e apoio moral.

6. O que você acha da FUNABEM?

R- A FUNABEM é uma grande instituição e de grande dom altruísta. Ali entram jovens de todos os tipos, de famílias diversas, mas todos dependem de um apoio, de alguma coisa que lhes faltou.

7. Como é feita a profissionalização na FUNABEM (algum trabalho que você pode fazer aqui fora)?

R- No período em que eu estava lá, haviam várias oficinas como marcenaria e dentro da marcenaria, carpintaria, lustração, montagem de armários; alfaiataria, parte mecânica, gráfica incluindo linotipista, encadernador, compositor, montagem de motor. Inclusive um cole

*ga meu, da minha época, que iniciou com montagem de motor, hoje é inspetor da Varig com 23 anos de idade.*

8. Você acha que a instituição FUNABEM prepara o menor para o mercado de trabalho (para trabalhar aqui fora)?

*R- Acho que prepara muito bem. Se a pessoa tiver alguma dificuldade é devido ao mundo atual, que tem suas separações, sociedade com obstáculos... mas está preparado.*

9. A maneira de vida aprendida dentro da instituição ajuda a viver, a se adaptar aqui fora?

*R- A dificuldade aqui fora será apenas de adaptação, porque lá, nós não temos a dificuldade que teremos aqui fora. Lá tem horários para acordar, se alimentar, trabalhar, estudar e lazer. Tem as obrigações mas também tem as compensações.*

10. Que dificuldades você encontrou quando se desligou da FUNABEM?

*R- Quando eu saí da FUNABEM, fui servir o Exército. Servi um ano e um mês. Eu gostaria até de seguir carreira, mas, como a parte de música estava fechada, eu resolvi dar baixa e aventurar aqui fora. De início, eu tive dificuldades, embora tivesse o primeiro grau completo, e sabendo música... ficava meio ressabiado... sem ter um pistão... um conhecido. Quando se procura alguém, diz que não há vaga, vem amanhã... então a gente encontra dificuldades.*

11. O que você faz aqui fora para se manter? O que gostaria de fazer?

*R- Faço parte da Banda do Corpo de Bombeiros como sargento músico que é a principal para me manter e quando aparece alguma atividade musical eu complemento. Eu gostaria de continuar como músico, até porque, quando eu vim para o Corpo de Bombeiros, eu tive oportunidade de fazer a Escola de Oficial. Quer dizer, eu fui instrutor na Escola de Recruta dos músicos, porque tive opção e a banda era federal e optou para ir para Brasília. Foram remanejados jovens de todo Brasil, eu fui da segunda turma. Na primeira turma, foram vinte e três, e depois a segunda turma foi em fevereiro e eu fiz parte dela. Como eu tirei o primeiro lugar na Escola, e na época, estava carente de instrutores e haviam muitos recrutas inclusive músicos, e havia necessidade de completar a Banda, acharam que eu devia ser instrutor. Aí, eu fui e o oficial perguntou: Por que você não faz*



*para a Escola Oficial? Você tem jeito, pode ser instrutor, você será mais bem remunerado... E eu disse: Não, mas eu gosto da música. Não, mas você como sargento, como oficial você terá mais opção. Não, eu gosto da música. Então, fiquei na música. Hoje, eu seria major aspirante a tenente-coronel.*

12. O que você acha que os meninos da FUNABEM são?

*R- São pessoas que não tiveram sorte na sociedade de ter uma renda que pudesse se manter ou procurar uma cultura. Então, eles necessitam dessa falta.... mas são pessoas boas.*

13. O que você acha dos menores daqui de fora?

*R- São aqueles que não têm amparo dos pais, devido às dificuldades que os pais passam de não poder dividir a renda dentro de uma família, então, ficam ao tempo... o tempo devido ao poder de subsistência, carência. Então, eles procuram qualquer coisa e acabam se perdendo.*

14. Você participou de alguma atividade artística (tocar instrumentos, cantar, etc...) na FUNABEM? Era individual ou em grupo?

*R- Participei da Banda em várias solenidades... tocatas em Igrejas, solenidades diversas, desfiles. Participei também de teatro.*

15. Você considera importante participar dessas atividades artísticas? Por que?

*R- Acho muito bom porque desenvolve a mente... dá um horizonte que pode... a pessoa ter consciência e visão e superar qualquer dificuldade.*

16. Você acha que as atividades artísticas ajudam o aluno a se relacionar melhor (dentro e fora da FUNABEM)? Por que?

*R- Ajuda tanto no setor intelectual, como no dia-a-dia e até dentro das depressões do dia-a-dia.*

17. Que outras vantagens as atividades artísticas trazem para o menor? Por que?

*R- Traz, quase todas, principalmente se diante de qualquer dificuldade de ele tiver mais visão, mais vontade de vencer.*

18. Você acha que a escola FUNABEM valoriza os alunos que trabalham com arte?

*R- Eu acredito que valoriza.*

19. Você considera que os ex-alunos ligados à arte têm demonstrado um melhor relacionamento, um melhor convívio, e uma melhor posição financeira?

*R- Eu acredito que os outros também devem ter um bom relacionamento, mas eu acho que os da arte devem ter maior facilidade de superar dificuldades.*

20. Você se relaciona com alunos ligados às atividades artísticas? Como? Onde?

*R- Com quase todas as modalidades.*

21. Você notou ou nota alguma diferença entre os alunos ligados à arte e os não ligados à arte (tanto dentro, quanto fora da FUNABEM)? Quais?

*R- A diferença está só no modo de ação, no sentido de... às vezes com a arte a pessoa, seja mais carinhosa, tenha mais paciência, um pouco mais humano.*

22. Há quanto tempo você conhece a Associação de ex-Alunos da FUNABEM?

*R- Quando eu estava na escola, se falava muito na Associação, mas, sempre os alunos que saíam, iam lá visitar e tinha aquele intercâmbio, aquela parte fraternal, uma troca de amizades, de mostrar o que tinham aprendido na escola e o que exerciam aqui fora e o benefício que estavam recebendo. Mas, a Associação em si, eu não conheço não.*

23. Quais são os objetivos dela?

*R- ———*

24. Por que você procurou a Associação?

*R- ———*

25. O que você faz aqui?

*R- ———*

26. O que você gostaria de ser na vida?

*R- Gostaria de ser o que sou mesmo.*

27. Existe alguma atividade artística na Associação?

*R- ———*

28. Por que foi instituído o encontro de artes aqui na Associação?

*R- ———*

29. Isto tem a ver com as atividades artísticas dentro da FUNABEM?

R- Eu acho que tem a ver muito. Devem estar procurando um entrosamento entre os alunos e que possam ter aquela motivação de saber o que desejam.

30. Você acredita que a arte ajuda em alguma coisa?

R- Ajuda em tudo, inclusive nesse mundo agressivo que nós estamos hoje. Ajuda a superar em todos os sentidos: no sentido depressivo, no sentido... até mesmo da pessoa se quiser... se perder toda a amizade... se perder tudo que tinha... ficar assim isolado, sem direito a nada. Ele tem a arte da capacidade de superar até o suicídio e não perde a razão, desde que ele goste da arte, e não esteja na arte para agradar alguém.

31. A participação em atividades artísticas do tipo musical, ajuda a socialização (formar grupos, se dar bem com os outros)?

R- Ajuda a formar o grupo e dá estabilidade, contribuindo muito para a sociedade, porque basta viver em conjunto, troca de idéias, superar negatividades e chegar ao ideal.

32. Você conhece alguns ex-alunos que podem ser considerados bem sucedidos? O que é ser bem sucedido para você? Por que?

R- Conheço muitos que foram músicos na Escola e que por um motivo qualquer, talvez, encontrassem facilidade, procurando uma aquisição melhor, como a música. São muitos, talvez não possa abrigar a todos, então muitos procuraram outros caminhos: Banco do Brasil, Cacex, Pediatria, Promotor e muitos outros. Bem sucedido é a pessoa que na sua formação desde pequeno conseguiu chegar naquele patamar, conseguiu um ideal para sobreviver... levar algo de bom para sua família formada... aos amigos... uma boa remuneração que dê para cumprir seus compromissos... dê cultura à sua família e ajudar também ao próximo.

33. Eles tinham ou têm alguma ligação com a arte? Qual?

R- Tiveram dentro da Escola uma ligação com a arte. Músicos e outros. Também na parte de oficinas, porque de certa forma precisariam ter um pouco de arte.

34. O que você acha que as pessoas aqui fora pensam dos menores?

R- Dizer isso é difícil, mas acredito que diversificadamente... é difícil dizer o que as pessoas pensam.

35. Os menores procuram a arte com que finalidade?

*R- Procuram, porque desde pequenos eles já vêem algo que impressiona o seu coração, o seu espírito.*

36. Os alunos demonstram interesse (gostam) pelas atividades artísticas?

*R- Muito. Demonstram na sua alegria, em participar das atividades.*

37. Como manifestam este interesse (gosto)?

*R- Participando dos desfiles, das comemorações, do contato com o povo e as suas idéias.*

— Adendo —

*A FUNABEM deve ter o mesmo estilo do que foi a Escola XV, com carinho aos jovens para que eles tenham como sobreviver e se defender. Que não fiquem na utopia com frases filosóficas e de gabinete, que na prática não valem nada.*

## Entrevista nº 4 realizada com ex-aluno da FUNABEM

1. Qual é o seu nome?

R- A.S.G.

2. Qual a sua idade?

R- 40 anos

3. Quantos anos foi interno?

R- Dez anos

4. Por que foi internado?

R- Pelas condições financeiras da família. minha mãe não tinha condições, com três filhos, então procurou uma escola do governo. Nessa época, a Escola XV, era até mal falada, porque existia o organismo chamado SAM - Serviço de Assistência ao Menor. Nesse serviço, existiam vários educandários que eles colocavam os pequenos marginais, mas não era o caso da Escola XV, pertencia a esse serviço, mas ali tinha que se estudar a parte intelectual e tinha que aprender uma profissão. Ali era obrigatório.

5. Você tem apoio da família? Qual? Que tipo?

R- Atualmente, o chefe da família sou eu. Eu e meu irmão. E nossa mãe, hoje, está aposentada graças a Deus, e o dinheirinho dela dá p'ra ela, mas ela sempre teve o nosso apoio. Nós a ajudamos.

6. O que você acha da FUNABEM?

R- A FUNABEM foi criada depois que eu saí da escola. Então, não sei bem os termos em que foi criada. Na minha época - SAM - a escola que eu estudei, a Escola XV, qualquer criança que estudou ali, tinha condições de sair dali com uma boa base intelectual e uma profissão. Já havia de tudo: natação, bons profissionais naquelas oficinas todas, inclusive uma variedade de profissões que abrangia mais ou menos doze ou quinze profissões.

7. Como é feita a profissionalização na FUNABEM (algun trabalho que você pode fazer aqui fora)?

R- Na minha época o dia era dividido em dois expedientes: manhã e tarde. Quem estudava a parte intelectual de manhã, de tarde tinha que frequentar uma oficina qualquer e vice-versa. Tinham lá ferre-

ro, carpintaria, marcenaria, sapataria, barbearia, música, Banda de Música, enfermagem e várias profissões que quisesse seguir.

8. Você acha que a instituição FUNABEM prepara o menor para o mercado de trabalho (para trabalhar aqui fora)?

R- Prepara. Prepara porque lá em cada profissão tem um mestre realmente qualificado, pelo menos havia na minha época e com todo o material necessário. Então, o aluno ao atingir 16, 17, 18 anos, a época que vai servir o Exército, sai dali realmente profissional.

9. A maneira de vida aprendida dentro da instituição ajuda a viver, a se adaptar aqui fora?

R- É bem diferente. Aquilo ali, as relações humanas, estava restrito àquela coisa da mesma idade, não tínhamos conhecimento de crise, de inflação, de nada, de como seria o relacionamento que se adotaria fora daquele agrupamento ali. Então, eu acho que na época não ajudava.

10. Que dificuldades você encontrou quando se desligou da FUNABEM?

R- Dificuldade que tive apesar dos conhecimentos adquiridos, a minha família ainda estava na mesma situação e eu tive logo, logo, antes mesmo de ir para o exército, saí de lá com 16 anos, eu tive que procurar imediatamente um trabalho. Arranjei até com certa facilidade pelos conhecimentos que eu adquiri na escola.

11. O que você faz aqui fora para se manter? O que gostaria de fazer?

R- Vivo vinte e quatro horas de música. Trabalho dentro do quartel e fora do quartel em "shows", bailes, etc... Eu gostaria de fazer mais, em relação à música.

12. O que você acha que os menores da FUNABEM são?

R- Ali, a grande maioria apesar de toda orientação pedagógica que existe, não consegue escapar dessa influência daqui de fora, porque na realidade quando eles saem dali vão encontrar um quadro totalmente diferente da escola. Alimentação eles vão ter que batalhar, uma casa, família que não tem e essa coisa toda. Então, é a mesma coisa. Ele ali só ganha uma alimentação e uma casa no período em que estão ali. Mas as influências que estão aqui fora eles logo que saem vão sofrê-las em maior número talvez até.

13. O que você acha dos menores daqui de fora?

R- Os daqui de fora é falha dessa estrutura toda que existe aí, por

*que os menores... o caminho deles é a marginalidade, na maioria.*

14. Você participou de alguma atividade artística (tocar instrumentos, cantar, etc...) na FUNABEM? Qual? Era individual ou em grupo?

*R- Participei da música e do teatro, em grupo.*

15. Você considera importante participar dessas atividades artísticas? Por que?

*R- Considero muito importante porque, a parte artística além de... ser mais fácil de espiritualizar o indivíduo em si, ele consegue através da arte ampliar e clarear a forma de pensar e de entender até o poder de crítica que nós temos e adquirimos com a arte em si.*

16. Você acha que as atividades artísticas ajudam o aluno a se relacionar melhor (dentro e fora da FUNABEM)? Por que?

*R- Claro. Isso é evidente, porque em geral as manifestações artísticas são em grupo. Só essa presença de muita gente já ajuda no relacionamento. Na passagem do artista para o leigo, da sua arte, tem o poder grande de aproximação das pessoas, de relacionamento mais íntimo das pessoas.*

17. Que outras vantagens as atividades artísticas trazem para o menor? Por que?

*R- Bem, primeiro existe a realização própria porque isso penetra e envolve muito a gente. Já é uma forma de realização. Em segundo, o lado profissional que dentro deste campo todo que está aí, eu acho que ainda por intermédio da arte se consegue alguma coisa.*

18. Você acha que a escola FUNABEM valoriza os alunos que trabalham com arte?

*R- Valoriza. Valoriza porque a FUNABEM, já de muito tempo, deu prova de que principalmente no campo da música que a maioria dos músicos formados pela escola já saíram num nível profissional que dava para ser aproveitado em muitos campos: música popular, música militar, etc... A música principalmente na FUNABEM sempre tem valorizado a criança.*

19. Você considera que os ex-alunos ligados à arte têm demonstrado um melhor relacionamento, um melhor convívio, e uma melhor posição financeira?

*R- É claro. Os ligados à música principalmente tem se realizado melhor aqui fora.*

20. Você se relaciona com alunos ligados às atividades artísticas? Como? Onde?

*R- Me relaciono no próprio quartel, em outros quartéis, outras corporações têm muitos ex-alunos e também na vida social: bailes, "shows".*

21. Você notou ou nota alguma diferença entre os alunos ligados à arte e os não ligados à arte (tanto dentro, quanto fora da FUNABEM)? Quais?

*R- Existe sim, porque na minha época, na escola, a maioria das profissões ensinadas lá eram profissões que... não eram profissões técnicas que dependiam de muita ciência, como marcenaria, sapataria, barbearia. Quer dizer, coisas que profissionalmente eu acho que basicamente não dá para realizar nada. Seria sempre um subalterno. São profissões que um ou outro que é realmente um artista no negócio poderia se destacar, mas, dentro do quadro profissional seriam profissional até quase de subemprego, enquanto que com a música é uma média de oitenta por cento de quem saiu de lá com aprendizado de certo nível, deu para conseguir melhores empregos aqui fora.*

22. Há quanto tempo você conhece a Associação de ex-Alunos da FUNABEM?

*R- Não, já ouvi falar mas nunca tive em contato.*

23. Quais são os objetivos dela?

*R- ———*

24. Por que você procurou a Associação?

*R- ———*

25. O que você faz aqui?

*R- ———*

26. O que você gostaria de ser na vida?

*R- Gostaria de ser músico como sou. Mas, não me realizei completamente com a música. Não gostaria de mudar, mas dentro do quadro atual do nosso país, eu se tivesse a oportunidade de ter um reinício com outra profissão, eu estudei contabilidade, técnico de contabilidade, mas, estudei por força da época. Tinha que estudar alguma coisa que não fosse música, e entre a parte comercial e industrial, na época, a minha tendência era mais para a parte comercial. A música infelizmente está muito restrita, muito fechada. Tem meia dúzia de lugares que pode se realizar profissionalmente, mas essa*



*meia dúzia de lugares são cativas e dificilmente alguém entra.*

27. Existe alguma atividade artística na Associação?

R- ———

28. Por que foi instituído o encontro de artes aqui na Associação?

R- ———

29. Isto tem a ver com as atividades artísticas de dentro da FUNABEM?

R- *Eu penso que não. A Associação eu não conheço, mas ela não deve ter recursos financeiros p'ra usar um departamento cultural como é usado na escola. Na escola, pelo simples fato dele ser aluno, adquire o direito de estudar qualquer coisa que exista no momento. Enquanto que numa Associação sem recursos financeiros p'ra passar esse lado artístico aos jovens teria que ser cobrado alguma coisa, não sei... algo que houvesse um retorno. Nesse caso o objetivo já seria bastante diferente.*

30. Você acredita que a arte ajuda em alguma coisa?

R- *Ajuda. Ajuda porque a arte vem do íntimo da pessoa, então... já ... já existe uma realização espiritual. Quem se envolve com arte profundamente já tem essa realização. A arte ajuda a pessoa se compreender melhor, ser um ser humano e está diretamente ligada ao espírito, mesmo nesse mundo material que nós vivemos, a pessoa adquire uma certa experiência de vida, atinge um determinado nível intelectual.*

31. A participação em atividades artísticas do tipo musical, ajuda a socialização (formar grupos, se dar bem com os outros)?

R- *De certa forma ajuda, mas depende muito do objetivo dos grupos que participam. Tem grupos que são estritamente comerciais, então ali visa-se única e exclusivamente o dinheiro. Esse tipo de grupo nós participamos por necessidade realmente e normalmente cruza-se com vários tipos de pessoas que não acrescentam nada. Determinados grupos que não visam somente a parte econômica, aí sim. Aí sim, há uma aproximação muito grande das pessoas.*

32. Você conhece alguns ex-alunos que podem ser considerados bem sucedidos? O que é ser bem sucedido para você? Por que?

R- *Conheço sim, principalmente no campo da música. Eu considero bem sucedido quem consegue adquirir uma estabilidade econômica acima da média. Hoje, na nossa sociedade o que significa bem sucedida*

*é quem está bem economicamente.*

33. Eles tinham ou têm alguma ligação com a arte? Qual?

*R- Principalmente com a arte, com a música.*

34. O que você acha que as pessoas aqui fora pensam dos menores?

*R- Eu acho que há uma indiferença muito grande em relação aos menores e isso partiu lá de cima, desde o Presidente da República. Eu acho que as pessoas que estão bem posicionadas na vida e na sociedade nunca tiveram esse tipo de problema na família, porque o avô construiu, o pai já deixou e essa coisa toda. Então, esse tipo de problema não atinge nem o coração nem a mente dessas pessoas. Justamente as pessoas de baixo é que têm esse tipo de problema e sem renda, sem emprego, sem nada, vão fazer o quê? Todo mundo sabe que essa sociedade está errada por causa da criança abandonada. Todo mundo sabe que todo brasileiro tem que contribuir com algum e contribuímos justamente para que não tenha crianças abandonadas. Eles fazem o quê? Eles comem o dinheiro.*

35. Os meninos procuram a arte com que facilidade?

*R- Na minha época, era como sobrevivência mesmo porque ali ninguém tinha condições financeiras. A maioria pelo menos dos que estudavam música era por informações de ex-alunos, que também eram músicos, da facilidade de colocação aqui fora. Naquela época, o mercado era fácil.*

36. Os alunos demonstram interesse (gostam) pelas atividades artísticas?

*R- Com o passar do tempo, quem vai se aprofundando mais na música ... não param de estudar.*

37. Como manifestam este interesse (gosto)?

*R- No caso da Escola XV, na época das paradas militares, etc... A nossa Banda estava num nível tão superior a qualquer colégio, que a nossa Banda não disputava prêmios. Nós fazíamos tudo só para desfilar em "hours concurs". Aquilo ali, até os alunos mais jovens, mais novos, até farda nós usávamos diferente do grupo da Escola. Até esse orgulho, o brilho, o "status" de pertencer à Banda da Escola, eu acho que até isso influenciava os mais jovens. O interesse se manifestava pela procura. Lá tinha curso de música. Primeiro, tinha que estudar um, dois, três, quatro anos e aquele que tinha condi-*

ções, ia para a Banda. A Banda de Música exercia uma influência grande na vontade dos mais jovens.

— Adendo —

*Eu apesar de amar a música acima de tudo, eu... sou muito... digamos assim... magoado e revoltado. Não é só com a música não. Depois que eu passei a ler mais, acompanhar essa coisa toda que está passando por aí, eu cheguei à conclusão que não é só com a música, é com tudo. O governo deveria obrigar desde o início do primeiro grau constar dos currículos escolares de todo o Brasil, uma parte artística. Eles vão buscar violinista em Israel, fagotista na Itália, vão buscar não sei quem na França, tímpanos no Japão quando não há necessidade. Aqui, tem uma porção de garotos pobres que estudou, estudou, e não consegue uma vaga.*

## Entrevista nº 5 realizada com ex-aluno da FUNABEM

1. Qual é o seu nome?

R- S.C.R.F.

2. Qual a sua idade?

R- 37 anos

3. Quantos anos foi interno?

R- Doze anos

4. Por que foi internado?

R- A minha mãe faleceu e, então, para o meu pai cuidar de quatro filhos não era fácil. Foi uma necessidade mais de família.

5. Você tem apoio da família? Qual? Que tipo?

R- Não, meu pai já é falecido e eu tenho mais convivência com os meus dois irmãos. O apoio é o que toda família tem que cultivar, que é a união da família.

6. O que você acha da FUNABEM?

R- A FUNABEM é o órgão responsável pelo menor no País e que tem caminhado e precisa progredir muito, ainda, na educação, na sua maneira de ser. Tem as suas grandes realizações, mas que é preciso que se realize muito mais.

7. Como é feita a profissionalização na FUNABEM (algum trabalho que você pode fazer aqui fora)?

R- A profissionalização é um pouco complexa, p'ra mim, entende, por que no tempo em que eu estudei era regido pelo SAM, entende, e sempre houve muita dificuldade na colocação do mercado de trabalho. Primeiro, pelo estigma da própria FUNABEM, e segundo, porque os patrões e as empresas pedem uma experiência profissional. O elemen-to que está se formando numa profissão é preciso que ele faça estágio, que ele comece do princípio, realmente. As empresas querem uma experiência de um ano, dois anos, e torna-se difícil a coloca-ção no mercado de trabalho.

8. Você acha que a instituição FUNABEM prepara o menor para o mercado de trabalho (para trabalhar aqui fora)?

R- Olha, o problema não é preparar para o mercado de trabalho so-

mente. Era preciso estar junto com o mercado, desde o início, sabe, isto é, o elemento além de ser preparado já ir estagiando para poder mais tarde conseguir a realização dele na profissão.

9. A maneira de vida aprendida dentro da instituição ajuda a viver, a se adaptar aqui fora?

R- Não ajuda, porque é preciso viver com a realidade. E a FUNABEM tem uma realidade interna, que até por sinal está procurando mudar, ver se adapta a uma nova forma, porque, até então não foi bem sucedida nessa parte.

10. Que dificuldades você encontrou quando se desligou da FUNABEM?

R- Olha, a dificuldade é a da vivência fora, mas eu posso até me considerar com uma dificuldade normal. A gente tem que procurar um emprego, tem que servir à nação, tem que fazer uma série de coisas que fazem parte da nossa vida. Então, na ocasião, é ... que eu estudei, que foi na época do SAM, a FUNABEM estava chegando, quando eu estava saindo, quer dizer a educação que eu tive na época do SAM me possibilitou um pouco... a procura do trabalho tudo mais, porque antigamente era um pouco mais fácil nessa parte, sabe? Agora, eu fui até convidado pela própria FUNABEM, na ocasião, para trabalhar lá. Quer dizer, eu tive um período muito pouco, assim, de procura de serviço, sabe? Fiz alguns concursos, fui até chamado mais tarde no próprio Estado, mas a FUNABEM tinha um salário bem melhor e eu fiquei na própria FUNABEM. Mas o nível de estudo na ocasião me possibilitou passar no concurso para o Estado.

11. O que você faz aqui fora para se manter? O que gostaria de fazer?

R- Aqui fora p'ra mim é como se eu estivesse lá dentro, porque eu trabalho na FUNABEM. Sou professor de música lá. Uma das coisas que eu gostaria, sim, e outra coisa que não realizei, mas que não levo frustração nenhuma, era ser piloto, sabe, de avião.

12. O que você acha que os menores da FUNABEM são?

R- Elementos como eu fui, com as mesmas necessidades de vida, com as dificuldades familiares, e com a necessidade de uma assistência da sociedade.

13. O que você acha dos menores daqui de fora?

R- É tudo a mesma coisa.

14. Você participou de alguma atividade artística (tocar instrumentos, cantar, etc...) na FUNABEM? Qual? Era individual ou em grupo?

*R- Eu participei. Sempre participei da música, de um modo geral, sabe, programas de calouros, festividades, formação de conjuntos, instrumental também.*

15. Você considera importante participar dessas atividades artísticas? Por que?

*R- Olha é demais, porque a música sensibiliza, acalma, educa, ela estravasa uma série de dificuldades que a pessoa encontra. Além de tudo, a música pode ser usada, não somente para formação de profissional músico, mas, para desenvolver a coordenação motora das pessoas, o ritmo, percepção, para ajudar em outras matérias. Quer dizer, a música é... a base fundamental de todas as matérias p'ra mim, pois, se o elemento precisa trabalhar numa máquina, ele precisa ter ritmo, porque senão pode espremer a sua mão, se machucar; se ele vai atravessar a rua, ele tem que calcular distância, quer dizer, isso aí já está dentro de um cálculo não só matemático, mas que a música desenvolve também. Se ele não tem coordenação, ele andaria todo desengonçado. Então o ritmo está até p'ra falar.*

16. Você acha que as atividades artísticas ajudam o aluno a se relacionar melhor (dentro e fora da FUNABEM)? Por que?

*R- Sem dúvida.*

17. Que outras vantagens as atividades artísticas trazem para o menor? Por que?

*R- É o desenvolvimento social, até, sabe, é a participação desse teatro que é a vida.*

18. Você acha que a escola FUNABEM valoriza os alunos que trabalham com arte?

*R- A Escola dentro do possível oferece uma facilidade, uma facilidade não. Ela, dá oportunidade a esses alunos, na participação interna. Agora, a colocação no mercado é uma coisa muito difícil, não só para os alunos da FUNABEM, mas para alunos de qualquer escola.*

19. Você considera que os ex-alunos ligados à arte têm demonstrado um melhor relacionamento, um melhor convívio, e uma melhor posição financeira?

R- Isso eu acho muito difícil a gente colocar uma posição melhor financeira, porque o mercado de trabalho está difícil p'ra todos os ramos, sabe. Não só para a Arte, mas para qualquer parte profissionalizante, então é preciso se preparar mais p'ra isso, entende, e tem que se profissionalizar realmente, porque o bom profissional tem mais chances do que um mau profissional. Ele pode disputar melhor, sendo um bom profissional. Sem dúvida, a parte artística propicia muito o relacionamento, a gente tem exemplos, o elemento pode até não conviver, com a arte, mas que a arte vem moldá-lo muito mais, isso é inegável.

20. Você se relaciona com alunos ligados às atividades artísticas? Como? Onde?

R- Sim, muito. Não só no meu trabalho, mas na vida em geral, em todos os campos.

21. Você notou ou nota alguma diferença entre os alunos ligados à arte e os não ligados à arte (tanto dentro, quanto fora da FUNABEM)? Quais?

R- Olha às vezes a arte... é preciso estar noutros elementos para desenvolver alguma sensibilidade, sabe... agora, não é dizer que os elementos que não estão ligados à arte não tem o seu valor, porque realmente eles têm muito valor, haja vista, que tem muitos elementos que não são artistas e, p'ra mim, são verdadeiros artistas.

22. Há quanto tempo você conhece a Associação de ex-alunos da FUNABEM?

R- Desde que foi fundada.

23. Quais são os objetivos dela?

R- São... é... reunir os ex-alunos para seu lazer, a sua ajuda mútua e também, fundamentalmente, para que a gente possa modificar a maneira com que os alunos se sintam preparados para serem integrados à sociedade, porque, realmente, eles não foram integrados e a gente não pode dizer reintegrados.

24. Por que você procurou a Associação?

R- Eu não procurei a Associação. Sou um dos fundadores.

25. O que você faz aqui?

R- Atualmente sou diretor tesoureiro.

26. O que você gostaria de ser na vida?

R- Um excelente músico.

27. Existe alguma atividade artística na Associação?

R- Agora, nós estamos incrementando, agora, com mais vigor, a parte cultural, sabe, que esteve um pouco parada.

28. Por que foi instituído o encontro de artes aqui na Associação?

R- Não é que a parte de arte não seja importante, mas, naquele momento, nós tínhamos que incrementar outras áreas, mas, agora, nós vamos incrementar essa parte da cultura. Mas, havia outros setores que a gente precisava movimentar muito mais, e a gente tem grupos de ex-alunos que a gente precisa canalizar para uma atividade cultural mais programada.

29. Isto tem a ver com as atividades artísticas de dentro da FUNABEM?

R- Não, não tem nada a ver.

30. Você acredita que a arte ajuda em alguma coisa?

R- A arte é um complemento da vida, realmente o aluno aprende a gostar de si mesmo, de se valorizar, não só se valorizar mas, um progresso, né? A Arte é um progresso.

31. A participação em atividades artísticas do tipo musical, ajuda a socialização (formar grupos, se dar bem com os outros)?

R- A música, não precisa ser artista p'ra ajudar, sabe a conviver melhor. Basta viver a música que a gente consegue viver melhor.

32. Você conhece alguns ex-alunos que podem ser considerados bem sucedidos? O que é ser bem sucedido para você? Por que?

R- Eu conheço bastante. Bastante ex-alunos.

33. Eles tinham ou têm alguma ligação com a arte? Qual?

R- Grande parte deles está militando na arte.

34. O que você acha que as pessoas aqui fora pensam dos menores?

R- As pessoas são desinformadas, as pessoas pensam diferentes, é difícil colocar o que as pessoas pensam sem que as pessoas procurem viver mais a parte concreta, vivenciar mais de perto o menor, sabe, porque as pessoas vivem muito do que se escreve, se lê, se fala, mas... não procura sentir mais de perto.

35. Os menores procuram a arte com que finalidade?

R- Eu, como ex-aluno e não como funcionário, acho que a arte não deve ser obrigada. A gente tem que favorecer, dar oportunidade, tem que semear para depois colher.



36. Os alunos demonstram interesse (gostam) pelas atividades artísticas?

*R- Sempre demonstram, sempre há uma procura.*

37. Como manifestam este interesse (gosto)?

*R- Através da oferta e que nem sempre a oferta é aquilo que a pessoa quer. É preciso que a gente tenha uma linha de trabalho p'ra poder cativar essa parte. É preciso explorar o que o aluno tem. A gente não pode impor o que a gente acha que tem que ser, porque torna-se mais difícil o trabalho. A gente pode até realizar alguma coisa, mas é preciso, explorar primeiro, canalizar o que ele tem, é, daí, trabalhar em cima daquilo. Isso, dependendo do tipo de trabalho. Se é um trabalho de lazer, então, é preciso que o elemento dê condições, mas que também explore o que o elemento deve oferecer.*

— Adendo —

*Eu não gostaria de ter misturado o ex-aluno com o funcionário.*

## Entrevista nº 6 realizada com ex-aluno da FUNABEM

1. Qual é o seu nome?

R- G.R.

2. Qual a sua idade?

R- 31 anos

3. Quantos anos foi interno?

R- Sete anos

4. Por que foi internado?

R- Por incompatibilidade familiar e separação de pai e mãe.

5. Você tem apoio da família? Qual? Que tipo?

R- Não

6. O que você acha da FUNABEM?

R- É uma instituição criada com o objetivo totalmente divergido do que realmente a classe que é atendida por ela necessita.

7. Como é feita a profissionalização na FUNABEM (algum trabalho que você pode fazer aqui fora)?

R- Totalmente, de interesse só da instituição, sem visar mercado externo e futuro dos menores que um dia serão adultos e terão que sobreviver por conta própria.

8. Você acha que a instituição FUNABEM prepara o menor para o mercado de trabalho (para trabalhar aqui fora)?

R- Nunca, nem pensar. O que ela mais se preocupa no sentido da profissionalização é com a ocupação do menor e o lazer dele dentro da instituição, para que ele não fique ocioso e para não dar trabalho a eles.

9. A maneira de vida aprendida dentro da instituição ajuda a viver, a se adaptar aqui fora?

R- Muito pouco. A única coisa que possa ajudar a viver aqui fora é o alto elo de amizade entre os menores que lá convivem, porque, com o tempo, por falta de família, eles passam a ter estima por um ou dois, três ou quatro, que, muitas vezes aqui fora, eles se encontram e dá certo. Na maioria das vezes, muitos deles se perdem e ficam sem uma convivência exterior, dado ao fato de excesso de mordo-

*mia fora da realidade de cada um dentro da instituição.*

10. Que dificuldades você encontrou quando se desligou da FUNABEM?

*R- No meu caso, foram muito poucas, dado ao fato que eu já estava consciente por mim mesmo. Mesmo dentro da instituição, já falava para os colegas e, devido a muitos estudos e leituras, eu já sei praticamente com o futuro definido, para a Escola Militar. Então, as dificuldades foram uma adaptação de um tipo de regime que eu já estava acostumado na própria instituição. Agora, se o caso não fosse para uma Forças Armadas qualquer, aí teria uma grande dificuldade.*

— Que dificuldades seriam essas?

*R- Seriam dificuldades quanto à falta de conscientização de moradia, dado ao fato de não ter com quem contar. Outra dificuldade, seria a adaptação com a própria sociedade, porque, uma vez isolado do mundo, de repente, sou jogado num mundo novo, sem conhecimento de causa, sem conhecimento de custo de vida, sem noção de divisão de salário, compra de material para sobreviver, e com quem viver, em qual bairro viver, que diretrizes a seguir, simplesmente, por não ter uma família que pudesse guiar.*

11. O que você faz aqui fora para se manter? O que gostaria de fazer?

*R- No momento atual, dado o nível de cultura que eu possuo, que facilita muito, sou militar, professor, técnico de várias profissões, além disso, sou dono de lojas, então, p'ra mim é muito fácil, mas foi necessário vários anos para chegar a esse ponto. Agora, se eu soubesse como muitos deles, só com o curso primário e que até hoje não conseguiram uma boa profissão, o futuro seria a marginalização ou a mendicância, ou até talvez nem existisse mais como muitos deles. Infelizmente eu não faço o que gostaria de fazer, porque eu já tive uma desestruturação familiar. Então, faço o que é possível para sobreviver. A minha preocupação maior é a minha sobrevivência e não a que eu gostaria de fazer. Por acaso, eu gostaria de exercer o magistério. Não posso exercer o magistério como eu gostaria, então tenho que exercer profissões comerciais.*

12. O que você acha que os menores da FUNABEM são?

*R- Simplesmente menores abandonados que se tornam produto da sociedade. A sociedade os pega com a finalidade do fim que ela deseja*

e não pensando no objetivo do problema dos pais que esses menores têm, e o que esses menores pretendem ser um dia na vida.

13. O que você acha dos menores daqui de fora?

R- São um produto da má distribuição de renda da sociedade e da péssima educação que o governo divulga para as camadas mais necessitadas que é a maioria de cultura... de que não pode atingir uma cultura melhor, para saber como melhor dividir os bens do País. Então, esses menores são produto dessa luta e que o próprio governo tem interesse em manter para poder defender os objetivos políticos deles.

14. Você participou de alguma atividade artística (tocar instrumentos, cantar, etc...) na FUNABEM? Era individual ou em grupo?

R- Participei e foi muito válido. A arte em si lapida melhor. Durante todo o tempo em que eu estive na FUNABEM, observei que em vários colégios internos que todos aqueles que são dados à arte têm maior possibilidade de terem sucesso na vida, porque ela lapida o interior, lapida o exterior e também os mestres que ensinam a arte tem muito mais amor do que os mestres que cuidam das oficinas profissionalizantes. Então, por si mesmo, o jovem já sente vontade de crescer, porque o artista se sente importante e para ser importante tem que ter meio de sobrevivência. Eu pratiquei a música e ela me foi muito válida embora não a exerça na vida exterior, só por "hobby".

— Essas atividades eram individuais ou em grupo?

R- As atividades artísticas eram coletivas, pois quando ela tende a ser individualizada, tende a moldar o estilo do menor.

15. Você considera importante participar dessas atividades artísticas? Por que?

R- É muito importante, porque desprende o jovem de ser aniquilado e de ser modelado. Toda atividade artística deve ser praticada, agora, não esquecendo da profissional e principalmente da comercial que é o que pecam os colégios internos.

16. Você acha que as atividades artísticas ajudam o aluno a se relacionar melhor (dentro e fora da FUNABEM)? Por que?

R- Ajuda, porque põe ele em contato com a massa. No contato com a massa, a pessoa aprende a sobreviver melhor e não pode fazer o que

*fazem os muros dos colégios, que tirando ele do contato com a massa, amanhã ele não sabe sobreviver e como reivindicar à sociedade o que ele tem direito.*

17. Que outras vantagens as atividades artísticas trazem para o menor?  
Por que?

*R- Enxerga o mundo mais à frente, porque ele vê o mercado de trabalho amplo mesmo erroneamente, embora vá cair numa outra realidade, mas sabe que ele só vai conseguir esse mercado de trabalho artístico com muito esforço. O que não acontece com outro tipo de profissionalização.*

18. Você acha que a escola FUNABEM valoriza os alunos que trabalham com arte?

*R- A princípio, o valor que ela dá aos alunos que trabalham com arte é simplesmente para divulgação dela. Para dizer que ela é boa. Para mostrar a face dela que prospera. Então o objetivo principal é fazer uma propaganda da instituição.*

19. Você considera que os ex-alunos ligados à arte têm demonstrado um melhor relacionamento, um melhor convívio, e uma melhor posição financeira?

*R- São tem. Todos os que foram ligados à arte, a maioria deles, oitenta por cento exerce a arte que aprenderam, como profissão para sobreviver, e os outros vinte por cento através da arte se transformaram em profissionais liberais como doutores, professores, advogados, engenheiros.*

20. Você se relaciona com alunos ligados às atividades artísticas? Como? Onde?

*R- Bastante, porque a maioria deles são militares e, como eu fui para uma organização militar, continuei mantendo contato com eles, embora não pratique a arte dentro do militarismo.*

21. Você notou ou nota alguma diferença entre os alunos ligados à arte e os não ligados à arte (tanto dentro, quanto fora da FUNABEM) ?  
Quais?

*R- A diferença é bastante. Só não é bastante aos olhos dos que não está acostumado. Mas aos olhos de quem vem observando, ela se tende na parte da educação, dos objetivos, o que almejam, no comportamento e até mesmo no espírito de felicidade de cada um.*

22. Há quanto tempo você conhece a Associação de ex-alunos da FUNABEM?

R- Eu sou um dos fundadores da Associação. Conheço ela até mesmo antes de existir, porque, primeiro foi planejada na minha cabeça. Durante todo esse tempo, eu venho acompanhando e só sinto muito a falta de apoio da sociedade para com a Associação, para que nós pu dêssemos orientar no sentido do que seria bom para os menores que estão ali dentro e que ainda não sabem o que é bom para eles. Quem não passou por esse tipo de sistema não pode saber a fundo como nós que passamos e que hoje somos liberais como outro qualquer.

23. Quais são os objetivos dela?

R- O principal objetivo seria a reintegração do menor com o meio exterior, o que a FUNABEM não faz, e, também mostrar para a FUNABEM que muitos métodos que ela faz lá dentro para com os menores e que acha que êle é bom para o menor, na realidade aqui fora não serve de nada, ao contrário, aniquila e transforma os menores aqui fora na sociedade em maiores abandonados.

24. Por que você procurou a Associação?

R- Não, eu não procurei a Associação, eu sou um dos fundadores da Associação.

25. O que você faz aqui?

R- No momento, faço parte do Conselho Deliberativo, mas, até um ano atrás, era Presidente e dava quase todo o meu tempo para cuidar dos objetivos da Associação.

26. O que você gostaria de ser na vida?

R- Ser professor, do jeito que eu gostaria. Não existe coisa mais bonita do que ensinar, mas ensinar sem o objetivo de almejar lucros, mas simplesmente, com o objetivo humano, de querer ver as pessoas saberem das coisas, mostrar o que é delas e o que as pessoas tentam vender para elas.

27. Existe alguma atividade artística na Associação?

R- A atividade artística que nós tentamos fazer na Associação é a Banda de Música, a parte de quadros, mas, devido a espaços, problemas prioritários maiores de desemprego, de local de dormida para os ex-alunos, de alimentação, nós não pudemos dedicar muito tempo à arte.

28. Por que foi instituído o Encontro de Artes aqui na Associação?

R- Pensamos, porque, dentro das instituições, sempre foi bem visto as pessoas que se dedicavam à arte, e, quer dizer, seria mais um chamariz para a Associação, daqueles que estavam em dificuldades. Vendo que ali tinha arte, todas as vezes em que eles estivessem dentro da instituição notariam que os mais bem sucedidos são aqueles que eram da Banda, do Coral, do Teatro, etc...

29. Isto tem a ver com as atividades artísticas de dentro da FUNABEM?

R- Não deixa de ter. Tem a ver bastante, porque a FUNABEM tem muitos poucos problemas com os alunos dela que praticam arte. Tem mais problemas com os alunos dela que não participam da arte, mas sim com aqueles que participam de qualquer outra oficina.

30. Você acredita que a arte ajuda em alguma coisa?

R- A arte ajuda ao ser humano bastante, dado ao fato que ela empurra o ser humano para dentro dele, faz ele entrar em contato com ele mesmo, conhecer o bom e o ruim dele. Não existe outro tipo de ciência que faz isso com o ser humano. Só a arte pode fazer. Uma pessoa sem conhecer a si próprio, sem conhecer o seu interior não pode ter objetivo nenhum social.

31. A participação em atividades artísticas do tipo musical, ajuda a socialização(formar grupos, se dar bem com os outros)?

R- Bastante, porque, em si mesmo, só há condição de haver música se houver harmonia e harmonia é conjunto, é cada um cooperando. Um instrumento coopera com outro e atrás desses instrumentos existem seres humanos. Se um instrumento tem que cooperar com o outro para fazer uma música sinfônica, automaticamente, se a música vem do interior da gente, um grupo musical está participando não só do mundo exterior mas também o seu interior.

32. Você conhece alguns ex-alunos que podem ser considerados bem sucedidos? O que é ser bem sucedido para você? Por que?

R- Conheço alguns ex-alunos que podem ser considerados bem sucedidos. Bem sucedidos para eles, individualmente, porque os que eu observo como bem sucedidos são aqueles que conseguem uma sobrevivência decente dentro de uma sociedade que a cuja qual não foi preparada para ele, e, que utilizando um pouco dessa parte que sobra dele, tenta ajudar aos outros que não tiveram esse mesmo tipo de felicidade, se suceder bem.

33. Eles tinham ou têm alguma ligação com a arte? Qual?

R- Oitenta por cento têm ligação com a arte, mas isto não quer dizer, que outros tipos de profissões que se aprende na instituição, ninguém saiu bem sucedido. Saíram, só que esses que eu conheço, oitenta por cento eram ligados à arte (teatro, música e coral).

34. O que você acha que as pessoas aqui fora pensam dos menores?

R- Como oitenta por cento da população do nosso País é ganhadora de salário mínimo, a sociedade que se fala aqui de fora é geralmente uma casta dominadora que controla os bens da nação. Então, o que elas acham do menor abandonado são coisas inoportunas, que não são filhos delas, e que acham que não faz diferença nenhuma enquanto crianças e que só passa a preocupar quando são maiores e que vão em busca daquilo que deveriam ser preparados para ter e que quando grandes não têm condições de ter, e vão tirar como se diz, na "marra". Aí sim, é que eles começam a se preocupar e, diretamente, ao invés de criar boa cultura, bom estudo para as crianças, começam a criar presídios para os maiores abandonados.

35. Os menores procuram a arte com que finalidade?

R- Os menores geralmente não procuram a arte. Eles são impostos à arte, ainda mais se tratando de menor abandonado. A primeira coisa que o menor abandonado precisa é o carinho normal, um lar, uma alimentação decente e não transformá-los antes do tempo em adulto, que muitas vezes ocorre dentro das instituições. A arte é imposta a ele, como meio de ser dominado, quando ele deveria ter simplesmente uma casa, um lar e cultura para tentar mostrar para ele, amanhã ou depois, o futuro que ele deveria ter e deixar ele ser criança.

36. Os alunos demonstram interesse (gostam) pelas atividades artísticas?

R- No começo, eles ficam um pouco relapsos, mas, quando eles vão pegando gosto, interesse pela arte, eles sentem orgulho. Se orgulham daquilo que estão praticando. Começam a se sentir diferente dos outros, também dado ao fato de que são tratados diferente dentro da própria instituição.

37. Como manifestam este interesse (gosto)?

R- O gosto é manifestado dado à regalia que os alunos ligados à ar



te têm: o horário deles é menos rígido, eles são mais apreciados, têm um incentivo emocional maior, dado ao fato de sentirem-se um artista e serem apreciados pelos adultos. O que não acontece com os outros que não praticam a arte que sô são massacrados e que muitas vezes, quando tentam reivindicar alguma coisa, os inspetores e os próprios professores dizem e jogam na cara deles: se vocês não estivessem aqui, estavam morrendo de fome, seus pais não te deram nada.

— Adendo —

Em se tratando de uma pesquisa de Psicologia e que servisse a quem fosse ler essa entrevista visse o seguinte: que os próprios psicólogos quando forem psicólogos de colégio interno, de orfanatos, que não olhassem para aqueles menores com a psicologia da classe dominante, a Psicologia que geralmente eles aprendem, é a psicologia das crianças da classe dominante e que aquela psicologia que ele vai tentar aplicar lá dentro, não tem nada a ver com o "habitat" que aquelas crianças têm, não tem nada a ver com os pais daquelas crianças. As necessidades daquelas crianças são outras. O Piaget quando criou seu sistema, que o Brasil na década de 64 importou para mostrar frente aos Estados Unidos, de que tinha uma sociedade bem estruturada, ele veio com o sistema totalmente de classe média alta e não de um país subdesenvolvido onde mais de oitenta por cento da população mora em condições subhumanas. E nas faculdades o que os psicólogos aprendem é justamente esse estudo que o Piaget fez, que não condiz nada com a nossa realidade. Enquanto continuarem olhando dessa maneira, vão continuar querendo palmas do exterior como profissionais e marginalizando a maior parte da nossa população. E se não preservarmos aquilo que é nosso, as nossas crianças dentro da psicologia dela, do "habitat" dela, da subnutrição, da falta de cultura, da falta de esclarecimento, continuaremos a vender o País. Não é nem vender é dar o nosso País de mão beijada para os países dominadores do mundo. Que os psicólogos, que os técnicos não olhem por esse lado e não se deixem levar, porque senão serão profissionais abandonados.

## Entrevista nº 7 realizada com ex-aluno da FUNABEM

1. Qual é o seu nome ?

R- R.C.

2. Qual a sua idade?

R- 29 anos

3. Quantos anos foi interno?

R- Doze anos

4. Por que foi internado?

R- Minha mãe me internou, porque não tinha condições de me criar.

5. Você tem apoio da família? Qual? Que tipo?

R- Não

6. O que você acha da FUNABEM?

R- Eu acho que a FUNABEM veio com o objetivo e não soube cumprir seus objetivos. Só isso.

— Como seria o cumprimento desses objetivos?

— O que você acha que está faltando aí?

R- Eu acho que acima de tudo é preparar o jovem para competir, na vida, participar da vida e não alienar o jovem da vida. Ele já vai lá p'ra dentro e sai de lá totalmente alienado e aqui fora não consegue competir com nada, com ninguém.

7. Como é feita a profissionalização na FUNABEM (algum trabalho que você pode fazer aqui fora)?

R- Hoje, eu não posso dizer com segurança, porque não tenho tido contatos maiores, então, não vou ser aqui leviano. No período que eu fiquei lá dentro, era muito mais como terapia de grupo, ou como terapia ocupacional, desculpe, do que como profissão mesmo.

— Então, era só para juntar o pessoal, fazer grupo, era isso?

R- Não, era terapia ocupacional mesmo, para o pessoal ficar ali ocupado, não perturbar o inspetor, não encher o saco de ninguém, ficar ali.

8. Você acha que a instituição FUNABEM prepara o menor para o mercado de trabalho (para trabalhar aqui fora)?

R- Para um mercado subalterno, pequeno, é... sem concorrência onde

classe média não quer participar mesmo. Aí bota-se no subemprego, no subemprego ela prepara e muito bem. Aliás, ela é mestre nisso.

—E quais seriam esses sub empregos que você cita?

R- Eu cito como subemprego o auxiliar de cozinha, ajudante de caminhão, servente, e outros servicinhos onde o rapaz es tá totalmente apto p'ra aquilo, até porque, não tem nem formação cultural, tem que se contentar em dizer sim, sempre sim para o patrão, se não perde o empregquinho dele.

9. A maneira de vida aprendida dentro da instituição ajuda a viver, a se adaptar aqui fora?

R- Hum... de forma nenhuma. Claro que não. Lá, é um mundo ilusório. A realidade de lá e a realidade que nós temos aqui é uma diferença muito grande.

10. Que dificuldades você encontrou quando se desligou da FUNABEM?

R- Desconhecimento total do espaço que eu tinha aqui fora. Qual era o meu espaço aqui dentro, aqui fora. Não tinha noção de nada, não sabia nem onde tirar um documento, não sabia nem pegar um ônibus, desconhecimento total da sociedade onde eu vivia.

11. O que você faz aqui fora para se manter? O que gostaria de fazer?

R- Atualmente, trabalho como supervisor administrativo na Associação de ex-alunos da FUNABEM e tenho procurado estudar, quando possível.

Eu acho que é trabalhar, já que... não sou da formação da sociedade utópica não, eu acho que o cara tem que trabalhar mesmo, e trabalhar naquilo que gosta. Eu gostaria de dar aula de qualquer coisa, desde que estivesse na sala de aula, de preferência Estudos Sociais ou Educação Artística que é a coisa que eu gosto.

12. O que você acha que os menores da FUNABEM são?

R- Vejo como pessoas pobres e... que os pais às vezes não têm condições de criar ou a estrutura... não sei... eu acho que são pessoas, pô, como todo mundo e que sentem os dramas como pessoas.

13. O que você acha dos menores daqui de fora?

R- Eu não vejo, eu acho que de repente fica até um negócio que... talvez você tenha sido a primeira pessoa que tenha perguntado sobre os menores daqui de fora. Lá dentro, é menor e aqui fora é criança. Eu acho que é criança como outra qualquer. Simplesmente, tem direi

*to de estar junto com seus familiares ou perto de seus amigos mais chegados, mesmo.*

— Quer dizer que você analisa que os menores de lá são menores e os menores daqui são crianças?

*R- Não, não sou eu quem analiso. Quem analisa é o sistema, ele designa como menor aquele que está tutelado a uma instituição, e, como criança aqueles que estão juntos aos pais, que estão aí. Isso aí, são eles mesmos que rotulam, não sou eu não.*

14. Você participou de alguma atividade artística (tocar instrumentos, cantar, etc...) na FUNABEM? Qual? Era Individual ou em grupo?

*R- Eu era apresentador de calouro. Se eu gostava ou não gostava, eu não sabia. Eu sei que eu fazia. Até hoje, não sei avaliar isso não.*

— E em função da aprendizagem em grupos?

*R- Ah, sim! Eu participei do Teatro, sempre gostei de teatro.*

15. Você considera importante participar dessas atividades artísticas? Por que?

*R- Eu acho que o homem tem que se manifestar, e a arte é a melhor forma que o homem tem para se manifestar.*

— Por que você acha que é a melhor forma?

*R- Traz acima de tudo honestidade de espírito, não é? O nêgo se solta, realmente, não tem que ficar preso a mentiras, dogmas, e essas coisas. Se solta, até vivendo um outro personagem. Eu acho que é a identificação do ser humano com suas raízes. A arte faz isso.*

16. Você acha que as atividades artísticas ajudam o aluno a se relacionar melhor (dentro e fora da FUNABEM)? Por que?

*R- Eu não vejo nenhum aluno, eu vejo até qualquer ser humano. Acho que infeliz é qualquer ser humano que não tem o contato com a arte. Acho, desde os primórdios do mundo, que a arte é o barco importante. A arte é que conta a história do mundo. Não tem outra.*

17. Que outras vantagens as atividades artísticas trazem para o menor? Por que?

*R- É a liberação do seu espírito. É o desarmamento do seu espírito, do ser humano. Ele vive tão no dia-a-dia dessa luta, aí, é na arte que consegue desarmar o espírito dele, que consegue se soltar.*

— Como é que você acha que a arte consegue desarmar isso?

R- Eu posso falar por minha experiência própria. Quando eu estou transando poesia que eu gosto de escrever, lendo, ouvindo música, curtindo música, eu me sinto mais solto, menos ligado a essas porca-  
rias que tem aí, que as pessoas tanto valorizam.

— O que são essas porcarias que tem aí que as pessoas tanto valorizam?

R- É o materialismo excessivo, sabe... a ambição desmedida, desrespeito aos valores maiores que o ser humano tem, que é a liberdade, o direito de pensar, o direito de ir e voltar aonde quiser, sabe... e o direito de ser do ser humano. As pessoas ficam materializando demais as coisas, achando que, sabe, aquele lance que já é velho e batido, a diferença do ser e do ter, sabe. É melhor às vezes a gente até ser. No mundo atual, a gente vale muito mais pelo que tem. Se você tem 10 cruzeiros, você vale os 10 cruzeiros, se você tiver um milhão vale um milhão e assim vai.

18. Você acha que a escola FUNABEM valoriza os alunos que trabalham com arte?

R- Eu vejo o aluno trabalhar com arte numa instituição criada pelo regime de 64. Hoje, não. Eu estou dizendo, na época em que fiquei, via isso, quer dizer, passei a ver isso, analisando legal como uma forma apenas de controle, pô. O menor hoje na FUNABEM, talvez pela arte, a instituição pouco se preocupa em valorizá-lo ou não. É que para a instituição, ou para o aluno ele é apenas uma exceção, ele passa a ser uma exceção porque é impossível, quase impossível se trabalhar com arte com trezentas, quatrocentas pessoas, então se trabalha com vinte. Aqueles vinte passam a ser exceção. E isso é o que as pessoas geralmente lutam, por sentirem exceção, se sentirem diferentes, bem olhados, coisa e tal. É isso.

19. Você considera que os ex-alunos ligados à arte têm demonstrado um melhor relacionamento, um melhor convívio, e uma melhor posição financeira?

R- Não coloco a posição financeira, porque isso aí independe até da arte. Depende até de outras artes, mas... que a relação dele com o mundo exterior, extra-muros é melhor, é. Eu tenho isso por vários companheiros, inclusive por meu irmão, o Ivanir mesmo, o Barros, o Vieira, e outros mais.

20. Você se relaciona com alunos ligados às atividades artísticas? Como? Onde?

*R- Não, quer dizer me relaciono com os companheiros que fizeram arte na instituição. Mas que tenho contato hoje, tenho alguns que é um rapaz que toca em conjuntos musicais de samba-show, o Salvador ... tem Ubiratan que inclusive trabalha com artes na FUNABEM e... acho que mais ninguém não.*

21. Você notou ou nota alguma diferença entre os alunos ligados à arte e os não ligados à arte (tanto dentro, quanto fora da FUNABEM)? Quais?

*R- Eu nunca parei para analisar este aspecto, não. Mas se a gente começar a ver assim por alto, assim, a coisa fica séria, realmente, porque o ex-aluno que foi ligado à arte na instituição é muito mais fácil de se relacionar.*

22. Há quanto tempo você conhece a Associação de ex-alunos da FUNABEM?

*R- Desde que ela tentou existir, há dez anos.*

23. Quais são os objetivos dela?

*R- Eu acho que a Associação não prima nem pelos objetivos, porque ela estaria pecando e um dos maiores pecados que é justamente a formação da instituição. Uma instituição que se prima por objetivos inicos, por objetivos assim ela peca, porque ela não pega dinâmica. Ela fica estática até conseguir resolver atingir os seus objetivos, até porque, as instituições estão muito mais empenhadas em conseguir aquele ponto. Eu acho que a Associação não tem um objetivo específico. O único objetivo maior da Associação, e foi esse o objetivo da sua criação, é congregar os companheiros e formar uma grande família das pessoas carentes, pessoas que não tinham um pai, uma mãe, e aqueles que já tinham pais e viessem a se encontrar e daí formar uma grande família. Acontece que os acontecimentos políticos e as cisões, que nós fomos tendo, porque quando nós saímos da instituição pouquíssimos de nós tinha visão política. Nosso objetivo era realmente congregar e tomar uma cervejinha com o pessoal, estar sempre junto com a família do cara, marcar festas e ter encontro no estilo de um clube mesmo. Só que a situação, quer dizer as aberturas políticas foram pintando e foram pintando isso, a consciência através da necessidade de lutar, de sobreviver, porque a gente não tinha essa visão de comer, a gente comia sempre bem, estava com a rou*

pinha sempre limpa e tinha lugar para dormir, não pegava chuva e, então, geralmente, pouquíssimos tinham a visão de uma sociedade p<sup>ô</sup>, tão desigual, mas era realmente de pessoas privilegiadas a nível material, pessoas privilegiadíssimas e numa época em que a classe m<sup>é</sup>-dia já estava começando a perder esse poder aquisitivo e ter que dar até o golpe aí. Então, é lógico que a gente não conhecia isso e, quando nós viemos p'ra fora, tentamos é... retomar o contato com os companheiros que nós fizemos amizade lá e tal, por várias razões, mas, depois com o tempo a gente foi pegando experiência, foi pegando vivência e sentimos que a nossa luta não podia ser só um encontro de clubinhos que nós tínhamos que fazer um movimento de fato que tentasse ser um macno nesse macro sistema que tá aí, louco.

24. Por que você procurou a Associação?

R- Eu não procurei a Associação, eu sou um dos fundadores da Associação. Eu não procurei. Em momento nenhum eu procurei a Associação, é... eu ajudei a formar a Associação e tou nela até hoje, simplesmente, porque eu acredito demais que as pessoas que estão legitimadas por uma razão ou por outra elas conseguem fazer as coisas melhor.

25. O que você faz aqui?

R- Eu sou Supervisor Administrativo.

26. O que você gostaria de ser na vida?

R- Professor de Estudos Sociais, de preferência.

27. Existe alguma atividade artística na Associação?

R- A Associação teve momentos de atividade artística e não pode concluir por falta de recursos, porque não há nada nesse mundo em que recursos não entrem e até por falta de recursos humanos mesmo. Eram dois, três ou quatro no máximo, p'ra carregar o caminhão da arte, não é fácil não. Ele enguiçava de vez em quando, mas agora nós estamos com um projeto cultural já sendo elaborado p'ra se transar isso, diretamente e, na cultura, evidentemente, a arte é primordial.

28. Por que foi instituído o encontro de artes aqui na Associação?

R- Ah, há uns três anos atrás. Havia realmente música, aulas de violão. Tinha o Grupo Vissungo que era um grupo externo que participa va aqui, mas que na verdade não estava inserido na relação ASSEAF/Arte. Eles estavam muito mais interessados é num espaço físico p'ra poder transar o grupeto deles e fazer as coisas deles. Na ver-

dade, no grupo existia ex-aluno. O fato de ser ex-aluno nem sempre significa aquela consciência do objetivo da instituição que existe aí, porque é importante não perder de vista, a gente não pode perder de vista, a Associação não é do ex-aluno nem para o ex-aluno. É a partir dele, entendeu, a gente não pode achar que o cara pelo fato de ser aluno da FUNABEM tem que tá aqui, inserido nisso aqui.

Eu acho que tanto ele opta por estar aqui, como não estar, pode estar no sindicato dele, na Associação de Moradores dele ou na casa dele mesmo, transando com o essencial, o objetivo da Associação não é recrutar, não é fazer reagrupamento, por que isso não é nosso papel, entendeu? O que a gente tá querendo é que as pessoas se conscientizem de que elas precisam trabalhar. E se o ex-aluno, está na rua batalhando pelo direito dele, nós estamos satisfeitos e ficamos felizes por saber que aquele colega está consciente, aí na luta, no direito dele. Ele não precisa estar aqui dentro, reforçando fileiras, pelo menos, eu penso assim.

29. Isto tem a ver com as atividades artísticas de dentro da FUNABEM?

R- Tem. Tem, porque na FUNABEM tinha aula de violão e, aqui, a primeira coisa que teve foi aula de violão. Teve tentativa de formação de banda e lá tem banda de música, tentativa de formação de grupo de teatro e lá tem grupo de teatro; quer dizer, o negócio é você só pode querer aquilo que você recebeu. E, lá, sempre foi assim. Você tem uma base de futuro sem fronteiras como eles dizem, mas essas fronteiras estão aí, claras, e nós sabemos disso pô. Você não pode aspirar fazer balé, porque balé é uma coisa que ninguém concebia lá dentro. Então, ninguém aqui teve vontade de fazer pintura porque ninguém conhecia pintura. Então, o que as pessoas tentaram fazer aqui é o que tinham como modelo, no qual foram criados.

30. Você acredita que a arte ajuda em alguma coisa?

R- Olha, se eu não acreditasse nisso, eu tinha que começar a repensar. É aquela velha história; sabe, quando o esporte por exemplo, vira questão de honra nacional, há que se repensar nesse ponto. Então quando há anulação da arte, quando o povo anula a arte isto tem que ser repensado. Alguma coisa tá errado. Tem que ser repensado esse povo. Eu acho que a arte é essencial.

— O que você acha que a arte traz de essência?

R- A arte não permite subterfúgios. A arte não dá espaço para mer-



tiras, hipocrisia, sacanagem. A arte liberta o ser humano naquilo que ele tem de mais na sua essência maior. O artista filtra as coisas e passa aquilo, sabe... seja a manifestação de dança, música, literatura, pintura, sabe... qualquer outra coisa. Ele se liberta. O homem quando está fazendo arte, normalmente é quase que irreconhecível.

A arte penetra tão forte no corpo, que o povo confunde o artista com a arte. O homem, o Ronaldo, se estiver muito tempo no palco, passa a ser o artista. É a identificação do povo com a arte, uma manifestação sua, é profundo.

— Quer dizer que isso ajuda no processo de identificação?

R- Totalmente. Até porque ele se solta, se liberta. Você não faz bem, aquilo que você não gosta. Se eu tiver fazendo mal uma coisa é porque na verdade eu não estou me sentindo bem.

— Isso levaria o indivíduo a gostar um pouco mais de si mesmo?

R- Acima de tudo isso, claro! Eu acho que o gostar de si mesmo, é o caminho maior.

31. A participação em atividades artísticas do tipo musical, ajuda a socialização (formar grupos, se dar bem com os outros)?

R- Claro. Eu acho que ajuda até porque, tem uma coisinha assim velha, né... antiga... que a música é a linguagem universal que congrega os homens irmanando-os pelo êxtase, é esse tipo de coisa assim.

Eu acho que é verdade mesmo. A música quando toca em cada um, haja visto hoje aí, o Rock in Rio. Tái uma massa unida e dificilmente você vai ver violência a não ser por excesso, extra-arte. Agora, essas pessoas estão irmanadas em levantar os braços, escutar e aplaudir, passar energia, haja visto o carnaval na sua musicalidade, na sua manifestação artística, de povo, de cultura, de folclore. Eu acho que ajuda sim, pô, só ajuda.

32. Você conhece alguns ex-alunos que podem ser considerados bem sucedidos? O que é ser bem sucedido para você? Por que?

R- Conheço vários companheiros. O bem sucedido para nossa classe é aquele que tem o direito de comer, o direito de comer, a estudar num colégio razoavelmente bom, a ter um carrinho, ter uma casinha própria, quer dizer uma coisinha simples e uma família constituída. Quer dizer, tem vários companheiros que tem esse lance. Então, e-

*les estão bem sucedidos, pelo menos a nível econômico financeiro.*

33. Eles tinham ou têm alguma ligação com a arte? Qual?

*R- É, tem, tinham e mantêm e se não estiverem participando atualmente como integrante de qualquer grupo de teatro, ou se qualquer outra coisa, pelo menos tem certeza que frequentam é... teatro, cinemas e, gostam da coisa, participam normalmente.*

34. O que você acha que as pessoas aqui fora pensam dos menores?

*R- O menor é da sociedade. As pessoas é que não percebem isso. Separam. Largam o menor como se ele fosse um bichinho, uma coisa ruim no organismo. E não é. Ele é parte integrante da sociedade.*

35. Os menores procuram a arte com que finalidade?

*R- Na minha visão, eu acho que o cara lá dentro pô, eu procurei para escapar de ter que ir para a sala de estudo de ter que fazer uma limpeza, p'ra nego não ficar enchendo meu saco... depois é que houve uma identificação. Mas no momento, não. Sabe, até porque o processo de seleção é muito violento. Eu, quando fui aprender violão na FUNABEM, o Mestre Pires me disse bem claro. Ah não, você não pode não porque você tem a mão, tem o braço muito pequenininho e isto me marcou a vida inteira. Sabe, então, até o despreparo das pessoas que fazem isso marcam o ser humano. Eu, por exemplo, quando pego o violão, toda vez que pego no violão me lembro disso, de que tenho o braço pequeno e não posso tocar violão.*

36. Os alunos demonstram interesse (gostam) pelas atividades artísticas?

*R- Vem com o tempo, porque quer dizer naqueles que tem... a arte é uma coisa de interior mesmo. Você não impõe arte a ninguém. Há processo de seleção natural e que às vezes a instituição não permite, porque se poderia colocar quinhentos e fatalmente cinquenta ficariam e quatrocentos e cinquenta dançariam. Mas eles preferem ver se o cara tá bem comportado, quer dizer, aí passa a ser um processo de seleção institucional, comportamento institucional, quer dizer se você for bem comportado você vai fazer música e nem sempre aquele bem comportado, e raramente o artista é muito bem comportado. O artista por si só é rebelde. Porque a arte é rebelde. Ela está sempre mudando e na instituição o cara tem que ter comportamento institucional mesmo. Bem comportado. E o garoto que não xinga o inspetor e, não sei o que, merece direitos de...*

## 37. Como manifestam este interesse?

R- Eu acho que continuando, enchendo o saco do mestre, sendo amigo do mestre, procurando se interessar um pouco mais, querendo participar, de ver as coisas...

— Adendo —

Eu acho que parece coisa combinada, eu digo que parece coisa combinada, porque todos os companheiros colocam isso e as próprias pesoas que fazem pesquisas aqui ficam assim... parece que combinam as coisas. Parece não, o que a gente pede é que um dia, seja lá o que for, seja que geração for, se não for a sua, mas seja a da sua neta, da sua bisneta, alguma coisa que eu ou outros companheiros aqui tenham dito e outros de qualquer lugar do mundo aí, tenha consequência e que não sirva mais uma vez para cair no academicismo e que a gente não sirva de cobaia para que você ou outro qualquer que venha fazer ou eu mesmo se um dia vir a fazer tudo isso, é servir de cobaia para a tese, sabe é que na verdade isso não resulte em nada, cai e as pessoas fazem, apresentam suas teses, ganham os seus diplomas, conseguem melhoria no mercado de trabalho e por ali encerra e um dia diz: É! Esta Associação eu conheço. Eu entrevistei os rapazes lá. Fiz um trabalho maravilhoso lá e não sei o que, ganhei até um prêmio e estas coisinhas mais, ganhei louvores aí de Brasília, e outros lugares mais. A gente gostaria que as pessoas entendessem que a nossa participação, enquanto pequena, é essa é da franqueza do dizer e da experiência viva da carne e poder passar essa mensagem, essas que dizem passar estas coisas assim e usar esse vínculo que você tem que é a tese, o mestrado que pessoas mais influentes lerão, p'ra se usar isso, tentando mostrar com seriedade a coisa, entendeu. A gente ficará triste como já ficamos várias vezes, e que porque ninguém aqui na ASSEAF que é uma coisa assim muito bonita, que ninguém aqui prima ou fica lutando pela paternidade de idéias. Nós não somos pais de idéia nenhuma, pelo contrário, nós somos, sabe, nós somos é filho de várias idéias vendidas por aí, sabe, mas a gente, pô, quer, gostaria, quer, na verdade é só isso, fazer esse apelo sempre ao pessoal que usem isso. Não em benefício

da ASSEAF, porque ela vai continuar, porque ela é uma instituição. Vai continuar, caindo levando porrada, subindo, descendo, mas ela vai continuar, mas em benefício de outras pessoas que poderão passar por uma instituição daquela, sabe, e que quando se apresentar uma tese, mostrar que, pô, porque que a professora, que a psicóloga, a eminente psicóloga quer que se mude a atuação artística daquela instituição, porque, ou ela direcionou o aluno muito mal ou ela não transmitiu nada àquele cara. Sabe, então a gente quer que o psicólogo, que os "ólogos" da vida tenham uma influência mesmo nisso, porque se atingiram um estágio tal da vida que hoje podem manifestar isso, e até porque representam na sua maioria é uma outra classe. É isto que eu peço.

## Entrevista nº 8 realizada com ex-aluno da FUNABEM

1. Qual é o seu nome?

R- J.V.A.

2. Qual a sua idade?

R- 28 anos

3. Quantos anos foi interno?

R- Doze anos

4. Por que foi internado?

R- Minha família não tinha condições de me criar.

5. Você tem apoio da família? Qual? Que tipo?

R- Apoio não, eu não estou precisando de apoio da minha família, eles não tiveram condições de me apoiar nem financeiramente, nem como... pais mesmos. Nós fomos desagregados um do outro. Eles chegaram aqui e eu fui para o colégio interno e só voltei para conviver com eles a partir dos 17 anos, então, a minha cabeça era totalmente diferente da cabeça deles.

6. O que você acha da FUNABEM?

R- A FUNABEM hoje? O que que eu acho da FUNABEM? É, eu acho que a FUNABEM ela cumpre um papel de cuidar das pessoas que a família não tem condições, só... que ela assumiu essa posição de pai e mãe, ela deveria se preocupar, assim que o aluno entra, da saída desse aluno, que o aluno passava doze anos lá, na minha época e de repente ele tinha que sair. Eu acho que a FUNABEM ainda é necessária, devida a situação que o povo vive. Ainda é necessária, só que tem que haver algumas modificações, como tem colégios particulares, de internato, que o cara sai dali preparado, preparado para a vida, como conviver. Você vê que o cara passou por um internato, e, no entanto, ele não tem tantos problemas como nós temos, barreiras, discriminação, estigma. Tanto é que nosso governador é ex-interno e no entanto é governador. E você dificilmente vê um ex-aluno que passou pelo instituto do SAM... na FUNABEM... tá aí galgando algumas coisas.

7. Como é feita a profissionalização na FUNABEM (algum trabalho que você pode fazer aqui fora)?

R- —

8. Você acha que a instituição FUNABEM prepara o menor para o mercado de trabalho (para trabalhar aqui fora)?

R- Ah, isso não. Por isso que eu falei o anterior.

9. A maneira de vida aprendida dentro da instituição ajuda a viver, a se adaptar aqui fora?

R- Não, não, porque é totalmente diferente. Quer dizer, eu estou falando da época em que eu fui internado. Eu acho que lá você tinha uma vida mais privada, né, você lá era preso, com toda liberdade que se põe, o portão tá aberto, pode sair a hora que quiser, mas era uma vida presa. Você era mais ou menos um... cara direcionado. Você faz isso tal hora, você faz isso aquela hora, você faz aqui, você vai lá, a FUNABEM te leva em tal lugar, a FUNABEM te traz de tal lugar. Então, isso te condicionou a esse sistema de coisas. Você não acostuma a fazer nada sozinho, então, você quer tirar um documento, a Fundação te colocava dentro de um carro, na minha época, internado, e te levava. Lá você tirava o documento e a FUNABEM te trazia, te entregava na escola. Então, você se condicionou a isso, então seu modelo de vida é isso, totalmente dirigido. Inclusive, quando eu era aluno, eu questionava isso com o psicólogo que eu acho que isso era errado. Tinha que preparar o cara para ele aprender a alguma coisa sozinho. Ele agir a sua vida sozinho.

10. Que dificuldades você encontrou quando se desligou da FUNABEM?

R- A minha primeira dificuldade foi essa, porque eles certa vez me inscrevi nos Fuzileiros, passei, a Fundação me levou p'ra fazer a prova, me trouxe e depois me levou de vez para me entregar ao Corpo de Fuzileiros Navais. Aí fui, fui fazer meu recrutamento. Certa vez, dentro dos Fuzileiros Navais, já uns 6 meses na Marinha, precisei de ir na Primeiro de Março, me apresentar p'ra servir nesse batalhão, porque eu servia na Marambaia e eu não sabia onde era a Primeiro de Março. Eu sabia que a Fundação me levou lá, mas eu sozinho não sabia. Aí, foi uma dor de cabeça p'ra eu descobrir, correr atrás, procurar saber, porque eu aí não ia perguntar a ninguém. Foi a maior batalha, quer dizer, criou muitas dificuldades. Os lugares que eu queria ir, que a Fundação sempre me levava, Recreio dos Bandeirantes, praia, museu, e eu não sabia ir sozinho. Não sabia dar um passo e por isso mesmo eu fiquei 6 anos no Corpo de Fuzileiros Navais com indecisão de querer sair, com medo de sair, porque eu

não sabia o que eu ia fazer. Depois que eu fiquei esses anos todos e fiquei me preparando lá dentro p'ra essa vida aqui fora, aproveitando o espaço do semi-interno, porque o militar é um semi-interno, ele segue aquela mesma rotina da Escola, só que ele ali é um cidadão. Ele tem que ter e criar responsabilidade ali. O cara que vem de fora, praticamente, ele passa um problema porque ele não foi criado dessa maneira. Então ele vai aprender ali dentro do quartel. Nós, é o contrário, nós fomos criados dessa maneira mas não sabemos viver aqui fora. Então, nós temos que aprender. Eles aprenderem a viver lá dentro, e, nós aprender a viver aqui fora. Então começa a nossa vida aí. Eu fiz uma pesquisa, que mesmo naquela época em que a Escola XV de Novembro era tida como elite, ali era uma faculdade da FUNABEM, aquelas pessoas que eram tidas como inteligentes, intelectuais, no mínimo passaram dez anos aqui fora, para começar a dar o seu primeiro passo. São dez anos, quer dizer dez anos é uma vida. Isso quer dizer que uma criança nasceu, ela está com dez anos e você está começando a dar o primeiro passo junto com ela. E se a gente for pesquisar, tem pessoas que não falam, mas é a verdade. São dez anos no mínimo, e isso são aquelas pessoas que nós consideramos intelectuais, que tem formatura, ia falar com o presidente, tocar violino para o Presidente, falava inglês, fazia curso na Escola Técnica e você vê essas pessoas levavam dez anos p'ra se encontrar aqui fora. Depois desses dez anos é que a gente começa a dar a nossa independência. Você vê, eu demorei seis anos p'ra poder fazer a minha vida e teve um outro grande problema que primeiro eu tive que acertar a minha família que estava desestruturada, fazer meu pai voltar a viver com a minha mãe numa boa, né, p'ra depois eu começar a tratar da minha. Comecei a tratar da minha em 84 e eu saí da FUNABEM em... 74. Eu fazendo essa pesquisa, semana passada é que eu fui fazer essa comparação: não é verdade? Até eu mesmo levei dez anos. Eu saí em 74, em 84 comecei a dar os passos sozinho, porque, primeiro, eu tinha que acertar a minha vida, da minha família que me trouxe problemas. De repente, o pessoal jogava tudo em cima de mim, como se eu fosse salvar todo mundo. E eu entrei nessa de bom coração, despreparado, quer dizer me prejudiquei, não curti a vida que tinha que curtir como jovem, vou começar a curtir agora. Até mesmo os festejos de Natal, Ano Novo, eu não fazia essas coisas, porque não tinha tempo p'ra isso. Era muita

*coisa na cabeça p'ra uma criança, quer dizer sô tinha a idade alta, mas era uma criança, raciocínio de uma criança.*

11. O que você faz aqui fora para se manter? O que gostaria de fazer?

*R- Sou autônomo, como instrutor desportivo, mas eu faço de tudo, já tentei montar uma confecção, uma serigrafia.*

*Eu gostaria de fazer o que eu faço agora. É estar envolvido em problemas sociais, comunidade. Eu tô na Associação de ex-alunos porque foi a única Associação que eu encontrei espaço p'ra poder questionar esse problema do egresso. Mas eu não fico só na questão do ex-aluno não, o problema é muito maior. Os garotos hoje mesmo, estão se perdendo, você sobe no morro e a garotada de 12 anos está toda perdida mesmo, não tem mais jeito, quase não tem retorno, se não fizer um trabalho cansativo não tem retorno mesmo, se dedicar, não tem retorno, é a vida do crime mesmo. E você vê, não é só na minha comunidade, é em todo lugar mesmo. É a onda de violência. Estão querendo combater a violência com casa de detenção, botando mais policiais p'ra reprimir. Isso não vai resolver. É o problema social que não se resolve nunca.*

12. O que você acha que os menores da FUNABEM são?

*R- Eu analiso como pessoas normais, como qualquer outra. O único problema, o único pecado que eles cometeram como eu cometi foi ter nascido pobre e na maioria negro. Pobre e negro sofre um pouquinho mais. Que é problema da discriminação. Na minha época na Escola, você via o escurinho geralmente, pelo costume da coisa, ele ia trabalhar na horta, na cozinha, ele ia capinar e o mais clarinho ia trabalhar na secretaria, ia limpar a casa do diretor, ia ter acesso às ruas. Sempre o branquinho tinha mais facilidade e geralmente por essas mordomias se desenvolvia muito mais no estudo também.*

13. O que você acha dos menores daqui de fora?

*R- Aí, já é o inverso. Lá, o cara cometeu o pecado de ter nascido pobre e negro e está dentro do colégio interno ainda precisando de quem o oriente, que o ajude, porque não basta estar dentro de um colégio interno, lá jogado lá dentro, tá amontoado num canto. E o daqui de fora, comete esse mesmo pecado, pobre, na sua maioria negro, sô que não tem quem dê assistência a ele. Quer dizer, está esperando quem dê uma mão a ele, assim como o lá de dentro está esperando também. Lá, tá todo mundo amontoado, trancado atrás de muros. Aqui*



*não, não tem muros, o muro, os obstáculos p'ra eles são as contingências do mundo.*

14. Você participou de alguma atividade artística (tocar instrumentos, cantar, etc...) na FUNABEM? Qual? Era individual ou em grupo?

*R- A que eu participei como arte foi a de modelagem, porque eu briguei por isso, porque me colocaram na mecânica geral que era ajustagem, embora eu me sãisse muito bem, mas eu queria fazer é modelagem. Era trabalho em gesso, mas também não era como arte em si, sensibilização, ali era uma profissão, era uma terapia ocupacional, era mais um espaço para ser ocupado pelo aluno e eu preferi aquilo. Aí tentaram me levar p'ra outro lado, aí eu briguei, lá dentro, eu quero é isso aqui.*

15. Você considera importante participar dessas atividades artísticas? Por que?

*R- P'ra mim, a arte é a coisa melhor que tem. Eu não me ligo à coisa material não, eu gosto mais daquilo que me mexe por dentro, a arte, a música, a dança me mexe por dentro. Eu, particularmente, gosto e acho importante, agora, tem pessoas que não são chegadas p'ra esse lado. Não acham importante isso, a gente tem que respeitar isso.*

16. Você acha que as atividades artísticas ajudam o aluno a se relacionar melhor (dentro e fora da FUNABEM)? Por que?

*R- Isso se o trabalho desenvolvido for para esse fim, aí sim ajuda.*

17. Que outras vantagens as atividades artísticas trazem para o menor? Por que?

*R- Vantagem não é só para o menor. Qualquer pessoa que transa arte, que transa a sensibilização, há vantagem. Só dele se sentir mais humano é grande vantagem.*

18. Você acha que a escola FUNABEM valoriza os alunos que trabalham com arte?

*R- Aí é fogo, porque o que eu vejo, ainda agora, é que a valorização... depende do que a pessoa entende por valorização... porque se pegar um aluno, botar na atividade, só para se apresentar p'ra FUNABEM ou qualquer outra escola, é valorização aí valoriza. Se é isso que eles dizem que é valorização, tá valorizando. O aluno, ele fazer dez apresentações numa semana, p'ra todo povo saber o trabalho que está*

*sendo feito lá dentro. Se isso para a FUNABEM é valorização, o que que eu posso fazer. P'ra mim isso é uso, uso do menor.*

19. Você considera que os ex-alunos ligados à arte têm demonstrado um melhor relacionamento, um melhor convívio, e uma melhor posição financeira?

*R- O pouco que eu vejo, eu acho que não, porque a arte não foi ... ele não aprendeu arte com esse fim... ele aprendeu arte como uma terapia ocupacional mesmo, p'ra ocupar o espaço dele. Se ele fosse transado p'ra isso, talvez ele tivesse algumas vantagens financeiras, mas p'ra isso teria que ser preparado também o mercado de trabalho aqui fora para a arte. E ele não foi.*

20. Você se relaciona com alunos ligados às atividades artísticas? Como? Onde?

*R- Em geral, eu me relaciono com qualquer tipo de aluno, esteja ele na atividade artística ou não. Geralmente, encontro com eles na rua, porque queira ou não queira, quando eu era aluno, criei um grupo de capoeira dentro da Escola. Foi o primeiro grupo de capoeira dentro da Escola XV de Novembro e eu acredito o primeiro na FUNABEM inteira. Um aluno dirigindo um grupo independente da Escola. Esse grupo marcou e a partir daí começou o incremento da capoeira dentro da FUNABEM, embora os diretores, presidente não sabe quem incrementou a capoeira dentro da FUNABEM, porque, lá, o prioritário era o judô. Eu cheguei a fazer judô, mas não era uma coisa que eu queria, estava muito distante de mim, eu queria era capoeira que estava mais perto de mim. Fiz um grupo e esse foi gerando, gerando e queiram ou não queiram, sempre quando se transa capoeira lá dentro, se fala em Vieira, Mestre Vieira. Assim, a Fundação acabou aderindo a capoeira sem saber a sua origem.*

21. Você notou ou nota alguma diferença entre os alunos ligados à arte e os não ligados à arte (tanto dentro, quanto fora da FUNABEM)? Quais?

*R- Eu acho que devido à arte, não. A diferença existe entre as pessoas, porque não somos iguais, mas por causa da arte desenvolvida lá dentro eu não vejo nem sinto.*

22. Há quanto tempo você conhece a Associação de ex-Alunos da FUNABEM?

*R- Eu conheço desde a idéia de formar a Associação, só que eu só vim depois que vieram se instalar nessa sede em 1980, que por acaso é o*

*mesmo ano da sua fundação.*

23. Quais são os objetivos dela?

*R- Primeiro era mais manter contatos mesmo com antigos colegas, os próprios mestres de dentro da Escola, tentar conversar, levantar os nossos problemas que nós passamos depois que saímos do colégio interno e tentar tirar algumas linhas, p'ra tentar melhorar alguma coisa lá dentro da Escola, p'ra que esses menores que estão lá dentro ou os que vão entrar não passem pelo menos as mesmas coisas que nós passamos. O objetivo primeiro é esse, acredito que seja esse ainda.*

24. Por que você procurou a Associação?

*R- Eu não procurei a Associação, eu fui procurado devido ao grupo de capoeira que eu criei lá dentro da FUNABEM, e, quando eu saí da FUNABEM, esses alunos me procuravam aqui fora e nós fizemos esse mesmo grupo aqui fora. Então, o grupo que eu dava aula na época era cinquenta por cento de ex-alunos, esses mesmos que começaram lá dentro comigo. Então, as pessoas que tiveram a idéia de criar a ASSEAF, querendo agrupar um número maior de ex-alunos, e sabendo que existe um grupo de capoeira comandado por um ex-aluno, que cinquenta por cento são ex-alunos, seria importante associar esse grupo à Associação.*

25. O que você faz aqui?

*R- Antes, eu era do Departamento Cultural ligado à arte, porque eu gosto muito da arte. Agora, eu tive afastado e voltei p'ra fazer administração do artesanato de bijuterias, mas, agora, acharam por bem me colocar na minha antiga função, que é desenvolver um projeto cultural.*

*— E esse projeto cultural vai constar de quê?*

*R- Eu ainda não posso falar porque ainda estamos discutindo.*

26. O que você gostaria de ser na vida?

*R- Estar envolvido em problemas sociais.*

27. Existe alguma atividade artística na Associação?

*R- Não*

28. Por que foi instituído o encontro de artes aqui na Associação?

*R- Não sei, eu acho que foi mais um empreendimento dentro da Associação, p'ra também reativar e trazer o ex-aluno p'ra aqui, porque*

a maior parte deles não querem recordações do passado, eles querem esquecer isso, eles querem ficar longe disso. Talvez, nós não estamos conseguindo fazê-los entender que o negócio não é recordar o passado, mas é tentar ajudar um grupo que irão sair para não passar os mesmos problemas deles. É isso que nós estamos com dificuldade de mostrar.

29. Isto tem a ver com as atividades artísticas de dentro da FUNABEM?

R- —

30. Você acredita que a arte ajuda em alguma coisa?

R- Eu acho que ajuda. Tudo aquilo que a pessoa faz porque gosta, sendo arte ou não, ajuda a pessoa.

— Como é que se dá essa ajuda?

R- Se a pessoa faz aquilo que gosta, não tem pessoas que atrapalhem e ela se realiza naquilo, acho que o próprio relacionamento dela com outras pessoas, é um relacionamento diferente, é mais agradável, mais sensível. Vamos falar do nosso trabalhador, ele não trabalha na construção, porque ele quer, é porque ele tem que sustentar a família que é nossa obrigação mesmo, trabalho escravo mesmo. Já chega em casa cansado, arreventado, ganha uma "micharia" e por um motivo ou outro a sua esposa não está em casa ou deixou de fazer um feijãozinho, pelo estado mental que ele já está, saturado da vida que ele leva, do que ele ganha, tem filho p'ra criar, gera os problemas de família, as pancadarias, as brigas. Eu vejo as pessoas que dizem que lutam pelos direitos de honra, direitos humanos, direitos do homem, direitos da mulher sempre questionando, mas eles nunca vão por esse campo, porque que a pessoa chega a este estado de briga dentro de casa? É essa tensão. Ele não está preparado para desenvolver um papo com as pessoas que estudaram, que foram mais a fundo aos dados de informações. Ele não tem esse acesso. Ele foi privado disso. Transformaram ele em boi de carga. Eu comparo o povo, hoje povo brasileiro, na sua maioria, como boi, que apanha, apanha, apanha, apanha, mas nunca resmunga, tá apanhando e continua ali. O cavalo não, se bater nele, ele dá coice. Esses são esses povos mais conscientizados. Se o governo começar a apertar muito, ele dá coice, e aí muda. Nosso povo, infelizmente, vai apanhando, apanhando e vai embora, esse é o trabalhador. Ele está levando as cacetadas todas, tá vendo que é um absurdo, é roubo, tão roubando o

*dinheiro dele, mas ele tá ali. Ele acha que é impotente. Se ele soubesse, se houvesse alguém que fizesse ele entender e perceber que ele tem que se unir na classe dele p'ra mudar isso, talvez mudaria alguma coisa. Teriam dificuldades, brigas sérias, até derramamento de sangue, mas se mudaria alguma coisa.*

31. A participação em atividades artísticas do tipo musical, ajuda a socialização (formar grupos, se dar bem com os outros)?

*R- Isso depende das pessoas. Hoje, é o problema da música. Hoje infelizmente, a grande massa é dirigida pela televisão. Ele transa música que a televisão coloca, ele transa música que o rádio coloca. Ele transa na música não aquilo que ele quer fazer, que ele já tem vergonha de cantar as suas próprias músicas, ele também vai pegando os mesmos vícios que a televisão vai botando. Então, se se coloca um cantor viciado na televisão, cantando as suas músicas, da maneira dele, defendendo o uso do tóxico, o cara quer transar música, mas aquele é o ídolo dele, então, se o ídolo dele também usa tóxico e fala que tá tudo bem, que isso é liberdade, infelizmente a maior gama da sociedade também vai seguir aquilo ali. Então, isso depende é da idéia da pessoa e em que nível ele está vendo essa transação de música. Eu acho que o cara que tem seu violão, canta suas músicas, tem um grupinho como eu vejo o grupo jovem aí, mesmo em Igreja, transando música, aquilo ajuda.*

32. Você conhece alguns ex-alunos que podem ser considerados bem sucedidos? O que é ser bem sucedido para você? Por que?

*R- Eu não acredito no destino. Acredito no predestino. Cada um se predestina p'raquilo que quer. Eu me predestinei a ver, de certa maneira, as coisas. P'ra mim bem sucedido é uma coisa, p'ra outras pessoas o bem sucedido é ter um bom emprego, é ter dinheiro, é ter muitas coisas. Isso p'ra mim não é bem sucedido. P'ra mim, bem sucedido é a pessoa que consegue estar bem consigo mesmo, mesmo ele estando lá no seu quartinho pequenininho, seu barraquinho, ele está bem consigo mesmo, os problemas sociais não conseguem abalá-lo tanto, se ele é consciente, se ele batalhar, batalhar, batalhar ele vai ter o suficiente p'ra viver, sem arranjar maiores encrencas p'ra ele mesmo. Bem sucedido é esse. Eu estou bem comigo mesmo, tô no sufoco, tô pobre, mas estou bem comigo mesmo, porque tem as leis da sociedade aí que nos pisa, mas eu ignoro. Sei que ela existe. É uma coisa de fato. Não posso negar, mas eu procuro ignorar porque*

eu sei que se eu entrar nessas leis, eu vou me prejudicar, porque eu não tenho condições p'ra isso. Já que eu não tenho condições, eu vou ignorar, vou vivendo a minha vida, não prejudico ninguém e não quero que ninguém me prejudique. Vou vivendo comigo. Vivo as minhas coisas. Respeito as coisas do adversário e respeito o que está aí na sociedade, só que, p'ra mim, não tem grande importância, porque aquilo ali foi o homem que fez p'ra manipular outro homem. Eu acho que nós estamos perdendo a nossa essência aqui dentro.

33. Eles tinham ou têm alguma ligação com a arte? Qual?

R- Eu não vejo essa ligação não, porque bem mesmo nós sabemos que a maioria do pessoal que transou arte lá dentro, transou os ofícios lá da Escola. Eles têm outra função totalmente diferente. Tem cara que transou arte, tá no sufoco, uns são mendigos, uns estão trabalhando de carregador de mala, carregador de caixa, serviços gerais, coisas que na verdade, na época em que eu fui internado, não éramos preparados p'ra isso. Sempre se colocava que nós seríamos doutores aqui fora. Se você começar a colocar na criança, é o mesmo que treinar um papagaio; se você começar a treinar um papagaio p'ra só falar palavrão, palavrão, palavrão, palavrão, palavrão, palavrão, palavrão, ele só vai falar palavrão, entendeu? O dia que você quiser fazer ele cantar uma música, vai embolar o meio de campo, A mesma coisa é o aluno lá de dentro, foi criado p'ra ser doutor. E nós por sermos crianças despreparadas, desequilibradas, emocionalmente, desagregadas de pais, vêm aqui fora acreditando nisso, aí chega aqui fora e não é isso? Você vai ter mesmo é que ficar lavando debaixo de carro, se sujando, a profissão que se suja, o pessoal fala ah! gari é uma profissão orgulhosa, mas só p'ra gente é que é orgulhosa? E p'ros outros? Que são médicos médicos? Que podem ser médicos? Pode-se não ter? Nós fomos preparados, por exemplo, nós temos que ser gari. Quer dizer, é um choque. É uma profissão como qualquer outra, mas p'ra mim não tem esse negócio de orgulho, não. É orgulhosa. Negativo, eu não quero ser gari. Eu não quero trabalhar me sujando todo. Queria também estar trabalhando de terno, porque me criaram assim. Até o cara perceber que a vida não é assim, já houve um choque naquilo que ele foi criado e naquilo que é o real aqui fora. Então, ele tem que se submeter àquilo, daquele estágio vai p'ra um outro aí ele vê a mesma coisa, peso p'ra lá, peso p'ra cá. Ele não está acostumado com isso. Sai, vai

trabalhar em obra, não é isso... êle não foi criado p'ra carregar saco de cimento. Então, o trabalho lá dentro deveria estar se baseando nisso também. Mostrar realmente o que é a vida e não iludir o aluno.

34. O que você acha que as pessoas aqui fora pensam dos menores?

R- Aí, é fogo! O que eu acho que as pessoas pensam, fica muito difícil para eu responder. Eu transo muito com o meu eu. Então, eu falo o que eu acho... agora, eu o que as pessoas pensam, eu teria que estar dentro dessas pessoas. O que eu vejo aí, é que as pessoas só se sensibilizam pelo problema do menor ou por outras causas quando alguém tido como líder político, ou quando alguém, da família dela mesmo, está em algum cargo, levanta esse problema. Aí, sim, se começa a mostrar, vamos ajudar as crianças... tá triste... não vê o problema do Nordeste... todo mundo sabia que o Nordeste tava morrendo de fome, todo mundo sabia que o pessoal tava morrendo de fome... aí começaram a fazer campanha... a televisão fez uma campanha bonita... contribua... o combate ao crime... aí as pessoas começam a dar opinião. Quer dizer, p'ra mim são pessoas direcionadas. Só falam aquilo se alguém vier, não, meu filho, agora você tem que falar, tem que apoiar agora, agora tem que fazer a campanha de combate ao crime. Não sinto as pessoas se mostrarem naquilo que elas querem mesmo, pelo menos em grupo geral. Eu só vejo acontecer isso, quando alguém, lá na frente, liga o botãozinho, agora, nós temos que fazer isso... agora, a palavra-chave é essa... aí, todo mundo começa a seguir.

35. Os menores procuram a arte com que finalidade?

R- A escola coloca a arte como terapia ocupacional. Agora, se uma criança, por livre e espontânea vontade, procurar qualquer tipo de arte, eu acho que, certamente, ela está se identificando com aquilo, porque êle é que está procurando... ninguém tá botando ali... no caminho... é ali, não. A mesma coisa, eu tô lá na minha academia. Eu não vou atrás de ninguém não. Não faço propaganda de nada, fico sentado lá. Aí, quando alguém entra naquela porta, para fazer pergunta sobre a minha atividade, eu acho que aquela pessoa está a fim, entendeu? Aí, depende mesmo da pessoa. Agora, quando você faz um trabalho, você é um grupo, você leva um trabalho para o centro comunitário, ou leva um trabalho p'ra rua, não é ele que está procurando

do, é você que tá levando o trabalho. Então, p'ra ele ficar parado, engraxando sapato, naquele estado, não ganhando nada e curtir uma boa pelada, ou mesmo escutando um violão ou dançando, p'ra ele aquilo ali é um vazio, é mais um acontecimento que ele vai, curte o que tem que curtir, rabisca, pinta, dança, pula, dá cambalhota. Depois, ele volta p'ra sua realidade que é engraxar sapato, vender laranja, furtar relógio, furtar coisas dos outros. Aquela é a realidade que ele está vivendo. P'ra ele sobreviver precisa daquilo, entendeu?

36. Os alunos demonstram interesse (gostam) pelas atividades artísticas?

R- Ah! Demonstram. O aluno interno, não sei se é por causa do processo mesmo, qualquer atividade que você colocar êle está interessado e disposto a fazer. Agora, cabe aos educadores perceberem que através daquela atividade que o aluno se interessou, se podia fazer um trabalho muito maior. É isso que eu acho que não acontece. Isso é que é a minha proposta no Departamento Cultural. Espero que o pessoal entenda isso.

37. Como manifestam este interesse (gosto)?

R- É pela procura.

— Adendo —

Que essa entrevista não sirva, realmente, para mais um arquivamento e que possa tirar algumas coisas, que possa ter valor, e tentar em algum lugar um trabalho que você possa realizar, fazendo isso tornar-se práticas. Eu não gosto de dar entrevista, este tipo de coisa, porque na minha cabeça esta é mais uma entrevista, a gente tenta botar o que tem dentro da mente, p'ra tentar ver se consegue mudar alguma coisa que está nisso aí e as pessoas pegam, escrevem, conseguem seus objetivos, pega e guarda, entendeu? Isso é que é o chato, porque até mesmo aqui dentro, da Associação, em tudo que é lugar, você se envolve num trabalho pensando em botar aquilo em prática. Às vezes as pessoas vêm, trabalham aquilo tudo, fazem os papéis mostram e de repente aquilo já não tem mais importância, ela cumpriu seu objetivo, aí, engavetam. Espero mais uma vez que isso



*aí, em algum lugar, que eu possa passar e de repente: pôxa, aquele pessoal que fez aquele trabalho, eu falei sobre isso. Não precisa estar o meu nome lá, não, mas eu falei sobre isso em algum lugar e estou vendo alguém fazendo. Isso p'ra mim já é uma grande coisa. Esse p'ra mim é um bem sucedido. Tô vendo uma coisa que eu to-quei e tá ali na prática.*

## Entrevista nº 9 realizada com ex-aluno da FUNABEM

1. Qual é o seu nome?

R- R.C.T.

2. Qual a sua idade?

R- 26 anos

3. Quantos anos foi interna?

R- Quatorze anos

4. Por que foi internada?

R- Devido às condições da minha mãe, não tinha condições de me criar.

5. Você tem apoio da família? Qual? Que tipo?

R- Tenho. Moro com a minha mãe. Apoio financeiro eu é que tenho que trabalhar p'ra me sustentar.

6. O que você acha da FUNABEM?

R- Num ponto, ela foi boa p'ra mim, no outro, não. Por exemplo, acho que se eu estivesse com a minha mãe não teria estudo, ia ser criada aí, minha mãe não ia ter condições mesmo de me botar na escola, no outro, passei também por muitas escolas ruins.

7. Como é feita a profissionalização na FUNABEM (algum trabalho que você pode fazer aqui fora)?

R- Ah! Não sei, não aprendi nada para trabalhar aqui fora. Aprendi, sim, artesanato, mas não falaram nada que era p'ra trabalhar aqui fora. Aprendi por aprender, p'ra ter o que fazer lá dentro.

8. Você acha que a instituição FUNABEM prepara o menor para o mercado de trabalho (para trabalhar aqui fora)?

R- Não

9. A maneira de vida aprendida dentro da instituição ajuda a viver, a se adaptar aqui fora?

R- Não, eles deveriam falar tudo que acontecesse aqui fora.

10. Que dificuldades você encontrou quando se desligou da FUNABEM?

R- Meio de comunicação. Minha mãe não sabia me empurrar p'ra mim andar p'ra frente, sabe.

11. O que você faz aqui fora para se manter? O que gostaria de fazer?

*R- Trabalho na ASSEAF como escriturária. Gostaria de fazer outra coisa. Ser dançarina, mas não posso.*

12. O que você acha que os menores da FUNABEM são?

*R- Uns "futuros maiores abandonados".*

13. O que você acha dos menores daqui de fora?

*R- Não sei não, não tenho contato com eles. Com menores, não.*

14. Você participou de alguma atividade artística (tocar instrumentos, cantar, etc...) na FUNABEM? Qual? Era individual ou em grupo?

*R- Aprendi a dançar, tocar violão, participei do Coral, pensei até que ia ser cantora. As aulas eram em grupo.*

15. Você considera importante participar dessas atividades Artísticas? Por que?

*R- Sim. Quem canta, minha filha, seus males espanta. Eu adoro música, adoro cantar.*

16. Você acha que as atividades artísticas ajudam o aluno a se relacionar melhor (dentro e fora da FUNABEM)? Por que?

*R- Sim.*

17. Que outras vantagens as atividades artísticas trazem para o menor? Por que?

*R- Ir para o palco, o teatro.*

18. Você acha que a escola FUNABEM valoriza os alunos que trabalham com arte?

*R- Naquele tempo, eu era tão pacata, tão criança, não sei não, pode valorizar lá dentro um pouco, aqui fora não.*

19. Você considera que os ex-alunos ligados à arte têm demonstrado um melhor relacionamento, um melhor convívio, e uma melhor posição financeira?

*R- Sim, mas são muito pouco. Mas tem muita gente que trabalhou com arte, lá dentro e, aqui, trabalha em outra coisa.*

20. Você se relaciona com alunos ligados às atividades artísticas? Como? Onde?

*R- Não.*

21. Você notou ou nota alguma diferença entre os alunos ligados à arte e os não ligados à arte (tanto dentro, quanto fora da FUNABEM)? Quais?

R- Tem diferença sim. Aquela pessoa faz alguma coisa ali dentro da FUNABEM é mais bem vista do que aqueles que ficam à toa lá.

22. Há quanto tempo você conhece a Associação de ex-alunos da FUNABEM?

R- Quatro anos

23. Quais são os objetivos dela?

R- Ela quer é acabar com essa fome que o ex-aluno tem, de FUNABEM, entender, por exemplo, eu me formo lá dentro, né, faço um curso o meu diploma vem, ah! Que frequentei a FUNABEM. Tem que acabar com o estigma que o aluno tem. Nem todo mundo é bandido. P'ra todo mundo, todo mundo é bandido. Ex-aluno são tudo bandido, né? Ex-aluno é aluno da FUNABEM. Então, tem que acabar com esse estigma que todo mundo tem.

24. Por que você procurou a Associação?

R- Eu não procurei, eu vim quando a ASSEAF não tinha nem nome. Nós ficávamos na reunião aí fora, não existia nem essa casinha.

25. O que você faz aqui?

R- Sou escriturária.

26. O que você gostaria de ser na vida?

R- Ah! Meu Deus do Céu, queria ser tanta coisa e não sou nada. Cantora, dançarina, ser artista.

27. Existe alguma atividade artística na Associação?

R- Por enquanto não, já existiu.

28. Por que foi instituído o encontro de artes aqui na Associação?

R- Não, era gente que vinha aqui mesmo ensaiar com o pessoal de fora. Tinha gente da ASSEAF participando, assim como eu.

29. Isto tem a ver com as atividades artísticas de dentro da FUNABEM?

R- Não, é nosso mesmo.

30. Você acredita que a arte ajuda em alguma coisa?

R-Ajuda assim, eu, p'ra mim, por exemplo, ajuda sim, entendeu? Se a pessoa se ocupar com alguma coisa, por exemplo, esses meninos aí, eles não se ocupam com nada. Talvez, se tivessem cantando, não estavam aí na rua. A maioria não estava roubando. É preciso se preocupar em fazer alguma coisa. Não estariam roubando aí fora. P'ra mim, me ajudou a lidar com muitas pessoas, conhecer muitas pessoas.

31. A participação em atividades artísticas do tipo musical, ajuda a socialização (formar grupos, se dar bem com os outros)?

*R- Ajuda, porque as pessoas ficam mais amigas, sei lá, fica todo mundo ensaiando. Aí, a gente pega mais amizade com aquela que fica no grupo, a gente fica mais agarrada com aquelas meninas que eram do grupo.*

32. Você conhece alguns ex-alunos que podem ser considerados bem sucedidos? O que é ser bem sucedido para você? Por que?

*R- Não. Bem, bem, não tem não. Tem, bem, mais ou menos, regular.*

33. Eles tinham ou têm alguma ligação com a arte? Qual?

*R- Ah, aí eu não sei. Eu acho que teve, né?*

34. O que você acha que as pessoas aqui fora pensam dos menores?

*R- Ah, os menores são todos uns delinquentes, os menores abandonados.*

35. Os menores procuram a arte com que finalidade?

*R- Eu acho que para se distrair dentro da escola.*

36. Os alunos demonstram interesse (gostam) pelas atividades artísticas?

*R- Tem muitos que demonstram, porque gostam. Lá dentro da escola, tem muitos garotos que gostam, estão a fim de fazer, porque gostam. Tem uns que vão, mas empurrados, mas que tem que fazer, antes. Agora, eu não sei.*

37. Como manifestam este interessé (gosto)?

*R- Eu acho que vai do gostar da pessoa mesmo.*

## Entrevista nº 10 realizada com ex-aluno da FUNABEM

1. Qual é o seu nome?

R- D.R.N.

2. Qual a sua idade?

R- 21 anos

3. Quantos anos foi interno?

R- Dezesete anos

4. Por que foi internado?

R- Por consequência de minha mãe, eu era pequeno, minha mãe não tinha aquela... aquela... aquela insegurança comigo, sabe? Ela não podia me sustentar. Arrumou a FUNABEM e me internou.

5. Você tem apoio da família? Qual? Que tipo?

R- Não! Nenhum apoio.

6. O que você acha da FUNABEM?

R- Eu acho também que a FUNABEM foi uma ilusão.

— E como é essa ilusão aí?

R- Ah... sei lá... nós estamos numa vida e aqui fora é outra, está entendendo? A coordenação de lá, a administração nunca explica a gente, quando a gente tem certa idade, como é a vida aqui fora, então a gente sai com uma mão na frente e outra atrás.

7. Como é feita a profissionalização na FUNABEM (algum trabalho que você pode fazer aqui fora)?

R- Lá, tem os mestres de oficina. Então, eles falam: quem quiser fazer oficina, forma aqui. Então, você tem que dá o seu palpite, qual o que você vai fazer, qual o que você quer praticar. Eu praticava solda oxí-acetilênica elétrica e farmacêutica. Era isso.

8. Você acha que a instituição FUNABEM prepara o menor para o mercado de trabalho (para trabalhar aqui fora)?

R- Não!

— Por que não?

R- Porque, eles, lá dentro, só pensam em ganhar dinheiro, sabe por quê? Porque, quando a gente é menorzinho, certo? Claro, é evidente, que quando a gente é menorzinho, cada cabecinha ali, vale três salários mínimos, certo? Então eles estão ganhando o deles e

não querem saber de nada não. Só querem saber de bater na gente, mandar a gente formar, agora, em relação a trabalho como é aqui fora, como você vai viver a sua vida aqui fora, ninguém explica não, certo?

9. A maneira de vida aprendida dentro da instituição ajuda a viver, a se adaptar aqui fora?

R- Não! Eu estou todo atrapalhado aqui fora. Não sei nem o que fazer da minha vida.

10. Que dificuldades você encontrou quando se desligou da FUNABEM?

R- Dificuldade p'ra moradia, certo? É claro e evidente quando eu saí da FUNABEM, a FUNABEM pagou um mês de pensão p'ra mim, certo? A senhora sabe que o emprego está difícil. O desemprego é geral. Tá ruim mesmo. Então, minha senhora, a FUNABEM pagou um mês de pensão p'ra mim. Quando acabasse o mês, eu era dono de si, pronto, aí, de pois, eu fiquei na mão.

11. O que você faz aqui fora para se manter? O que gostaria de fazer?

R- É... Eu bom... faço o curso de "misereologia" e "mendigologia" e "pedinteologia". Eu sô tô exercendo esse curso de "pedinteologia". Eu vivo pedindo por aí, p'ra mim comer, p'ra mim não roubã, p'ra mim não roubã porque o dia que eu botã a mão na arma eu faço miséria. É, porque você sabe, que hoje em dia... o pessoal roubava por esporte e hoje eles rouba por necessidade e, principalmente, a rapaziada da Associação de ex-alunos. Sabe por quê? É porque p'ra você arrumar um emprego aí fora, a sociedade fica se escondendo de você. Fica pensando que você é... um ladrão... um marginal, tá entendendo? E é aquelas coisas. Fica se escondendo de você. É isso.

Pôxa, sabe o que eu gostaria de fazer? Eu queria um emprego sabe. Um emprego justo e honesto. Um emprego.

12. O que você acha que os menores da FUNABEM são?

R- Coitados! A gente que tá sofrendo, que tá nessa onda sofrendo, nós temos que explicar a eles, certo, como é a vida aqui fora, porque eles estão totalmente fora do sistema, tá entendendo? Fora do sistema.

13. O que você acha dos menores daqui de fora?

R- Ah! Os menores hoje em dia, você sabe, né? Na zona Sul, as crianças, né, os menorzinhos lá como se diz... os nenês... na zona

*Sul... eles são tratados como crianças... criancinhas, certo? Agora, na zona Norte, que é subúrbio, os menores são tratados como menor, tá entendendo? Lá, é uma gíria, aqui é outra. É por isso que os menores do subúrbio que são pobres, favelados se revoltam e começam a fazer miséria por aí. Então, eu concordo com eles.*

14. Você participou de alguma atividade artística (tocar instrumentos, cantar, etc...) na FUNABEM? Era individual ou em grupo?

*R- Eu só cantei sozinho, música romântica.*

15. Você considera importante participar dessas atividades artísticas? Por que?

*R- Acho importantíssimo. Porque você, talvez você... se você tiver vocação p'ra cantar, mais tarde, você pode se projetar e ser um artista. Eu sendo artista, pelo menos vou poder defender os ex-alunos da FUNABEM. Ajuda nas condições financeiras, nas condições financeiras. Ajuda à Associação. O meu objetivo é só ajudar esse pessoal.*

16. Você acha que as atividades artísticas ajudam o aluno a se relacionar melhor (dentro e fora da FUNABEM)? Por que?

*R- Tranquilamente. Tranquilamente. Pelo menos a sociedade passa a dar mais valor. Puxa! Aquele cara é um ex-aluno e está na parada de sucesso.*

17. Que outras vantagens as atividades artísticas trazem para o menor? Por que?

*R- Conceito. A sociedade começa a dar conceito p'ra eles. Conceito. Valoriza ele.*

18. Você acha que a escola FUNABEM valoriza os alunos que trabalham com arte?

*R- No momento em que está lá dentro! No momento em que esteja fazendo uma atividade lá dentro, se torna agradável, porque depois que completa dezoito anos, o aluno é escorraçado, esquecido. Por isso é que está nessa onda aí: maior abandonado.*

19. Você considera que os ex-alunos ligados à arte têm demonstrado um melhor relacionamento, um melhor convívio, e uma melhor posição financeira?

*R- Não! São só artistas lá dentro, depois são totalmente esquecidos.*



20. Você se relaciona com alunos ligados às atividades artísticas? Como? Onde?

*R- Tenho, como o Marcos José, o Mestre Vieira aqui mesmo na Associação.*

21. Você notou ou nota alguma diferença entre os alunos ligados à arte e os não ligados à arte (tanto dentro, quanto fora da FUNABEM)? Quais?

*R- Tem. Eles sabem tocar. Eles têm vocação para tocar. Sabem tocar. E o outro não tem. Cada pessoa tem a sua atividade, cada um aprende uma coisa, certo? Porque o cara que canta, talvez ele saiba soldar, certo? Ele vai ver eu soldando e vai ficar olhando, p'ra aprender. A mesma coisa eu, quando vejo um cara tocar, certo? Eu fico alucinado porque o cara é habilidoso! Eu admiro essas pessoas que tocam violão.*

22. Há quanto tempo você conhece a Associação de ex-alunos da FUNABEM?

*R- Há quatro ou cinco anos*

23. Quais são os objetivos dela?

*R- Botã uma cozinha industrial, né?... p'ra vender comida, e o projeto de artesanato que estava sendo iniciado mas teve uma baixaria, um baixo astral, né, que acabou com os material.*

24. Por que você procurou a Associação?

*R- Porque, realmente, eu estava na sarjeta. Sabe o que é sarjeta? Eu durmo na rua, certo, porque eu não quero... eu sou um cara que tenho vergonha na cara, graças a Deus... eu posso ser tudo, mas eu sou um cara que tenho vergonha na cara. Minha mãe, quando eu era pequenininho, tudo bem, ela me internou, mas eu vou despejar logo tudo. Minha mãe, quando eu era pequeno, me botou na Escola. Tudo bem! Quando eu completei 17 anos, tudo bem, ela veio, me visitou. Mas, durante, quando eu tinha 16, 15, 14, 13, 11, 12 anos, ela não ia me visitar não. Eu via as pessoas, lá, recebendo visitas e ficava aguardando, ficava olhando, tá entendendo? Depois que eu completei certa idade, minha mãe foi lá na FUNABEM no IQN - Instituto Quinze de Novembro - e perguntou se eu queria ir p'ra casa. Tudo bem, eu perdoei ela, fui p'ra casa. Depois que eu fiquei desempregado né, já que ela não gostava de mim, já que não me amava, não tinha aquele amor de mãe, então ela me botou p'ra fora de casa. Passei a*

*ficar dormindo na rua. Eu só não cheguei na posição de roubã porque, até agora, eu tenho a minha cabeça erguida, tá entendendo? Eu tenho a minha cabecinha erguida, então eu durmo na rua, pedindo por aí p'ra não roubã. Então, eu faço curso de "Pedinteologia".*

25. O que você faz aqui?

*R- Eu, praticamente, não faço nada, porque não se tem nada p'ra fazer aqui.*

26. O que você gostaria de ser na vida?

*R- Isso é que é meio duvidoso, sei lá, cara. Eu queria ser na vida o que Deus mandasse p'ra mim, entendeu?*

27. Existe alguma atividade artística na Associação?

*R- Não.*

28. Por que foi instituído o encontro de artes aqui na Associação?

*R- Não sei.*

29. Isto tem a ver com as atividades artísticas de dentro da FUNABEM?

*R- P'ra mim são idênticas, não faz diferença, são iguais, porque tudo se relaciona à FUNABEM. Tudo é FUNABEM.*

30. Você acredita que a arte ajuda em alguma coisa?

*R- A pessoa fica sendo mais valorizada, tendo mais conceito, o cara se sente assim... um artista, um cara respeitado, tá entendendo? Ele se sente mais seguro, melhor, porque eu sou um cara inseguro, eu não tenho nada, por consequência da FUNABEM e, por consequência, eu culpo a minha mãe, também. Por causa da minha mãe.*

31. A participação em atividades artísticas do tipo musical, ajuda a socialização (formar grupos, se dar bem com os outros)?

*R- Dentro da FUNABEM não, dá no mesmo. Você canta, você é vaiado, é encarnado, ficam te pichando, te caluniando, certo? Os caras ficam colocando obstáculos. Então, lá dentro é uma vida e aqui fora é outra. Aqui fora eu acho, porque dá p'ra gente se projetar, aqui dá p'ra formar grupos com gente diferente.*

32. Você conhece alguns ex-alunos que podem ser considerados bem sucedidos? O que é ser bem sucedido p'ra você? Por que?

*R- Marcos José, só, porque ele consegue se projetar. Ele conseguiu lá dentro da FUNABEM o cargo de funcionário, de música. Ele foi bem sucedido, graças a Deus.*

33. Eles tinham ou tem alguma ligação com a arte? Qual?

R- Tinha. Ele cantava muito bem, tocava violão muito bem, tocava piano muito bem, então acho que o diretor, o presidente quando estava na hora dele ir embora, achou que o teatro ia ficar muito vazio sem ele, então arranjou esse cargo p'ra ele. Então, ele foi bem sucedido, graças a Deus.

34. O que você acha que as pessoas aqui fora pensam dos menores?

R- Pensam que a FUNABEM é uma fábrica que produz ladrão. Que você sabe que cada corpinho aí, cada matéria tem a sua consciência, não é verdade? Cada pessoa tem o seu subconsciente. Então, tem pessoas que pensam em roubã, pensam em matã, me desculpe a expressão, pensam em estrupar, cometer altas "crimiculosidades" por aí. E tem uns que pensam em estudar. E tudo se resume num lugar só. Então, ninguém sabe quem é quem, aí ficam nesse massacre aí.

35. Os menores procuram a arte com que finalidade?

R- P'ra se divertir, p'ra distrair a mente é... é, é... limpeza de mente, como as pessoas dizem por aí. Limpeza mental.

36. Os alunos demonstram interesse (gostam) pelas atividades artísticas?

R- Eu pelo menos tinha gosto.

37. Como manifestam este interesse (gosto)?

R- Participando.

## Entrevista nº 11 realizada com ex-aluno da FUNABEM

1. Qual é o seu nome?

R- V.P.

2. Qual a sua idade?

R- 21 anos

3. Quantos anos foi interno?

R- Sete para oito anos em três escolas da FUNABEM.

4. Por que foi internado?

R- Fui internado, porque naquela época, a vida... muita gente diz que era muito melhor do que agora, mas não era não. Eu não conheci meu pai, nem minha família. Eu fui parar na FUNABEM. Nem eu mesmo sei explicar.

5. Você tem apoio da família? Qual? Que tipo?

R- Nunca tive, e, agora, também, não interessa conhecer.

6. O que você acha da FUNABEM?

R- É uma escola que transforma... muita gente boa e, se transforma em gente ruim, como muitos aí estão dizendo, isso é problema de cada um.

7. Como é feita a profissionalização na FUNABEM (algum trabalho que você pode fazer aqui fora)?

R- Ah! Isso eles vem aprontando entre eles mesmos, entre eles lá, a diretoria. Sabe né, faz um grande sigilo, e eles aí, o trabalho deles é formar os alunos e encaminhar para as profissões, muitas profissões que tem lá dentro.

— E quais são essas profissões que tem lá dentro?

R- Ih! São tantas... eu mesmo fiz artesanato, carpintaria; em Viçosa, fiz eletricista e um pouco de arte, porque eu gosto, música é música.

8. Você acha que a instituição FUNABEM prepara o menor para o mercado de trabalho (para trabalhar aqui fora)?

R- Eu acho que prepara sim. Agora, se alguma coisa do mercado de trabalho tem a ver, com os documentos dos sujeitos escrito FUNABEM, isso já é da população lá de fora. A FUNABEM não tem nada a ver não. A FUNABEM educa, dá tudo que precisa cá, no dia em que aque-

*les alunos estão prontos para receber o atendimento.*

*Agora, quando acaba, chega a 18/19 anos, ela tem mais é que encaminhar, para entrar outros, que, né, afinal de contas muita gente precisa.*

9. A maneira de vida aprendida dentro da instituição ajuda a viver, a se adaptar aqui fora?

*R- Ajuda sim. Se eu não fosse aluno de lá, hoje eu sei lá... eu acho que era muito bobo. Eu sei que eu tenho poucas coisas, mas as poucas coisas que eu tenho, foi... aprendi muito na FUNABEM e hoje eu aproveito dela.*

10. Que dificuldades você encontrou quando se desligou da FUNABEM?

*R- Praticamente quase nada, porque a FUNABEM me deu serviço e... é ... um... uma pensão p'ra mim morar. Se hoje estou na rua, problema meu. Não foi por causa da FUNABEM.*

11. O que você faz aqui fora para se manter? O que gostaria de fazer?

*R- Ah! Do jeito que a vida vai passando, a gente vai aí, fazendo algum serviço e muito biscate, né? E, quando não tem, eu fico parado, e... só isso mesmo, né? Na rua, aqui eu sou conhecido e as vizinhas, aí, todo mundo me conhece, me dá comida e vai passando o dia-a-dia.*

— E quem é que arranja esses biscates para você?

*R- São as pessoas que, quando a gente dá de cara, conhece... e... eu falo que quero trabalhar. Eles falam: eu vou arranjar um trabalho, mas não é garantido; eu falo: tá tudo bem, pelo menos que dê dinheiro!*

*Gostaria de trabalhar.*

12. O que você acha que os menores da FUNABEM são?

*R- É... o que eu penso é... que lá dentro eles estão sendo preparados para quando chegar o dia deles serem desligados, saber aproveitar aquilo que hoje eles estão aprendendo na FUNABEM.*

13. O que você acha dos menores daqui de fora?

*R- Tá faltando encaminhamento. Só quem pode explicar isso é o Brizola.*

14. Você participou de alguma atividade artística (tocar instrumentos, cantar, etc...) na FUNABEM? Qual? Era individual ou em grupo?

*R- Eu cheguei a tocar na Banda do Mestre Raul lá em Viçosa. Tive*

*trabalhando também na Fanfarra. Fanfarra, lá em Viçosa, quer dizer conjunto da escola. Já fiz apresentação na João Luiz Alves, quando eu era de Viçosa.*

*As aulas eram em grupo. Tudo certinho. De manhã, a gente estudava com a professora e, de tarde, era só dedicado ao professor Raul, na aula de ensino de música.*

15. Você considera importante participar dessas atividades artísticas?

*Por que?*

*R- É, eu acho isso uma boa, porque aparecendo um... problema desse aí p'ra gente né? P'ra quem não tá fazendo nada, tem mais é que agarrar com unhas e dentes essa oportunidade.*

*— Oportunidade de quê?*

*R- De você mostrar o que você aprendeu dentro da FUNABEM.*

16. Você acha que as atividades artísticas ajudam o aluno a se relacionar melhor (dentro e fora da FUNABEM)? Por que?

*R- Eu acho que sim, porque aquele que está na vida artística, querendo começar, ele vai se dedicar com muitas pessoas e essas pessoas ensina muitas coisas que... dentro da FUNABEM é um tipo de pessoa e fora a gente não sabe. Por isso, é muito bom a gente se dar com outras pessoas.*

17. Que outras vantagens as atividades artísticas trazem para o menor?

*Por que?*

*R- Muita coisa, por exemplo, esse aluno que está aprendendo na Escola de repente é chamado à Banda p'ra tocar lá fora. Esse vai, e aquele que não está aprendendo não vai. Então, só nisso, já é muito importante.*

*— E o que acontece quando ele vai tocar lá fora, como aconteceu com você?*

*R- Eu tô representando uma escola, aonde eu fui p'ra lá p'ra aprender e hoje eu sei, eu tô tocando em benefício daquela escola. Só de escutar da onde é essa Banda aí? Essa Banda é da FUNABEM. Então eu me sinto muito orgulhoso de ter aprendido ali.*

18. Você acha que a escola FUNABEM valoriza os alunos que trabalham com arte?

*R- Valoriza sim, dando mais apoio. As oportunidades que chegarem, importantes por exemplo, como emprego, eles escolhem as pessoas que elas acham que se dedicam.*

19. Você considera que os ex-alunos ligados à arte têm demonstrado um melhor relacionamento, um melhor convívio, e uma melhor posição financeira?

R- Eu acho que tem sim. Um disse desse, eu tive de "rolê", lá na Cinelândia e lá tinha um grupo muito famoso tocando. E lá, nesse grupo, eu conheci um ex-aluno. Esse cara é o Paulo Henrique, foi aluno junto comigo na Cidade dos Meninos. Por isso, eu acho que tem condições sim.

20. Você se relaciona com alunos ligados às atividades artísticas? Como? Onde?

R- Não só com alunos ligados às atividades artísticas, mas, também, com aqueles que não fazem nada, porque eu me dedico muito a música, mas também eu não faço quase nada e eu tenho muitos colegas nessa parte. E é só dizer que é aluno da FUNABEM, que é meu amigo, é meu irmão.

21. Você notou ou nota alguma diferença entre os alunos ligados à arte e os não ligados à arte (tanto dentro, quanto fora da FUNABEM)?

R- A diferença tem sim quando você tá... no seu tempo de fazer a arte, de aprender, e aquele não tá fazendo nada. Depois, todos dois ficam juntos e não tem a ver mais.

22. Há quanto tempo você conhece a Associação de ex-Alunos da FUNABEM?

R- Há três anos.

23. Quais são os objetivos dela?

R- Pelo que eu venho escutando, aos poucos, eu acho que... como todos nós queremos subir, a Associação também quer subir com esses projetos. Eu também estou ansioso p'ra ver.

24. Por que você procurou a Associação?

R- Porque, no momento, era ela sim que dava banho p'ra gente tomar de manhã, café, almoço, não teria outro lugar, sem ser a Associação.

— Hoje ainda existe esse banho, café, almoço?

R- Quando nós chegamos p'ra cá tinha banho e café, mas, agora, não tem café, mas tem banho, mas tem muita mordomia. Então, não mudou nada praticamente.

— Quais são essas mordomias?

R- Mordomia é muita gente que não faz nada, tá desempregado, acorda, vai p'ro sol se queimar, ou, então, vai p'ra rua, praia, volta,

*chega à noite vai dormir, chega noutro dia, de novo, vai p'ro sol, vai p'ra praia, porque não tem nada p'ra fazer. Não é uma mordomia?*

25. O que você faz aqui?

*R- Isso aí que eu falei. Nada. De vez em quando, cantando, pelos cantos da Associação. Passatempo.*

26. O que você gostaria de ser na vida?

*R- Eu prefiro não escolher. O que viesse, eu pegasse p'ra trabalhar porque tá ruim. Eu sempre me dediquei à música, mas tem uma coisa mais importante p'ra mim do que a música é jogar bola. Cheguei a treinar no Fluminense e no Olaria, mas não me dei bem não. Eu gostaria de ser jogador de futebol.*

27. Existe alguma atividade artística na Associação?

*R- Que eu saiba não.*

28. Por que foi instituído o encontro de artes aqui na Associação?

*R- Sobre aqui na Associação, a senhora não leva a mal não, eu não sei explicar não, porque eu não sou desse tempo.*

29. Isto tem a ver com as atividades artísticas de dentro da FUNABEM?

*R- Tem isso. Onde eu aprendi é na FUNABEM.*

30. Você acredita que a arte ajuda em alguma coisa?

*R- A arte é uma coisa muito importante. Claro que ajuda a evoluir o seu corpo, a se valorizar.*

31. A participação em atividades artísticas do tipo musical, ajuda a socialização (formar grupos, se dar bem com os outros)?

*R- Ajuda, porque a atividade grupal eu acho que é com grupo e esse grupo é a Fanfarra, e a Fanfarra era mais de cinquenta pessoas. Claro que ajuda.*

32. Você conhece alguns ex-alunos que podem ser considerados bem sucedidos? O que é ser bem sucedido para você? Por que?

*R- O bem sucedido é uma pessoa do tipo do seu Ivanir que estudou e as coisas p'ra êle caiu um pouco bem melhor, porque tá empregado, mas agora tá desempregado. Mas todo mundo sabe quem é Ivanir, do que êle é capaz de fazer a qualquer momento. Ele está desempregado, agora, porque ele quer, mas saiu daonde? Quanto é que ele recebia? Então, todo mundo conhece Ivanir. Um exemplo, é êle, Ivanir, Presidente da Associação, com muito orgulho.*



33. Eles tinham ou têm alguma ligação com a arte? Qual?

*R- Não, eu acho que não, ele é uma pessoa muito ocupada.*

34. O que você acha que as pessoas aqui fora pensam dos menores?

*R- Cada um pensa do jeito que achar melhor. Tem muitos que pensam que os menores lá dentro são ladrão. Tem outros que já reconhecem, que não é nada disso, tão ali p'ra aprender, porque precisam, não é nenhum filhinho de papai e mamãe que está lá dentro.*

35. Os menores procuram a arte com que finalidade?

*R- Afinal de contas, eles foram p'ra lá p'ra aprender, p'ra mais tarde ser alguma coisa na vida. Então, a arte, é em primeiro lugar, a procura deles.*

36. Os alunos demonstram interesse (gostam) pelas atividades artísticas?

*R- Demonstram.*

37. Como manifestam este interesse (gosto)?

*R- Procurando chegar mais rápido e na hora de ir embora, assim, tem muitos que até reclamam: pô, a hora passa rapidinho.*

— Adendo —

*P'ra mim tá tudo jóia.*

## Entrevista nº 12 realizada com ex-aluno da FUNABEM

1. Qual é o seu nome

R- E.A.P.

2. Qual a sua idade?

R- 19 anos

3. Quantos anos foi interno?

R- Sete anos

4. Por que foi internado?

R- Eu, realmente, vadiava na rua, fugia de casa, tal, a minha irmã resolveu me internar.

5. Você tem apoio da família? Qual? Que tipo?

R- Não

6. O que você acha da FUNABEM?

R- A FUNABEM é uma excelente educadora de alunos.

7. Como é feita a profissionalização na FUNABEM (algum trabalho que vo cê pode fazer aqui fora)?

R- A profissão, lá, é feita de várias modalidades. Tem muitas coisas, tem serralheria, tem tudo quanto é tipo de curso lá tem, torneiro mecânico, solda.

8. Você acha que a instituição FUNABEM prepara o menor para o mercado de trabalho (para trabalhar aqui fora)?

R- Acho, porque os cursos de lá podem ser até melhor do que o daqui de fora, porque lá tem mais apoio, certo? E os daqui de fora, são mais, não tem muita... sei lá. Eu acho que os de lá são melhor mesmo.

9. A maneira de vida aprendida dentro da instituição ajuda a viver, a se adaptar aqui fora?

R- Ajuda é a que eles saiba a ter mais convivência com a sociedade.

10. Que dificuldades você encontrou quando se desligou da FUNABEM?

R- Várias. Eu não estava acostumado muito a sair e, depois, eu vi que o emprego estava difícil mesmo. Não estava acostumado a trabalhar fora, certo? Estas foram as minhas dificuldades.

11. O que você faz aqui fora para se manter? O que gostaria de fazer?

*R- Agora, no momento, eu estou em obra mesmo. Claro que ninguém gosta, mas tem que ser isso mesmo, porque, se não é assim, não dá para sobreviver. Eu gostaria de entrar na minha profissão como ser ralheiro ou até mesmo como motorista, mas como ainda não houve a possibilidade eu fico nela mesmo.*

12. O que você acha que os menores da FUNABEM são?

*R- Eu acho eles como se fossem meus irmãos, também porque nós fomos criados juntos, somos todos reunidos ali, certo? E eles ali também brevemente serão no futuro o que todos podem esperar. As pessoas esperam uma boa conduta deles aqui fora, como assim, trabalhar, viver junto com a sociedade, numa boa.*

13. O que você acha dos menores daqui de fora?

*R- —*

14. Você participou de alguma atividade artística (tocar instrumentos, cantar, etc...) na FUNABEM? Qual? Era individual ou em grupo?

*R- Eu participei de muitos. Não, eu participei do teatro, de algumas músicas, violão. Eu não fui adiante na aula de violão, porque eu tive, eu tava p'ra sair da escola, então, não deu p'ra continuar. Eu gostava e ainda gosto. As aulas eram em grupo, mas também eu estudava no meu canto sossegado.*

15. Você considera importante participar dessas atividades artísticas? Por que?

*R- Acho. Porque, dá mais vida na pessoa, faz com que ela seja mais feliz, tem mais "agonia" para encarar o tipo musical. Tem mais vida, se solta mais.*

16. Você acha que as atividades artísticas ajudam o aluno a se relacionar melhor (dentro e fora da FUNABEM)? Por que?

*R- Sim, por causa do grupo.*

17. Que outras vantagens as atividades artísticas trazem para o menor? Por que?

*R- Ajuda a viver, a conviver em grupo, a se relacionar melhor.*

18. Você acha que a escola FUNABEM valoriza os alunos que trabalham com arte?

*R- Acho, porque tem aluno que se interessa pelo tipo de trabalho e vai em frente.*

19. Você considera que os ex-alunos ligados à arte têm demonstrado um melhor relacionamento, um melhor convívio, e uma melhor posição financeira?

*R- Não, isso pode ser que eu considere, mas que ainda não cheguei a ver. Mas tem vários alunos que estão na Aeronáutica, na Marinha, agora são músicos profissionais, sargento, terceiro sargento, tudo formado através da música.*

20. Você se relaciona com alunos ligados às atividades artísticas? Como? Onde?

*R- Não.*

21. Você notou ou nota alguma diferença entre os alunos ligados à arte e os não ligados à arte (tanto dentro, quanto fora da FUNABEM)? Quais?

*R- Não, só que eles são mais dedicados à música.*

22. Há quanto tempo você conhece a Associação de ex-Alunos da FUNABEM?

*R- Um mês.*

23. Quais são os objetivos dela?

*R- Ela existe para ajudar o ex-aluno.*

24. Por que você procurou a Associação?

*R- Eu procurei, realmente, porque estou precisando mesmo de ajuda médica.*

25. O que você faz aqui?

*R- Não faço nada na Associação. Vim buscar ajuda médica, porque acho que o medicamento na FUNABEM é até melhor que os hospitais aí fora. Por isso eu venho recorrer a eles.*

26. O que você gostaria de ser na vida?

*R- Ser serralheiro ou motorista.*

27. Existe alguma atividade artística na Associação?

*R- Não.*

28. Por que foi instituído o encontro de artes aqui na Associação?

*R- Não tenho a mínima idéia, porque não sou bem convivido com eles aqui. Eu venho aqui de vez em quando.*

29. Isto tem a ver com as atividades artísticas de dentro da FUNABEM?

*R- Não.*

30. Você acredita que a arte ajuda em alguma coisa?

R- Acho. Ajuda a abrir mais a memória, fazendo que ele seja mais a tivo na sociedade.

31. A participação em atividades artísticas do tipo musical, ajuda a socialização (formar grupos, se dar bem com os outros)?

R- Isso depende do tipo da pessoa, porque tem pessoas que gostam de fazer o canto dela sozinho. Tem outros que gostam de conjunto.

32. Você conhece alguns ex-alunos que podem ser considerados bem sucedidos? O que é ser bem sucedido para você? Por que?

R- Conheço. Porque, foram p'ra Marinha.

33. Eles tinham ou têm alguma ligação com a arte? Qual?

R- No momento, não me lembro. Agora, eles estão ainda na música.

34. O que você acha que as pessoas aqui fora pensam dos menores?

R- Eu acho que eles pensam que os menores são isso, são aquilo, marginais, traficantes que a Escola não ensina, piora mais, a vida do aluno. Isso várias pessoas imaginam. Eu já vi, certo? Muitas pessoas dá malho na FUNABEM, certo? Mas eu acho, que não é nada disso. Eles ainda não foram ver. Não foram lá saber o que é a FUNABEM, realmente, porque p'ra mim a FUNABEM é uma excelente educativa de aluno. Sabe educar muito bem, agora, só não se educa quem não quer.

35. Os menores procuram a arte com que finalidade?

R- Ah! Isso aí. Eu procurei a arte realmente p'ra mim aprender, eu gostaria de aprender violão, é uma coisa tão legal p'ra mim, eu gosto de cantar também. Eu me sinto mais descontraído.

36. Os alunos demonstram interesse (gostam) pelas atividades artísticas?

R- Acho, alguns. Quem gosta, gosta, quem não gosta, não gosta, por que tem uns que gostam da arte, tem uns que não são chegados mesmo.

37. Como manifestam este interesse (gosto)?

R- Convive bem, tem mais intimidade com o pessoal, tem mais relações e criam hábito de educação.

## Entrevista nº 13 realizada com ex-aluno da FUNABEM

1. Qual é o seu nome?

R- R.O.

2. Qual a sua idade?

R- 18 anos

3. Quantos anos foi interno?

R- Seis anos

4. Por que foi internado?

R- Sei lá. Eu acho que foi caso de necessidade mesmo.

— E qual foi essa necessidade?

R- Familiar, tínhamos dois, quatro, cinco,... cinco irmãs, não tinha condições mesmo. Eu mesmo era um que sempre fugia, ficava o pau e saía correndo de casa. Não ficava mesmo. Minha irmã já era casada e era mais destacada mesmo. Meu irmão já era da Marinha e o outro trabalhava fora, à noite. Eu que era o menor, só vivia apanhando, aí, saía de casa, quer dizer, via todo mundo: minha irmã casada, meu irmão na Marinha, o outro trabalhava fora à noite e eu menor só no coro, saía de casa.

5. Você tem apoio da família? Qual? Que tipo?

R- Não.

— Você tem família?

R- Agora, nem sei se estão lá ainda.

6. O que você acha da FUNABEM?

R- P'ra mim... a FUNABEM... sei lá, morou?

FUNABEM, nada... FUNABEM p'ra mim é um quartel, é a mesma coisa, o mesmo gênero.

7. Como é feita a profissionalização na FUNABEM (algun trabalho que você pode fazer aqui fora)?

R- A profissão é muito boa, mas também não dá. A gente lá dentro, da Escola XV, por exemplo, eu fiz solda elétrica e oxiacetilênica. O que adiantou? Eu fiz, me deram a carta p'ra ir para o CB, eu fui, né? Tinha o diploma de veterinário, tecelagem, tudo isso é diploma. Cadê? A gente vive aí.

8. Você acha que a instituição FUNABEM prepara o menor para o mercado de trabalho (para trabalhar aqui fora)?

R- É... eu acho que prepara... prepara muito bem!

— E ela te preparou?

R- Preparou, preparou, pô. Assim que... eu não servi o quartel me deu um papel p'ra eu ir no Estaleiro... Caneco, ali no Caju. Realmente, não tinha condições mesmo, estava tudo lotado, quer dizer... no mesmo dia que eu cheguei lá tinha acabado de morrer quatro pessoas, caiu quatro toneladas de chapa...

9. A maneira de vida aprendida dentro da instituição ajuda a viver, a se adaptar aqui fora?

R- Ah! Bem. Aí depende, digamos, pô, um cara aprendendo lá dentro uma mecânica, né, encaminhando o cara, ele pode muito bem pegá uma mecânica aqui fora.

10. Que dificuldades você encontrou quando se desligou da FUNABEM?

R- Dificuldades? Ah, não vou dizer que tive dificuldades.

11. O que você faz aqui fora para se manter? O que gostaria de fazer?

R- É isso aí, que a senhora vê aí.

— Isso aí o quê?

R- P'ra cima, p'ra baixo, vai lá, sei que arruma alguma coisa. Vai no supermercado pede uma coisa... se der para descuidar alguma coisa, dá...

— E o que é esse arrumar alguma coisa?

R- Quando a gente com a bolsa aí... chega na padaria... se der p'ro cara arrumar pão p'ra gente, a gente chega aqui e faz um café, come com pão. E assim, tá indo, mas, também tem dia que não come nada também.

O que eu gostaria de fazer? Ah! Que tivesse meu canto, sabe como é? Tenho tanta profissão e nenhuma delas... chegou a... sei lá...

12. O que você acha que os menores da FUNABEM são?

R- Os outros menores? Ah... vou dizer logo... nós também, né, adolescentes, nós, eu, muitos...

13. O que você acha dos menores aqui de fora?

R- É... p'ra mim não tem diferença, porque lá dentro é a mesma coisa.

14. Você participou de alguma atividade artística (tocar instrumentos, cantar, etc...) na FUNABEM? Qual? Era individual ou em grupo?

R- *Violão, mas não cheguei a me dar bem. Era em grupo.*

15. Você considera importante participar dessas atividades artísticas? Por que?

R- *Acho! Nada mais, nada menos, pô, é uma arte, nós podemos... pre valecer.*

16. Você acha que as atividades artísticas ajudam o aluno a se relacionar melhor (dentro e fora da FUNABEM)? Por que?

R- *É... p'ra mim eu acho que ajuda sim.*

17. Que outras vantagens as atividades artísticas trazem para o menor? Por que?

R- *É... ajuda sim. Lã tinha uma rapaziada que ia aprender jazz, iluminação...*

*Eu fui... p'ra mim aprender violão, mas não tive uma boa aproveitação, quer dizer sei não aprendendo nada.*

18. Você acha que a escola FUNABEM valoriza os alunos que trabalham com arte?

R- *Não. Os rapazes do violão não, mas o da Banda dizem que eles dão um pouco.*

19. Você considera que os ex-alunos ligados à arte têm demonstrado um melhor relacionamento, um melhor convívio, e uma melhor posição financeira?

R- *Tem alguns. Alguns se dão bem, mas por outro lado também... é ... não dá nem vontade de dizer... é até triste, mesmo.*

— Por que é triste?

R- *Não é triste mesmo? Se a senhora passar na cidade, por exemplo, vai ver muitos ex-alunos, à noite, quer dizer assim... todo sujo, com fome. E, do outro lado, já passa outro todo arrumado "pam" documentado. Quer dizer, a vida é essa mesmo.*

20. Você se relaciona com alunos ligados às atividades artísticas? Como? Onde?

R- *É... não.*

21. Você notou ou nota alguma diferença entre os alunos ligados à arte e os não ligados à arte (tanto dentro, quanto fora da FUNABEM)?

Quais?



R- Não.

22. Há quanto tempo você conhece a Associação de ex-Alunos da FUNABEM?

R- Três, quatro meses.

23. Quais são os objetivos dela?

R- O objetivo dela? O objetivo da Associação? Não.

24. Por que você procurou a Associação?

R- O meu caso foi o seguinte: antes disso, eu trabalhava na Casas da Banha, fiquei nove meses lá... mas aí... depois de nove meses lá ... mas aí... depois de nove meses o chefe lá... me transferiu para o escritório geral... mas... chegando lá, o cara era p'ra me transferir... mas o cara me deu demissão... me demitiu e nesse lance todo que eu saí correndo atrás de um e de outro, chegou em Madureira, perdi meus documentos, pá, voltei e não achei mais nada. Depois, continuei, né, achei certidão, achei o título, mas não achei a identidade, o certificado, a carteira profissional, aí vim encontrando e encontrei com um rapaz o Vicente Isidoro. Ele chegou, eu já estava no "perrengue" mesmo, porque eu estava pagando um quarto alugado aí chegou e tal, aí..., pá, não sei o quê... e vim embora. Tava na pior mesmo. Aí, eu fiquei aqui.

25. O que você faz aqui?

R- O que eu faço? Aqui dentro, aqui dentro mesmo da ASSEAF, só se for um caso que precisar... de repente uma fachina na casa.

26. O que você gostaria de ser na vida?

R- O que eu gostaria de ser na vida? Eu gostaria de ser muito... sa be como é que é? Por exemplo, na minha profissão adequada, eu acho que já bastava.

— E qual é a sua profissão adequada?

R- Bem, uma que eu me dediquei mesmo foi a tecelagem e a solda elétrica. Me dediquei muito mais a tecelagem, tecido mesmo.

27. Existe alguma atividade artística na Associação?

R- Tinha sei lá... tem... com o Mestre Gugu... sei lá.

28. Por que foi instituído o encontro de artes aqui na Associação?

R- Não sei.

29. Isto tem a ver com as atividades artísticas de dentro da FUNABEM?

R- Não. Eu acho que não.

30. Você acredita que a arte ajuda em alguma coisa?

R- A arte? É... p'ra mim não ajudou em nada.

31. A participação em atividades artísticas do tipo musical, ajuda a socialização (formar grupos, se dar bem com os outros)?

R- Através da música? Creio que consegue sim, consegue. Através da música consegue sim.

32. Você conhece alguns ex-alunos que podem ser considerados bem sucedididos? O que é ser bem sucedido para você? Por que?

R- Não. Bem sucedido? Bem sucedido é uma pessoa assim, digamos... de alto nível.

33. Eles tinham ou têm alguma ligação com a arte? Qual?

R- Não sei.

34. O que você acha que as pessoas aqui fora pensam dos menores?

R- Pensam... pelas pessoas... muitas vezes eu já ouvi. Umas pensam pelo lado bom e outras pensam pelo lado mau, quer dizer, umas falam: aquele moleque de lá é tudo ladrão. Outros já dizem: não, aquele garotinho... Quer dizer não dá p'ra entender.

35. Os menores procuram a arte com que finalidade?

R- Porque é muito bonito. Com a finalidade mental, mental mesmo.

36. Os alunos demonstram interesse (gostam) pelas atividades artísticas?

R- Tem... acho que tem sim.

37. Como manifestam este interesse (gosto)?

R- É... através dos mestres, procurando.

Tese apresentada aos senhores

Nome dos compo  
nentes da ban  
ca examinadora

Angela Caludare, Leite de Souza  
(Pres.)

Dr. Rubele Maria Rina

Maria Lúcia de Faria

Visto e permitido a impressão

Rio de Janeiro, 17/10/86

[Assinatura]  
Coordenador Geral de Ensino

[Assinatura]  
Coordenador Geral de Pesquisa